

# fundamentos

ANO IV \* N.º 24 \* JAN. 1952



# ARQUITETURA MODERNA?

## JORGE AMADO - *premio Stalin*

JOLIOT CURIE E  
PAUL LANGEVIN  
Romulo Argentière

OS 4 MELHORES FILMES  
DO ANO

A URSS E O COMUNISMO  
I. Stepanov

A CRÍTICA DE ARTE  
CONTEMPORANEA  
Fernando Pedreira

CHARGES  
Dan

Preço Cr\$ 5,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR  
MONTEIRO LOBATO



# fundamentos

ANO IV — N.º 24 — JAN. 1952

## INDICE

•••

Editorial — Jorge Amado ganha o Premio Stalin da Paz	
<i>Eduardo Sucupira Filho</i> .....	3
Joliot-Curie e Paul Langevin, heróis da Ciência	
<i>Romulo Argentiére</i> .....	5
O advento do comunismo na URSS	
<i>I. Stepanov</i> .....	8
A crítica de arte contemporânea	
<i>I. Pedreira</i> .....	13
Partidários da Paz	
<i>Carlos Alberto Souza Barros</i> ....	16
Homenagem a Luís Carlos Prestes ...	19
Os caminhos da arquitetura moderna	
<i>J. Vilanova Artigas</i> .....	20
Um falso retrato do Brasil	
<i>Fernando H. Cardoso</i> .....	26
Cinema .....	29
Notas e notícias .....	30
Livros e Revistas .....	31
Manifesto de convocação da Conferência Continental de Paz .....	32

COMISSAO DE REDAÇÃO: — Afonso Schmidt, Artur Neves, Caio Prado Junior J. E. Fernandes, J. Vilanova Artigas, Rivadavia Mendonça, Rui Barbosa Cardoso e Fernando Segismundo.

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originals.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9.º — Sala 96 São Paulo.

DIRETOR RESPONSÁVEL: — Rui Barbosa Cardoso.

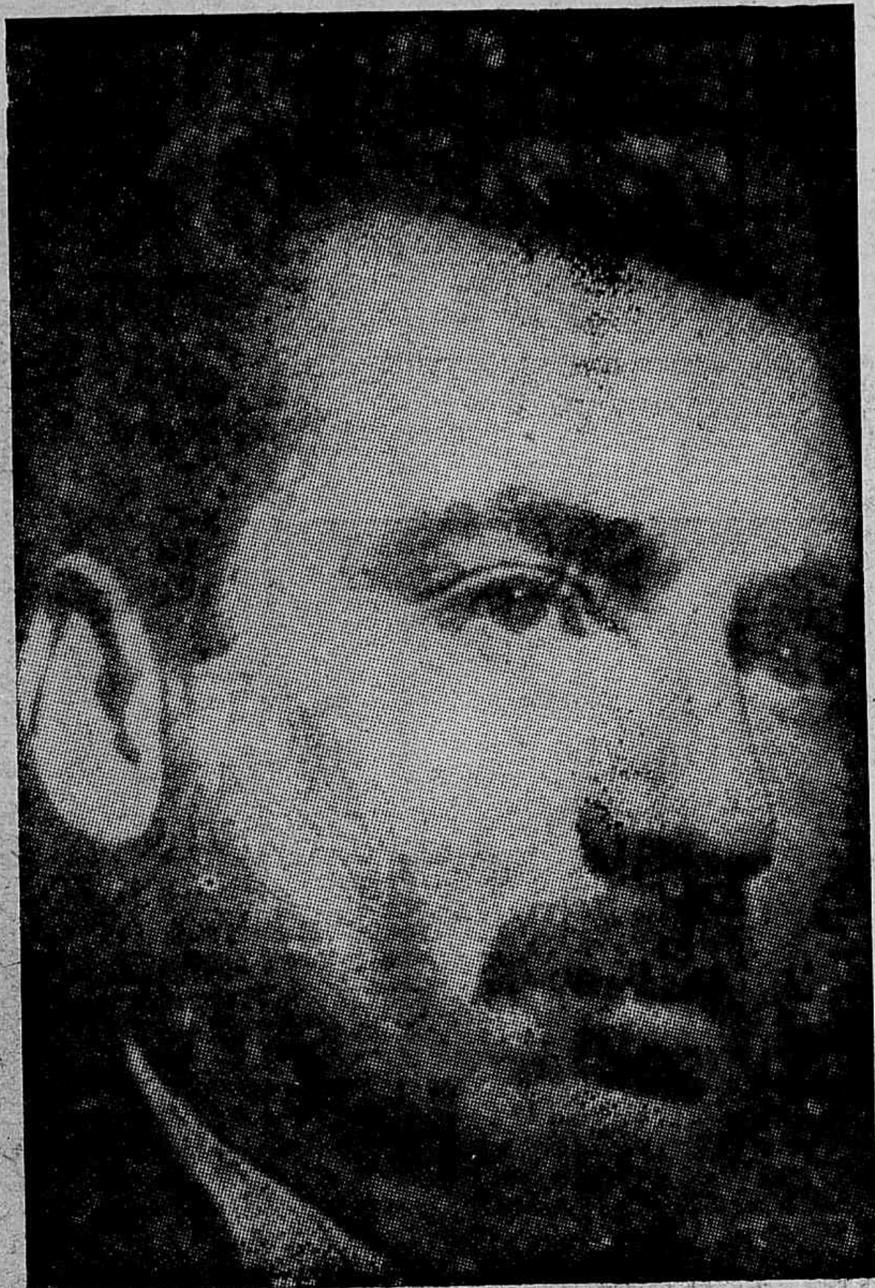


— Solte agora  
— Espere um pouco



# JORGE AMADO GANHA O PRÊMIO STALIN DA PAZ

Eduardo Sucupira Filho



O Congresso de Wroslaw realizado em 1948 marcou o início do grande movimento de opinião pública dirigido pelos intelectuais em favor da paz. Meio milhar dos mais expressivos valores culturais de todo o mundo deram uma demonstração irretorquível de que eram os primeiros a pôr-se na vanguarda do progresso afirmando a decisão de não permitirem novas aventuras guerreiras pelo mundo.

Entre os 500 intelectuais presentes ao Congresso de Wroslaw já se encontrava o escritor brasileiro Jorge Amado. Jorge Amado que desde o começo de sua formação literária viveu a vida de seu povo, principalmente a do homem nordestino, mostrando os seus dramas de homem explorado, acaba de receber a mais alta e nobre distinção que um intelectual poderia desejar: o Prêmio Stálin da Paz. Essa mesma distinção outorgada às mais altas expressões da cultura e da ciência universais, como Joliot-Curie, Hewlet Johnson (o deão de Canterbury), Ana Seghers, Pietro Neni e outros constitui inequívoca premiação a seus méritos de escritor a serviço da paz e homenagem aos milhões de brasileiros que lutam pela paz. Autor de uma série de livros já traduzidos para inúmeros idiomas, Jorge Amado foi dos homens de letras da atualidade, o brasileiro que mais projeção alcançou dentro e fora

de sua pátria. O conteúdo de sua obra, o vigor com que retrata os homens explorados nas plantações de cacau do sul da Bahia, o amor com que impregna seus personagens simples, os costumes, os cantos e os sofrimentos, conferiram-lhe um lugar de destaque na literatura mundial. O exemplo de Jorge Amado é um estímulo para os escritores honestos de nossa terra que ainda se deixam convencer pelas falsas auras de apoliticismo e indiferença ante os problemas da vida. Não foi por acaso que Ilya Ehrenburg em seu discurso da terceira sessão do comitê permanente do Congresso Mundial dos Partidários da Paz frisou a responsabilidade do escritor nos dias que correm: "O escritor que descreve um simples amor humano é responsável por todos os amantes do mundo, por todos os berços, por todos os jardins. O escritor que fala aos homens é responsável por todos os homens."

As obras duradouras são precisamente as que estão ligadas à vida e às aspirações do povo, e nenhum escritor que se preze dêse título poderá sobreviver fora do clima e do convívio de seu povo; não se pode produzir obra literária sem utilizar as fontes vivificadoras da realidade social. A vida de nossos homens e mulheres, as energias e os ideais que criam as obras de arte e os mais exaltados sentimentos de fraternidade humana estão comprometidos pelo perigo de guerra, em face das crescentes tentativas de ampliar os focos já existentes.

Cada dia que passa vê novos homens de letras colocarem-se, como Jorge Amado, nas fronteiras da paz de cada país contra os que ensaiam novos atentados ao patrimônio espiritual das nações. Intelectuais, artistas e cientistas percebem mais e mais que não podem fugir à responsabilidade histórica frente a seus contemporâneos na preservação das conquistas culturais. Outros há que ainda procuram justificar seu isolacionismo sob os mais variados pretextos. Examinando a posição desses intelectuais, Leon Moussignac dizia, com justeza, por ocasião do mesmo Congresso de Wroslaw: — "Não se venha dizer que a liberdade do escritor só pode existir fora de qualquer ação. O pensamento é ação. O pensamento, a obra de arte, são coisas vivas: elas vivem da sociedade e na sociedade."

O prêmio de paz conferido a Jorge Amado é uma consequência de sua infatigável atividade literária a favor da paz. Percorrendo diversos países da Europa, as democracias populares e a União Soviética, em todos esses lugares mostrou traços da vida de nosso povo, os seus anseios de paz e de cooperação com os demais povos do mundo. "Mundo de Paz", sua última criação, onde descreve em linguagem entusiasta a vida prodigiosa do povo soviético, inteiramente voltado para as realizações de paz, constitui um dos mais legítimos sucessos literários dos últimos tempos. A ressonância dessa obra, entre nós, brasileiros, tem alcançado todos os setores.

Jorge Amado é um escritor que cumpre com dignidade a grande missão que cabe ao escritor de

nossos dias: servir à paz; contribuir para que outros povos conheçam a vida de nosso povo. Em seus livros está impressa uma parte da realidade brasileira. E conhecer a realidade é uma das condições necessárias ao desenvolvimento do escritor. Todo homem de letras que não esteja dominado por preconceitos nem alheado egoisticamente da vida sabe que não é possível criar obra duradoura se não fizer por distinguir as forças dinâmicas que conduzem ao futuro. Fazendo viver seus personagens em função de nobres ideais — entre eles a luta pela paz e o progresso — ao escritor, se é um escritor no sentido completo da palavra cabe animá-los em função das grandes forças que o fazem atuar. Nessa categoria está incluído Jorge Amado, e é por isso que sua obra assumiu tal aspecto de universalidade.

Mas, para escrever, o escritor necessita da paz como do ar que respira. Por essa razão, ainda, a luta pela paz é hoje a primeira responsabilidade dos homens de letras, dos que são honestos. É a eles que nos dirigimos e somente a eles. Os outros, os que tomam posição contra o progresso e caluniam o movimento de paz no mundo, capitães-de-mato do espírito, os que alugaram sua pena aos piores inimigos da humanidade e ridiculamente se consideram "chama ardente" do idealismo apolítico, respondemos com as palavras de Máximo Gorki: "A combustão é uma oxidação; mas como a putrefação é também um processo de oxidação, são numerosos os que, ao apodrecerem, acreditam que se consomem em chama ardente."

### REATAMENTO DE RELAÇÕES COM A URSS FATOR DE PRO- GRESSO PARA O BRASIL

Enquanto o imperialismo americano, em troca de novos empréstimos, exige o sangue de nossa juventude para as suas guerras de conquista, a União Soviética numa prova de compreensão de internacionalismo proletário mostra, na prática, que respeita o direito dos povos de disporem de si mesmos, auxiliando as Democracias Populares a se desenvolverem, sem intervir em seus negócios internos.

Foi o auxílio soviético que tornou possível a construção do maior empreendimento do Plano Sexenal polonês: o Combinado Siderúrgico de Nowa-Huta. Assinalemos também, no mesmo setor, o auxílio da URSS na construção, pela Polónia de acieiras para aços finos, de alta qualidade. A URSS está também entregando à Polónia instalações necessárias à reconstrução e modernização de antigas fundições, obsoletas ou destruídas e à construção de altos-fornos e laminações. Mencionemos aqui o potente alto-forno "B" da fundição Kosciuszko, cujas instalações automáticas de produção e de controle permitem reduzir o pessoal empregado a proporções mínimas.

A indústria energética da Polónia está recebendo da URSS instalações destinadas a várias centrais termo-elétricas e o equipamento da maior usina hidrelétrica da Polónia, situada em Dychow. Baseando-se nos modelos, na ajuda e nos equipamentos soviéticos, a indústria energética polonesa começou a construir centrais termo-elétricas, que fornecerão eletricidade às cidades e ao campo e água quente aos grandes centros de consumo, mediante uma rede de canalizações.

Vemos quanto perde o Brasil em não manter relações diplomáticas e comerciais com a URSS, que nos poderia fornecer maquinária em paga de nosso café, concorrendo com os Estados Uni-



Ao lado do escritor Jorge Amado, receberam o Prêmio Stalin da Paz de 1951 o líder socialista italiano Pietro Nenni, a escritora alemã Ana Seghers, Kuo Mo Jo, escritor e vice-presidente da China Popular, e o poeta turco Nazim Hikmet. Já no ano anterior haviam sido agraciados, entre outros, Frederico Joliot-Curie, Mme. Eugenie Cotton, presidente da Federação Internacional das Mulheres Democráticas, e a escritora Pak Den Hai, representante das mulheres coreanas



que, impondo-nos os preços que querem, dão-nos, em troca, iólios de matéria plástica e filmes de terceira categoria, além

de servirem de intermediários na venda de vários de nossos produtos para a União Soviética.

# JOLIOT-CURIE E PAUL LANGEVIN, HEROIS DA CIENCIA

ROMULO ARGENTIERE

A Ciência é uma instituição realmente universalista. Vemos, como através dela se unem os homens em busca de um ideal. A Ciência não é apenas uma enumeração fria de fatos: é o Homem, o Universo e a Humanidade. Não é a destruição, mas a construção, a união e a paz. Tipo representativo do que esta ciência é, nos apresenta a figura de Frédéric Joliot-Curie.

Filho de uma pobre família de intelectuais, nasceu Frédéric, em Paris, no ano de 1900. Com grandes dificuldades fez seus estudos secundários. Despertou a atenção, desde cedo, do prof. Paul Langevin que o levou para a Escola de Física e Química Industrial de Paris. Sob a condução desse grande Mestre, Frédéric formou-se engenheiro industrial, fazendo com que, ao mesmo tempo, se especializasse em física nuclear. Langevin apresentou-o a Madame Curie, recomendando entusiasticamente o rapaz. E, assim, em 1925, Frédéric se tornou preparador de Madame Curie no Instituto do Radium. Ali veio a conhecer a filha mais velha dos Curie, Irene, nascida em 1897, com quem se casou um ano depois. Foi uma união felicíssima sob o ponto de vista científico e sentimental, pois o casal Joliot se tornaria tão famoso como o casal Curie. E, assim chegamos a 1930. "Tinhamos então — diz Joliot — o privilégio de trabalhar no Laboratório Curie do Instituto do Radium, dirigido por Marie Curie, um dos quatro ou cinco grandes centros de radioatividade existentes no mundo. Como a maioria dos pesquisadores dessa época, nós propendemos a precisar os fatos adquiridos em partes ligados numa representação, que sabíamos imperfeitos, dos núcleos atômicos. O defeito dessa representação era um suplício para os pesquisadores, mas ele tinha muita tendência a se habituar e não tentar experiências menos conformistas... Foi preciso chegar em 1930 para aparecer uma memória de Bothe e Becker que, a nosso entender, foi o ponto de partida de toda uma série de descobertas muito importantes. Trata-se da produção de radiações extremamente penetrantes por elementos leves como o lítio, o boro, o berilo irradiados por raios alfa. Era a primeira vez que os físicos podiam produzir no laboratório uma radiação de poder penetrante consideravelmente mais elevado que os raios gama dos radio-elementos naturais. Frédéric e Irene são, entretanto, perseguidos pela má sorte, e também pelo excesso de espírito crítico ao considerar as coisas da Natureza muito complicadas, quando, na realidade, se apresentam tão simples.

## UMA GRANDE OPORTUNIDADE PERDIDA

É o caso, por exemplo, do electrônio

positivo (positônio) e do neutrônio. Em fins de 1931 e começo de 1932, Frédéric e Irene estavam fazendo interessantes experiências sobre a radioatividade dos elementos. Em 1930, dois físicos alemães W. Bothe e H. Becker notaram como alguns elementos, dentre eles, o boro, o flúor, o magnésio, o alumínio e, de maneira particular, o berilo quando bombardeados por partículas alfa davam origem a uma radiação gama muito dura. Frédéric e Irene se interessaram por esta experiência e a retomaram e a modificaram. Notaram que a radiação expelia prótons de parafina e de água. Um pouco mais de atenção e teriam feito uma descoberta capital. O inglês J. Chadwick, do Laboratório Cavendish, de Cambridge, repetindo a experiência de Joliot, no dia 7 de fevereiro de 1932, descobriu que essa radiação penetrante era dada por um corpúsculo de carga neutra a quem deu o nome de "neutrônio". É uma das maiores descobertas de nosso meio-século. O neutrônio é a chave de importantes reações subnucleares. É de seu conhecimento que resultaram os fantásticos progressos da moderna física nuclear, tais como a bomba atômica, os reatores atômicos, etc.

Pouco depois, a má sorte se voltou novamente contra o jovem casal de pesquisadores. Observando nas Câmaras de Wilson pequenas trajetórias curvas de partículas, Frédéric e Irene julgaram ser electrônios negativos.

Entretanto, tiveram o cuidado de bater umas chapas fotográficas dessas trajetórias. Niels Bohr, o grande físico dinamarquês ficou intrigado com estas fotografias. Mas, ninguém lhes prestou atenção. No dia 2 de agosto de 1932, o físico americano C. D. Anderson examinando algumas chapas colocadas sob a ação dos raios cósmicos, teve sua atenção atraída por estas mesmas trajetórias que haviam ferido a atenção de Frédéric e Irene. Descobriu, então, que se tratavam de trajetórias de electrônios positivos ou positônios. O fato foi confirmado, em seguida, na Inglaterra, por Blackett e Occhialini. Frédéric e Irene haviam perdido uma grande oportunidade.

Para compensar esta oportunidade perdida, fizeram uma descoberta: os raios gama são pacotes de energia. Frédéric e Irene demonstraram que certas condições os raios gama podem gerar pares de electrônios negativos e positivos, isto é, partículas materiais. É isto o que se chama de "materialização" da energia.

## DE UM FRACASSO NASCE UMA CIENCIA MODERNA

A má sorte iria perseguir o casal de pesquisadores. Bombardeando lâminas de alumínio com partículas alfa provenientes do radio-elemento polônio, observaram que o alumínio emitia electrônios



Joliot-Curie

positivos. Dispondo de uma montagem técnica na qual era utilizada o berilo ou a parafina, os elementos inertes, quando bombardeados emitiam partículas radioativas. Solvay de Física, em 1933. Lise Meitner, entretanto, levantou-se durante as discussões e declarou que tinha feito as mesmas experiências e que não tinha encontrado os mesmos resultados. Seguiram-se, daí, vivas discussões. A maioria dos físicos negou-se a acreditar nos resultados das experiências de Frédéric e Irene. De seu lado, apenas se encontrava N. Bohr e W. Pauli. O casal voltou desolado para seu laboratório de Paris. E atirou-se novamente às experiências. Tudo se passava como na primeira experiência. Agora, fazendo análises acuradas observaram que do alumínio se havia formado um fósforo radioativo, com um período de 3 minutos de vida. Em 1934 publicaram os resultados dessas investigações, que foram repetidas em vários laboratórios do mundo. Desta vez, o primeiro a se manifestar entusiasticamente foi o prof. Rutherford — um dos maiores físicos do mundo contemporâneo. Em 1935, em reconhecimento pela descoberta da radioatividade artificial, Frédéric e Irene ganharam o Prêmio Nobel.

## O NASCIMENTO DA ERA ATÔMICA

Desde há muitos anos que Frédéric e seus companheiros Halban e Kowarski se interessavam profundamente por um elemento radioativo chamado urânio. Irene e seu assistente Savitche conduziam também experiências sobre o mesmo setor. Em fins de 1938, três pesquisadores alemães, O. Hahn, L. Meitner e

Strassmann haviam descoberto que o urânio-235, quando bombardeado por neutrônios, se partia em dois pedaços com o desenvolvimento de grande energia. Era a chamada "fissão" do urânio. Independentemente Joliot e seus colaboradores Halban e Kowarski haviam chegado a essa conclusão. Era, sem dúvida, uma radioatividade artificial. Os resultados dessas experiências foram apresentados no Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e registrada sob número 3.417 em nome de Joliot, Halban e Kowarski e com o título "Aperfeiçoamento trazido aos dispositivos de produção de energia". Francis Perrin, filho de Jean Perrin, trabalhando sob a direção de Joliot, fez uma avaliação da massa mínima de óxido de urânio necessária à produção de uma "reação em cadeia". De acordo com as experiências de Fermi e Joliot, o melhor meio de provocar a fissão do urânio-235 era com neutrônios lentos, brechados por moderadores. Foram elegidos imediatamente dois ótimos moderadores, o hidrogênio pesado na forma de água pesada e o carbono, na forma de grafite. Assim, desde 1939, os princípios fundamentais da bomba atômica e das pilhas nucleares já estavam assentados.

#### JOLIOT, TRAÇO DE UNIAO

Os cálculos teóricos já estavam completos, restava agora levá-los ao campo da prática. Veio a guerra. Com o apoio de Raoul Dautry, então ministro dos armamentos, Joliot fez vir da Noruega 165 litros de água pesada, o único estoque existente no mundo, desse precioso líquido.

Eles chegaram à França e o grupo Joliot deu início às experiências. Em maio, porém, os alemães irromperam sobre a França. O Laboratório de Síntese Atômica, situado em Ivry-sur-Seine, começou a arrumar os aparelhos para fugir em direção ao sul do país. Os caminhões militares com o óxido negro de urânio e os 165 litros de água pesada, prontos para a construção de uma pilha atômica, foram para Chermond-Ferrand. Ali, o precioso carregamento permaneceu apenas três semanas. Os alemães tomaram Paris. Era preciso ir mais ao sul, para Toulouse ou mesmo Casablanca. Os nazistas entraram rapidamente em Moulins, talvez na pista da água pesada. Não havia mais um minuto a perder. A água pesada foi embarcada para Bordeaux. Joliot resolveu permanecer na França, enviando Halban e Kowarski juntamente com a água pesada para a Inglaterra. Um barco que foi enviado para pegar o

precioso carregamento, foi afundado por um avião alemão. Coincidência ou serviço de "quinta-coluna"? Ninguém sabe responder até hoje. Finalmente um navio de guerra veio buscá-los e os levou para a Inglaterra. Tanto os físicos como o carregamento de água pesada foram levados para a Universidade de Cambridge onde se deu o início das pesquisas sobre a bomba atômica. O resto já pertence à história.

#### ANOS DECISIVOS

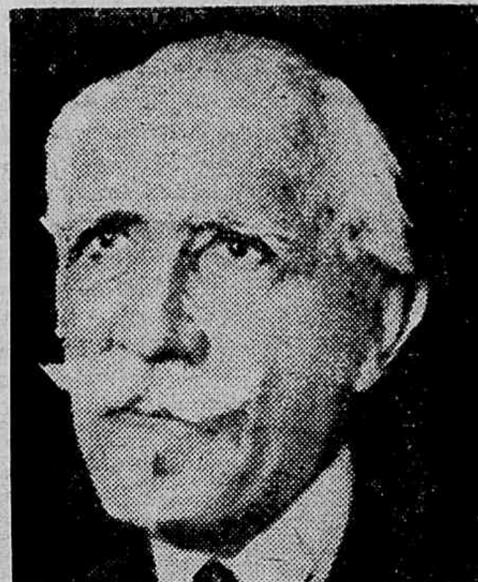
Voltando a Paris, Joliot se alistou no exército de patriotas. Durante os anos seguintes participou ativamente como herói anônimo da resistência. Libertada a França, Joliot foi nomeado diretor do Centro Nacional de Pesquisas Científicas. Em 1946 fundou o Comissariado de Energia Atômica, sendo nomeado Alto Comissário. Estes cinco anos foram decisivos em sua vida. Joliot compreendeu, imediatamente, que a energia atômica não era apenas um fator de destruição, mas uma força revolucionária de construção no mundo moderno. Foi o primeiro a demonstrar que as pilhas atômicas podiam se converter em reatores subnucleares para produzir energia térmica e, finalmente, energia elétrica em abundância; que a energia atômica poderia ser utilizada na agricultura para a multiplicação das colheitas; na medicina; na química; na indústria, enfim, em todos os ramos da aplicação pacífica. Ergueu, então, o moderno centro de pesquisas atômicas em Forte de Chatillon, nas proximidades de Paris. Transformou este centro numa verdadeira indústria atômica. Ali surgiu a primeira pilha atômica francesa, a ZOE, demonstrando que, com pouco dinheiro e muita vontade, se podem fazer coisas maravilhosas no mundo da física. Esta pilha, porém, foi o começo de seus dissabores. Estava Joliot planejando construir ainda outra maior no futuro centro atômico de Saclay, quando o governo francês resolveu destituí-lo de todas as funções. Era evidente o "dedo" dos trustes internacionais em sua demissão. Joliot se dedicava a pesquisas pacíficas e de aplicação industrial da energia atômica — era um perigo para os trustes que querem fazer da energia atômica um espantinho de guerra. E, conquanto tenha perdido seus laboratórios, Joliot passou para o mundo da Ciência e da Humanidade.

#### VIDA ACADÊMICA

Não citamos ainda alguns fatos relacionados com a sua vida científica e pública. Foi somente em 1930 que conseguiu defender tese para doutor em ciências físicas. Foi eleito mestre de conferências na Sorbonne. Em 1937 foi eleito professor no Colégio de França. Em 1943, durante a ocupação, foi eleito, por significativa unanimidade, membro da Academia de Ciências e da Academia de Medicina. Foi nomeado comandante da Legião de Honra e ganhou a Cruz de Guerra por atos heróicos na resistência. Perdendo todos os seus cargos em consequência da campanha feita contra ele pelos norte-americanos, tornou-se apenas professor do Colégio de França, onde, num pequeno laboratório está conduzindo suas experiências.

Agora, uma particularidade: por que Joliot juntou a seu nome o da família Curie? Um dos maiores desgostos de

Madame Curie foi a de não possuir um filho varão, que transmitisse, no futuro, a glória da família. Pediu ao genro e este adotou e transmitirá a seus filhos um nome que está associado ao progresso da ciência.



PAUL LANGEVIN — UM HERÓI PACIFISTA

Falar de Joliot-Curie e não falar de seu mestre Paul Langevin, é cometer um ato de ingratidão. Porque Joliot e todos os bons alunos de Langevin são os herdeiros intelectuais desse herói pacifista da ciência.

Paul Langevin, que tantos serviços prestou à Ciência e à Humanidade, nasceu em Paris a 23 de janeiro de 1872. Descendia de modesta família. Desprotegido da fortuna material, quis a natureza dar-lhe um bem mais precioso — a inteligência. Desde sua primeira juventude sentiu uma vocação irresistível para a física. Na idade de 16 anos, logo após sair da escola primária superior, entrou para a Escola Municipal de Física e Química Industrial. Durante os 3 anos de curso, completou também sua cultura geral, pois ainda tinha tempo para frequentar a Escola Normal Superior. Ali fez um curso brilhantíssimo obtendo o grau de físico. A cidade de Paris concedeu-lhe uma bolsa de estágio na Inglaterra, no Laboratório Cavendish, em Cambridge, dirigido pelo famoso J. J. Thomson. Dedicou-se às pesquisas sobre as radiações e a estrutura da matéria. Sua amizade com Pierre Curie confirmou uma orientação que jamais se desviou. Voltando à Escola Normal como agregado-preparador, elaborou uma tese de doutoramento sobre a ionização dos gases pelos raios-X. Mascart, que teve uma formação igual a de Langevin, chamou o jovem sábio para trabalhar em seu laboratório de física geral e experimental do Colégio de França. Quando, em 1905, Pierre Curie morreu num trágico acidente, Langevin sucedeu-o como professor na Escola de Física e Química. Três anos depois, a morte de Mascart deu-lhe igualmente a sucessão na sua cadeira do Colégio de França. Durante 32 anos Langevin repartiu suas atividades entre a Escola de Física e Química e o Colégio de França. Fez numerosas pesquisas no campo dos gases, do magnetismo e da radiação. Foi o introdutor dos trabalhos

de Einstein na França e seu mais fer-  
voroso divulgador.

Durante a guerra de 1914-18, Langevin foi mobilizado como todos os sábios para se colocar à serviço da defesa nacional. Foi desse período que lhe nasceu, verdadeiramente, a fama que goza em todo o mundo científico. Langevin descobriu o primeiro radar da história: a detecção de submarinos por meio de projetor ultrasônico à base de quarto piezoelétrico — problema que já tinha sido descoberto por seu antigo amigo, Pierre Curie. Foi esta descoberta que permitiu vencer os submarinos da armada de Guilherme II.

Langevin acompanhava apaixonadamente as idéias filosóficas de nosso tempo. Confessava a todo instante ser um racionalista. Era profundamente humano. Compartilhava dos sofrimentos do povo e pensava que o fim dessas desgraças somente seria possível com uma transformação total da sociedade. E isto, pensava seria a obra inevitável da Ciência. Langevin, por este motivo, não era um simples cientista que se deixava ficar em seu laboratório espiando o mundo através da janela. Desde seus tempos de estudante, na Escola Normal, era conhecido como homem de atitudes independentes. Nesse tempo lançou-se à batalha em defesa de Dreyfus e ao lado do grande Emile Zola. Tinha apenas 17 anos de idade, quando rebentou a crise política provocada pelos monarquistas do general Boulanger. Pela primeira vez sentiu bater em seu peito um coração violentamente republicano. Desceu à rua com o povo e na primeira trincheira bateu-se contra os monarquistas.

Depois da primeira guerra mundial, Langevin presidiu, na França, grandes comícios em favor dos marinheiros do Mar Negro (a esquadra francesa auxiliava, então, os ingleses no bloqueio da costa russa) e seu imediato retorno para a França. Bateu-se para o restabelecimento de relações entre a França e a jovem URSS. Mais tarde, colocou-se ao lado de Romain Rolland, Henri Barbuse, Einstein e outros no famoso movimento mundial contra a guerra e o fascismo, cuja sede central era na Holanda. Quando o fascismo ensanguentou a Espanha, Langevin colocou-se em favor dos republicanos, nos gigantescos comícios da Frente Popular. Pronunciou-se também contra a capitulação de Munich. Em outubro de 1940, quando a França capitulou, Langevin quis retornar corajosamente para reassumir o posto de diretor da Escola de Física e Química. Com 67 anos de idade, doente, foi preso pela Gestapo e atirado numa cela imunda da prisão de Santé. Logo depois foi mantido incommunicável em residência forçada em Troyes. O coronel nazista Bechmelburg que efetuou sua prisão, lhe disse: "V. é um homem tão perigoso para nós como os enciclopedistas do XVIII século

Foi em sua residência forçada de Troyes que soube da morte de seu genro Solomon, um dos mestres da física atômica, fuzilado por atividades em favor dos patriotas; foi ali, também, que soube que sua filha Helena Solomon Langevin foi presa e enviada ao campo de extermínio de Auschwitz. No fim de 1943, escapou a seus guardas alemães conseguindo passar a fronteira suíça, recolhendo-se a um retiro discreto nos últimos meses de guerra. Em setembro de 1944 regresou novamente à França, reto-

## PERSEGUIÇÕES AOS PARTIDARIOS DA PAZ

NO BRASIL de Vargas & Neves da Fontoura é crime falar em Paz. A grande patriota Elisa Branco penou no cárcere por ter desfaldado uma faixa onde se lia a frase já famosa: "Os soldados nossos filhos não irão para a Coréia!" Em inúmeras cidades brasileiras, outros patriotas têm sido presos, espancados e perseguidos por se manifestarem contra a guerra. Agora mesmo, no Rio de Janeiro, duas partidárias da Paz, a querida Marinete e Jean Sarkis, estão pagando na cadeia pelo crime de defender o futuro pacífico de nosso povo.

Enquanto isso acontece, os tubarões estão à solta, protegidos descaradamente atrás da demagogia de Vargas. E o "presidente de todos os brasileiros" — leia-se: "o presidente de todos os tubarões" — afirma que o povo precisa ser adestrado para a guerra. Tradução: o povo precisa comer menos, pagar mais pelo que come, não exigir maiores salários e melhores condições de vida — e, acima de tudo, permitir que filhos, pais, noivos e maridos partam para a guerra de agressão ao povo coreano ou qualquer outra guerra que os vencedores da Guerra de Collier's queiram provocar pelo mundo.

Mas o povo não é composto de sardinhas, ainda que Vargas assim pense e assim fale. E o povo não aceita a teoria absurda, indecente, da inevitabilidade da guerra, que governo e tubarões vêm procurando impôr, através de uma nauseabunda campanha inspiradas pelos sábios do Departamento de Estado e financiada pelos mecenas de Wall Street. O povo já sente na própria carne os efeitos da

preparação bélica dos imperialistas. E sabe que só evitará a guerra com uma dedicação cada vez maior à causa da Paz e da Justiça.

Ninguém mais se engana: a bomba atômica só não foi usada contra coreanos e chineses por causa dos milhões de assinaturas debaixo do Apêlo de Estocolmo. E a guerra só não virá se os partidários da Paz de todo o mundo, unidos acima de divergências políticas, filosóficas ou religiosas, assinarem o Apêlo por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências — não deixando um só momento que a propaganda bélica, as ameaças policiais e a pressão política desviem a sua atenção e os seus esforços da luta heróica em que estão empenhados.

Por mais que, no Brasil, os colaboracionistas do imperialismo, da guerra e da miséria, queiram esmagar a vontade do povo e sufocar os seus anseios de Paz e de Justiça, ninguém duvida de que a vontade do povo prevalecerá — como tem prevalecido, através dos séculos. Nenhuma propaganda, nenhum regime de terror policial ou perseguição política, poderá impedir as manifestações e as revoltas da massa popular. Nenhum decreto estadonovista poderá proibir o aparecimento de outras Elisas e Marinetes.

O governo entreguista do Brasil quer por força transformar em crime toda e qualquer manifestação pela Paz. Mas o povo saberá ir catalogando os crimes antipopulares, antidemocráticos e antipacíficos do governo, ao mesmo tempo que passa a sua sentença por meio da luta diária, incansável e vitoriosa pela Paz.

mando seu lugar na Escola de Física. Poucos dias antes de morrer, Langevin declarava, em consequência da descoberta da bomba atômica: "Entramos na era das transmutações. Essas tremendas reservas de energia concentradas no núcleo dos átomos, terão para o futuro da civilização uma importância comparável à descoberta que permitiu aos homens domesticar o fogo. As aplicações dessa força poderão sobrepujar de muito as das máquinas a vapor e a dos motores

a explosão e a reação."

Uma intervenção cirúrgica relativamente anódina ocasionou-lhe um choque. Morreu no dia 19 de dezembro de 1946, na própria Escola de Física e Química. Langevin, íntimo amigo dos Curie, colaborador desse glorioso casal, transmitiu a Frédéric Joliot-Curie a herança que recebeu de seus maiores: Ciência, Paz e Progresso.

Sejamos os herdeiros e continuadores desses sábios.

## I. STEPANOV

Abril 1917... É hora de pôr uma camisa limpa, hora de trocar de roupa, escrevia Lenine. Sete meses depois os povos da Rússia punham abaixo o capitalismo e se lançavam na direção do socialismo, primeira etapa da sociedade comunista. Hoje a União Soviética constrói vitoriosamente o Comunismo, estado próximo da Humanidade inteira, porque esta é a lei inexorável do processo histórico.

O marxismo — leninismo demonstrou como inevitáveis, a queda do capitalismo e a vinda do comunismo. Demonstrou-o cientificamente. Segundo Lenine, «Marx chegou à conclusão da transformação inevitável da sociedade capitalista em sociedade socialista, baseando-se inteiramente, exclusivamente em leis econômicas do desenvolvimento da sociedade moderna.» A sociedade burguesa moderna, que desenvolveu meios de produção e de troca tão grandes, parece o aprendiz de feiticeiro incapaz de dominar as potências infernais que invocou. O mundo capitalista é periodicamente devastado por crises que resultam de sua própria natureza.

Para sobreviver às crises, a burguesia, de um lado destrói violentamente uma grande quantidade de forças produtivas e de objetos de consumo, de outro lado explora a fundo os antigos mercados e se esforça para conseguir novos com a guerra. Isto equivale a preparar crises mais gerais e mais terríveis que tornam cada vez mais rápida a agonia da sociedade capitalista. Lenine já dissera: «Do capitalismo a humanidade passará necessariamente ao socialismo, isto é, à propriedade em comum dos meios de produção e à repartição dos produtos segundo o trabalho de cada um. Nosso Partido vê mais longe: o socialismo deve necessariamente evoluir para o comunismo cuja bandeira é: «De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades.» O que comumente chamamos socialismo Marx chamou, a «primeira» fase ou fase inferior da sociedade comunista.»

Na «Crítica ao Programa de Gotha», Marx escreveu: «Trataremos aqui (o socialismo, primeira fase do comunismo) de uma sociedade comunista, não tal qual ela se desenvolverá, sobre as bases que lhe são próprias, mas ao contrário, tal qual ela aparece, da sociedade capitalista; conseqüentemente, uma sociedade que, sob todos os aspectos, econômico, moral ou intelectual, traz ainda o estigma da velha sociedade de dentro da qual saiu.» E diz ainda que a sociedade comunista terá atingido sua fase superior «quando tenham desaparecido a degradante subordinação dos indivíduos à divisão do trabalho, e com ela, o antagonismo entre o trabalho intelectual e o trabalho manual; quando o trabalho não for mais unicamente um meio de vida e se tiver convertido numa necessidade primordial, vital; quando, com o desenvolvimento completo dos indivíduos, as forças produtivas tenham aumentado, e todas as fontes de riqueza surjam com abundância...»

A passagem da humanidade do capitalismo ao comunismo já começou. Os povos da URSS foram os primeiros a realizar a revolução socialista, terminar a edificação socialista e iniciar a passagem gradual ao comunismo. A vitória da grande Revolução Socialista

de Outubro foi um triunfo do marxismo-leninismo. Desenvolvendo a doutrina de Marx e Engels sobre a sociedade comunista, generalizando a experiência gigantesca da edificação socialista, Lenine e Stalin criaram a economia política do socialismo; descobriram e estabeleceram sistematicamente as leis do desenvolvimento da sociedade socialista, tanto do ponto de vista econômico como nos outros domínios.

Hoje, na Europa, numerosos países estão já empenhados na estrada do socialismo. Na Bulgária, na Rumania, na Polónia, na Tchecoslováquia, na Hungria, na Albânia constituiu-se um novo poder democrático que se apóia sobre as massas populares. Na parte oriental da Alemanha, são também os representantes dos trabalhadores, dos camponeses e dos intelectuais progressistas que estão no poder. Na Ásia também, os povos da Mongólia, da Coreia e da China, criaram um novo tipo de Estado: A República Popular, no qual o poder pertence ao povo, e a força dirigente é constituída pelo bloco das classes trabalhadoras da população, tendo à sua frente a classe operária.

Em todos estes países os povos se libertaram da opressão imperialista e montam as bases do desenvolvimento socialista. Os povos coloniais, gigantescas reservas da revolução proletária, puseram-se em movimento.

Hoje, ao iniciar-se a primeira metade do século XX, 800 milhões de homens — mais do que a terça parte da humanidade — estão em marcha, embora em etapas diferentes, pelo caminho do futuro. Por isso Molotov pôde dizer: Vivemos uma época na qual todos os caminhos conduzem ao comunismo. A partida na direção do comunismo, está na ordem do dia de todos os povos. Por isso os problemas da passagem ao comunismo estão na ordem do dia, não somente do ponto de vista teórico como também do ponto de vista prático.

É normal que estes problemas se esclareçam à luz da experiência vitoriosa do povo soviético guiado pelo partido bolchevique, que é por sua vez guiado teoricamente pelo marxismo-leninismo desenvolvido em todas as direções por Stalin. O povo soviético recebeu de seus guias uma teoria completa para levar a bom termo seu trabalho gigantesco, complexo, inovador, uma teoria que permite resolver os problemas propostos pela vida em seu desenvolvimento contínuo.

### UM SALTO DEFINITIVO DA SOCIEDADE SOCIALISTA

O socialismo e o comunismo são duas etapas do desenvolvimento, duas fases duma mesma e única formação social e econômica comunista. O comunismo assim como o socialismo, repousa sobre um modo de produção baseado na propriedade social dos meios de produção, sobre a cooperação fraternal dos trabalhadores livres de toda a exploração. No comunismo como no socialismo, as forças de produção têm um campo ilimitado de desenvolvimento, porque as relações de produção correspondem exatamente ao caráter das forças de produção; o caráter social do processo de produção é consolidado pela propriedade social dos meios de produção.

A diferença essencial entre o comunismo e o socialismo, entre a fase inferior e a fase superior duma mesma e

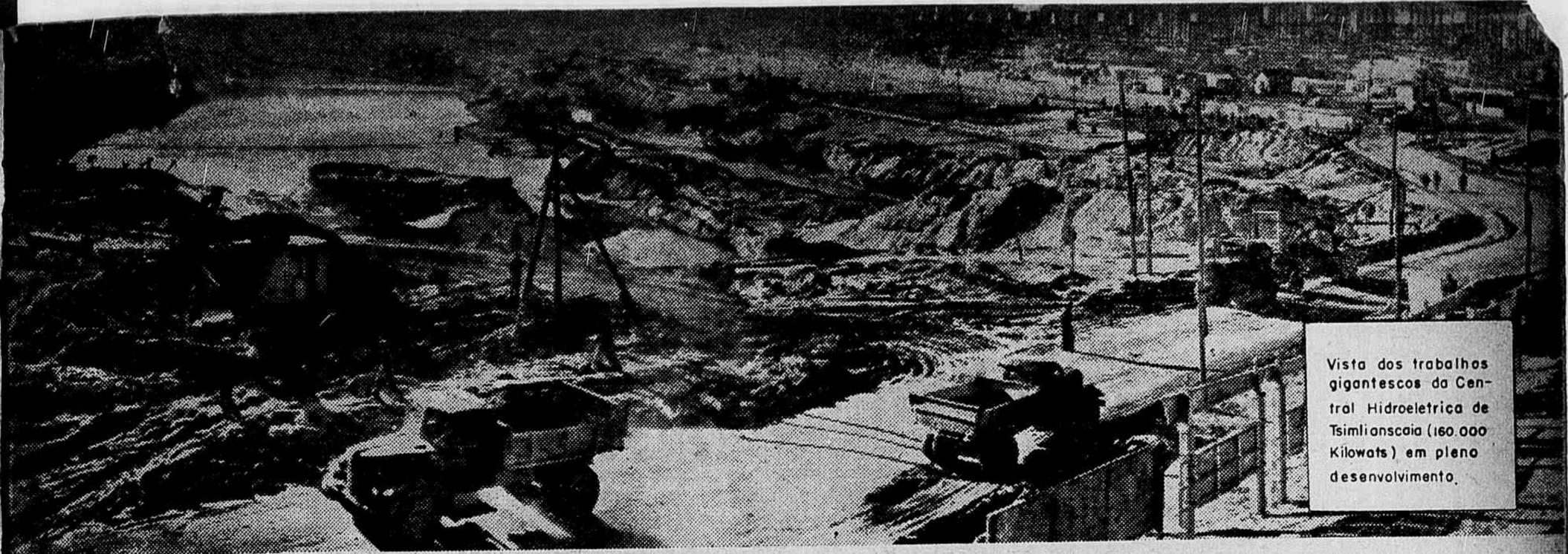
única formação social e econômica, reside no nível de desenvolvimento das forças de produção. No comunismo as forças de produção e a produtividade do trabalho social atingem um nível que assegura uma abundância tal de objetos de consumo que permite aplicar o princípio comunista da distribuição segundo as necessidades, e satisfazer todas as necessidades dos trabalhadores cultivados. A passagem do socialismo ao comunismo exige portanto um aumento enorme das forças de produção da sociedade.

Qual é a forma da passagem do socialismo ao comunismo? Stalin formulou a tese segundo a qual os saltos dialéticos que realmente se verificam na passagem de um estado qualitativo antigo para um estado qualitativo novo, podem produzir-se sob a forma duma explosão, ou duma passagem gradual. Em «Sobre o marxismo em linguística», Stalin escreve: «Duma maneira geral, é preciso levar ao conhecimento dos camaradas que se apaixonam pelas explosões, que a lei da passagem de uma qualidade antiga a uma qualidade nova por uma explosão, não somente é inaplicável à história da evolução da língua; ela não é sempre aplicável também aos outros fenômenos sociais, sejam eles concernentes à infraestrutura ou à superestrutura. Ela é obrigatória para uma sociedade dividida em classes hostis. Está longe de ser obrigatória para uma sociedade que não tolera classes hostis.»

Nas condições da sociedade socialista, que não tolera classes hostis, o salto revolucionário da antiga à nova qualidade efetua-se, não sob a forma de uma explosão, isto é, pela derrubada do poder existente e a criação de um novo, mas por uma série de passagens graduais. Na URSS, a passagem revolucionária da antiga à nova qualidade, efetua-se por cima, sob a iniciativa do poder soviético, com o apóio na base, das massas populares.

A passagem do socialismo ao comunismo, se efetua pelo reforçamento e o desenvolvimento das bases do socialismo no domínio econômico, político, social, ideológico e cultural. Numa passagem célebre do «Anti-Dühring» Engels notava que, uma vez abolida a dominação do capital, «os homens farão eles mesmos sua história com plena consciência: e somente a partir desse momento as determinantes sociais que eles puseram em movimento, terão, na sua maior parte e em uma medida cada vez maior, os efeitos que eles desejarem. É a humanidade passando de um salto, do reino da necessidade para o reino da liberdade.» E Stalin, na primeira conferência dos stakanovistas, disse: «Para que a vida seja agradável e alegre, é preciso que os benefícios da liberdade política sejam completados pelos benefícios materiais.»

A primeira tarefa, tarefa primordial da sociedade socialista na sua passagem ao comunismo, é o reforço e o desenvolvimento de suas bases econômicas. É esta a tarefa que nós nos propomos examinar aqui. Ela comporta principalmente: 1.º) o desenvolvimento da industrialização, essencialmente condicionada pelo desenvolvimento da indústria pesada; o melhoramento constante da técnica pela mecanização e automatização complexas dos processos de produção, a utilização crescente da eletrotécnica e da eletroquímica; 2.º) a elevação a um nível sem precedentes



Vista dos trabalhos gigantescos da Central Hidroelétrica de Tsimlianskaia (160.000 Kilowatts) em pleno desenvolvimento.

da mecanização dos trabalhos agrícolas; a transformação da natureza na escala do país inteiro para obter colheitas cada vez mais abundantes; a criação de novas espécies e variedades altamente produtivas de plantas e de animais; 3.º) a eletrificação de todo o país em uma rede única, que constituirá a base eletrotécnica do comunismo; 4.º) a utilização da energia atômica no processo de produção.

#### NOVOS HOMENS, NOVA TÉCNICA

Já antes da segunda guerra mundial, nos anos do terceiro plano quin-

quenal, o povo soviético tinha começado a criar as condições materiais de sua passagem ao comunismo. Por ocasião do 30.º aniversário da Revolução de Outubro, disse Molotov: «Sem a guerra nossas cidades e regiões industriais mostrariam hoje realizações enormes, sem precedentes, em tudo o que significasse melhoramento das condições de vida material e cultural dos trabalhadores...»

Nas condições do socialismo vitorioso, em 1939, quando a URSS havia já ultrapassado todos os países capitalistas do ponto de vista da técnica da produção e dos ritmos de desenvolvi-

mento, Stalin formulou a tarefa econômica fundamental da URSS: ultrapassar os principais países capitalistas quanto ao volume da produção industrial por habitante.

No discurso de 9 de fevereiro de 1946, Stalin traçou o plano de vastos trabalhos para um novo e poderoso surto econômico soviético. Realizando este plano, a URSS desenvolve a indústria civil, acelera a construção de centrais hidroelétricas gigantes e de enormes sistemas de irrigação, segue uma política sistemática de baixos preços. Os dois quadros abaixo dão uma idéia do prodigioso surto econômico soviético.

#### INDICES DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA URSS E DE DIFERENTES PAÍSES CAPITALISTAS

PAÍSES	1929	1937	1938	1946	1947	1948	1949
URSS . . . . .	100,0	428,9	478,5	466,4	570,8	720,9	862,0
Estados Unidos . . . . .	100,0	102,7	80,9	154,5	170,0	174,5	159,5
Inglaterra . . . . .	100,0	123,7	115,5	111,2	121,1	135,0	142,0
França . . . . .	100,0	81,7	76,1	69,0	75,0	82,3	90,3
Bélgica . . . . .	100,0	96,3	79,0	71,3	82,8	89,6	94,0

#### RITMO DE AUMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA URSS

Anos	% em relação ao ano anterior	% em relação a 1940
1946 . . . . .	120	—
1947 . . . . .	122	—
1948 . . . . .	127	118
1949 . . . . .	120	141
1950 . . . . .	123	173

Estes números e principalmente o grandioso desenvolvimento notado nos primeiros cinco anos do pós guerra são uma garantia segura de que a URSS, nos 10 ou 15 anos próximos, cumprirá e ultrapassará o plano staliniano de produção anual: 50 milhões de toneladas de ferro fundido, 60 milhões de toneladas de aço, 500 milhões de toneladas de carvão, 60 milhões de toneladas de petróleo. E' este desenvolvimento gigantesco das forças produtivas do país que cria a base material, técnica, do comunismo.

O rápido desenvolvimento da construção mecânica permite a introdução de uma técnica nova na produção. Assim, durante os 5 anos após a guerra, foram lançados 250 novos tipos de máquinas operatrizes de uso corrente na usinagem de metais; mais de 1.000 tipos de máquinas operatrizes especiais e complexas, 23 tipos de máquinas automáticas e semi-automáticas, 34 tipos de prensas automáticas, máquinas para a moldagem à pressão, moldagem à força centrífuga, e toda uma série de outros tipos de máquinas para o tra-

balho a quente e a frio, de metais. O aumento importante do número de ferramentas feitas de ligas ultra-duras permitiu a introdução de novas velocidades de corte dos metais.

Stalin salienta que a mecanização é uma força decisiva sem a qual é impossível manter o ritmo da edificação e a cadência do crescimento da produção soviética. Já em 1938, tinha a utilização de mecanismos, em relação a 1913, aumentado 20 vezes na extração do petróleo e 53 vezes na extração do carvão de pedra. Enquanto a URSS

está toda ela virada para a mecanização completa do trabalho e a automatização da produção, nos países capitalistas, inclusive os Estados Unidos, a produção de máquinas diminui.

O jornal alemão «Frankfurter Zeitung» abriu o jogo. Eis na sua própria confissão, o que freia a mecanização no regime capitalista: «...A máquina se distingue do trabalhador pelo fato de que no caso de complicar-se a conjuntura, não se pode demití-la. Pode-se jogar os trabalhadores na rua e com isso, dada a diminuição da procura, reduzir a produção; não é necessário pagar-lhes salários nem mesmo os encargos oriundos da legislação social... A máquina, ao contrário, não pode ser... licenciada, ainda que os negócios estejam ruins: a máquina devora interesses e amortizações trabalhe ou não trabalhe.»

A técnica da sociedade comunista abre possibilidades ilimitadas de aumento da produtividade do trabalho; ela liberta o homem do trabalho cansativo e pouco produtivo; suprime o trabalho físico não qualificável.

Tem a URSS atualmente uma técnica que possa ser considerada o prototipo da técnica comunista? Sim, com certeza. Tomemos por exemplo uma fotorreprodutora. Esta máquina executa sozinha, sem a intervenção de nenhum operário, peças segundo um traçado dado, cumprindo seu trabalho exatamente, com perfeição e rapidez. Na indústria petrolífera, a mecanização e a automatização são largamente aplicadas. Na indústria mineira (carvão) a mecanização já atingiu o corte, o quebramento, o transporte, achando-se em processo de mecanização, o armazenamento. O comando automático a distância de máquinas e mecanismos, cada dia é mais generalizado. Está próximo o dia em que operários altamente qualificados poderão dirigir o processo da extração do carvão sem descer às minas, da superfície. Em algumas organizações florestais foi conseguida a mecanização completa do corte da madeira. As indústrias têxtil e de alimentos são providas com abundância de máquinas e dispositivos automáticos. Para os altos fornos, os fornos Martin, e os fornos de coque, os engenheiros soviéticos criaram toda uma aparelhagem elétrica automática.

Durante os cinco anos do pós-guerra a URSS pôs em atividade 26 linhas automáticas de máquinas operatrizes e, pela primeira vez no mundo, uma fábrica automática que fabrica

pistões de automóveis. Nesta fábrica absolutamente todas as operações são automáticas.

A indústria da construção que tem na URSS proporções consideráveis, dispõe de um enorme depósito de escavadoras, fábricas de concreto, guindastes e transportadoras, vibradores e outras máquinas automáticas. Nas obras do Volga-Don, os principais trabalhos de construção são mecanizados em mais de 90% e os trabalhos de terraplenagem em mais de 97%. Nas obras do comunismo funcionam bombas para movimento de terra que substituem, cada uma, 35.000 homens, e escavadoras móveis cuja caçamba tem uma capacidade de 14 metros cúbicos; cada uma delas substitui 10.000 trabalhadores. Dentro em pouco serão postas em serviço, escavadoras com caçambas de 22 metros cúbicos. Na zona de Stalingrado, 80 a 85% dos trabalhos de terraplenagem serão feitos pelo processo de hidromecanização.

Em todos os ramos da indústria soviética acha-se em processo, pelo emprego de máquinas elétricas, a mecanização de métodos auxiliares, tais como transportes, carregamento e descarregamento, controles, etc....

#### A NATUREZA ACOMPANHA O RITMO

Pela primeira vez na história da humanidade, o socialismo criou uma agricultura científica que proporciona abundância de produtos agrícolas dentro de condições de fertilidade crescente das terras. A agricultura kolkhozianna permite uma mecanização generalizada dos trabalhos agrícolas.

Na URSS, os trabalhos de base para a cultura de cereais e outras culturas periódicas, são já quase inteiramente mecanizados. O problema criado pela complexa mecanização da agricultura resolve-se brilhantemente, com o desenvolvimento de todas as variedades de MTS (1). Durante o plano quinquenal de após-guerra, foram entregues à economia rural 536.000 tratores, 93.000 ceifadoras-debulhadoras, centenas de milhares de caminhões e outras máquinas. Um condutor de uma máquina ceifadora-debulhadora do tipo «Stalinetz» ceifa, com duas dessas máquinas

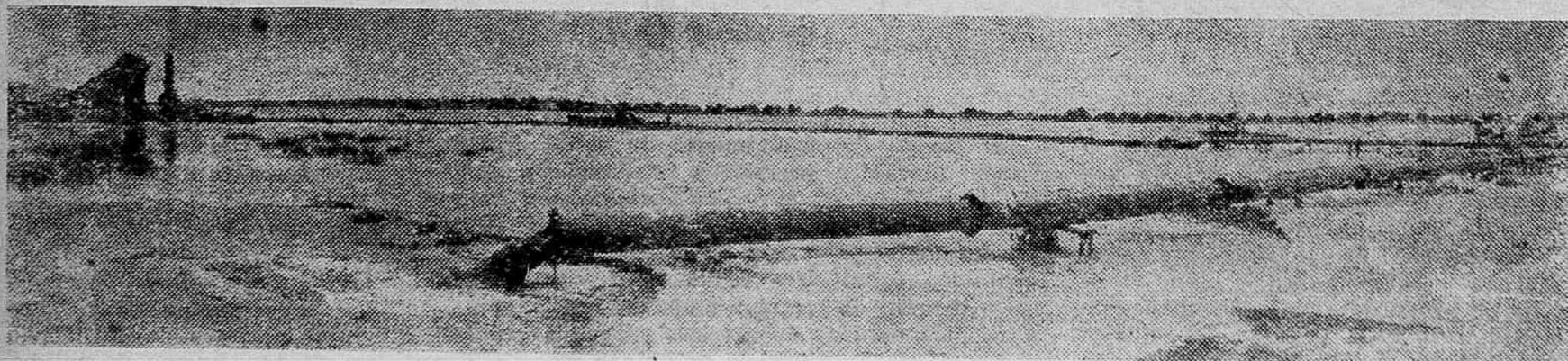
(1) MTS — Organismos do Estado para servir coletivamente os kolkhozes. Nos campos dos kolkhozes eles efetuam quase a totalidade dos trabalhos.

acopladas, 75 hectares (30 alqueires) por dia e substitui a um só tempo, 950 homens, 150 cavalos, 37 máquinas peneiradoras e 20 debulhadoras mecânicas comuns. Já em 1937, no fim do 2.º plano quinquenal, 1,9 milhões de trabalhadores da agricultura tinham executado com a ajuda de tratores um volume de trabalho para o qual seriam necessários 9,1 milhões de trabalhadores agrícolas trabalhando à mão e com ajuda de cavalos. Dai concluímos que 7,2 milhões de trabalhadores foram transferidos, pelos tratores e ceifadoras, para outros ramos da economia. Hoje na economia rural, dentre 900 processos de produção, 700 são mecanizados.

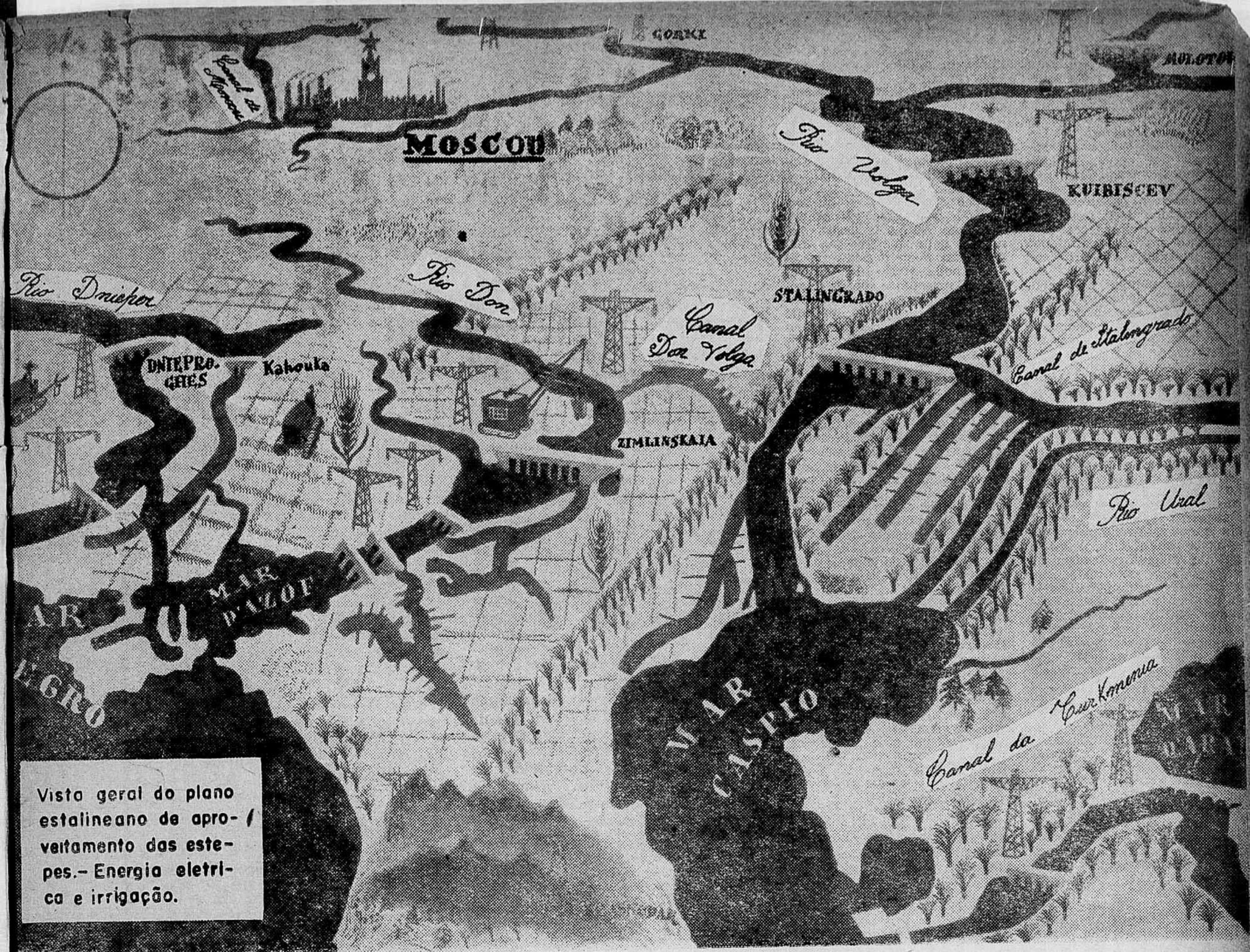
A eletricidade penetra em todos os ramos da agricultura. Os MTS e os sovkozos são eletrificados. Em 1950 dezenas de milhares de kolkhozes foram também eletrificados. Constroem-se atualmente em grande número centrais elétricas kolkhozianas de pequena e média importância. Em 1950 havia já mais de 8.500 delas. O reagrupamento dos kolkhozes criou condições para um desenvolvimento ainda maior da construção destas centrais, sob formas mais racionais de centrais hidráulicas e térmicas servindo numerosos kolkhozes ao mesmo tempo. Estas instalações, entretanto, não passam de um complemento do sistema eletroenergético baseado nas grandes centrais.

Nos Estados Unidos, onde a agricultura é mais mecanizada que nos outros países capitalistas, 60% de todos os trabalhos agrícolas são feitos a mão. «A enxada não é ainda uma peça de museu», diz A. Rochester («Porque os lavradores são pobres», 1949). Na URSS o ritmo do desenvolvimento da economia rural é sensivelmente semelhante ao ritmo impetuoso do desenvolvimento da indústria. Nos Estados Unidos, florestas foram abatidas, o solo exposto, terras cultiváveis transformadas em deserto, pela água e pelo vento que livremente transportaram para o oceano a terça parte do humus delas. Em 20 anos, diz Stuart Chase, «desertos sinistros se formarão» nos Estados Unidos («Terra rica terra pobre» Londres 1936).

Se a América capitalista está condenada a transformar-se numa Atlântida, a União Soviética, ao contrário, lança uma ofensiva vitoriosa contra os desertos da Ásia Central e as geleiras do Norte. O Comunismo não é a exploração do homem pelo homem, a exploração dos povos coloniais, a guerra aos



Máquinas como esta, chamadas aspiradores de terra, substituem o trabalho de 35.000 homens, cada uma. Elas desagregam a terra e, por meio de bombas, a transportam através de tubos até os lugares que necessitam ser aterrados



Vista geral do plano estalineano de aproveitamento das estepes.— Energia elétrica e irrigação.

homens; é a guerra à natureza para submetê-la aos desejos do homem, para explorar seus recursos inesgotáveis. É preciso «não somente interpretar o mundo mas também transformá-lo» disse Karl Marx. Na URSS a luta para domesticar a natureza começou desde os primeiros dias do poder soviético e hoje assume proporções espantosas.

Tudo o que o capitalismo, agora nos últimos dias, não conseguiu realizar em 200 anos, o comunismo, este recém-nascido já fez e já ultrapassou. «Ao se fazerem donos de sua própria organização social» diz Engels no «Anti Dühring», «os homens tornar-se-ão por isso mesmo, e pela primeira vez, donos reais e conscientes da natureza.» A 22 de maio de 1932 a URSS promulgou um decreto contra os «elementos». Foi a decisão assinada por Stalin e Molotov sobre a «abolição das secas nas regiões do Volga». A URSS tomava a ofensiva contra as areias e decretava a mobilização das plantas. Esta ofensiva vai se ampliando e o ano de 1948 marcou o Plano Staliniano de transformação da natureza em dois continentes: a Europa e a Ásia.

Escalonado em 15 anos, o plano prevê: a fertilização de 120 milhões de hectares de estepe (5 vezes a superfície do Estado de São Paulo); a plantação de 2 milhões de quilômetros de

faixas florestais (50 vezes a volta da terra no Equador); a construção de 2.000 quilômetros de canais navegáveis (distância maior do que do Rio de Janeiro à Porto Alegre); a irrigação de 28 milhões de hectares (as novas terras irrigadas poderão alimentar, sozinhas, 100 milhões de homens); o fornecimento pelas centrais elétricas gigantes, de 22 bilhões de kilowatts — hora para a indústria e para a agricultura. O plano de transformação da natureza se realiza num ritmo cada vez mais acelerado. Segundo os cálculos, previstos para 15 anos, poderá ser completado em 10 anos.

A 19 de abril de 1949 foi publicado o plano de criação de animais domésticos que, em três anos deve aumentar de 50% a produção de carne, gordura, leite, manteiga, couros, lã etc. Na Rússia dos tzars eram cuidados 38 tanques de criação por ano. O plano estaliniano prevê a abertura anual de 6.318 tanques para a reprodução de peixes, gansos e patos.

A eliminação das secas e da erosão, a prática do «afolhamento» das terras e a irrigação cientificamente organizada permitirão dobrar o rendimento de todas as espécies de cultura. Isto não passa de um começo. No país do socialismo, a ciência está inteiramente a serviço do povo. E, além do enorme

coletivo de sábios, existem milhões de kolkosianos experimentadores. Eles já obtiveram os rendimentos seguintes por hectare: cereais 101 quintais; arroz, 180 quintais; batatas, 1.100 quintais; beterraba para açúcar 1.900 quintais. (1)

No Kazakhstan, Olga Gonajenko obteve 5.000 quintais de beterraba por hectare (1.210 toneladas por alqueire). Com a vitória do regime kolkosiano e a aplicação da ciência mitchouriniana, o trigo atingiu o paralelo 60° de latitude norte. E há qualidades de trigo que são já plantadas dentro do círculo polar, na península de Kola. Segundo os cálculos do americano Wilcox, o limite teórico de rendimento do trigo seria 110,5 quintais por hectare. Ora, no seu campo de experiências o kolkosiano Matsenko, do distrito de Iampol (região de Vinnitsa), acaba de obter 112 quintais por hectare (27,3 toneladas por alqueire).

Foram criadas raças de animais domésticos de altíssimo rendimento como por exemplo as célebres vacas de Kostroma que dão até 16.000 litros de leite numa só lactação.

(1) Estas quantidades em toneladas por alqueire de terra, são: cereais 24,6 toneladas; arroz 44 toneladas; batata 270 toneladas; beterraba 460 toneladas.

## MILHÕES DE BRAÇOS ELÉTRICOS

Somente nas condições do regime socialista soviético é que o povo dispõe da possibilidade de lutar de maneira consciente e planificada contra as forças cegas da natureza, domá-las, transformar os rios em torrentes de eletricidade. «O Comunismo, é o poder dos Sovietes mais a eletricidade de todo o país», dizia Lenine. E precisando mais: «Se a Rússia se cobrir de um sistema único de centrais elétricas e de poderosas instalações técnicas, nossa edificação econômica comunista tornar-se-á um modelo para a Europa e para a Ásia socialistas do futuro.»

A revolução socialista de outubro fez saltarem os obstáculos que se opunham à eletrificação da economia nacional e permitiu começar a tarefa proposta por Lenine. A jovem República dos Sovietes batia-se ainda contra os inimigos do interior e do exterior quando, em 1920, foi elaborado o plano do Estado para a eletrificação da Rússia (Goelro). O plano previa, dentro de 10 ou 15 anos, o melhoramento das centrais existentes e a criação de 30 centrais novas duma potência total de 1.500.000 kilowatts, e duma produção anual de 8,8 bilhões de quilowatts-hora.

Para a época, o plano Goelro tinha proporções tão gigantescas que muita gente o considerava irrealizável. Wells o escritor, então de passagem pela Rússia, o qualificava de utopia, e chama Lenine «o sonhador de Kremlin.» Ora, em 1935, estavam realizados 250% do plano. A URSS continua a criar dezenas de sistemas energéticos. Em 1950, não obstante as terríveis destruições da guerra, a produção global de energia elétrica do país era de 82 bilhões de kilowatts-hora. Terminada a guerra, as decisões concernentes à edificação do comunismo se sucedem em um ritmo acelerado: 21 de agosto (1950), a central hidroelétrica de Kuibichev; 31 de agosto (1950), a central hidroelétrica de Stalingrado; 12 de setembro (1950), o grande canal turkemeno; 21 de setembro (1950), a central hidroelétrica de Kakovka e os canais do Sul da Ucrânia e do Norte da Crimeia. Estas obras serão postas em serviço respectivamente em 1955, 1956 e 1957.

Atualmente cada cidadão soviético utiliza para suas necessidades pessoais, sete vezes mais eletricidade do que o habitante da Rússia pré-revolucionária. Calcula-se que cada kilowatt permite substituir o trabalho físico de 8 pessoas. Assim sendo as centrais hidroelétricas em construção sobre o Volga, o Dnieper, o Grande canal Turkemenio, o Don, permitirão, com sua potência ultrapassando 4 milhões de kilowatts, substituir o trabalho físico de 33 milhões de homens e de acrescentar na mesma proporção reservas de trabalho do país. Estas centrais fornecerão anualmente 22 bilhões de kilowatts-hora de energia elétrica. E' 4 vezes a energia fornecida por todas as centrais hidroelétricas de toda a América do Sul. E está próximo o dia em que, cumprindo-se o plano staliniano, os rios Ienissei e Obi, que desaguam no oceano Glacial Artico, serão dotados de enormes barragens e centrais hidroelétricas, e terão mudado o sentido do seu curso

## JURACI MAGALHÃES e GORDON DEAN

Os magnatas de Washington deixaram escapar seu contentamento pela «notável intensificação das relações políticas, econômicas e militares com o Brasil», segundo informa um telegrama publicado em «O Estado de São Paulo», de 27/12/51.

De que vem este contentamento? E' o próprio telegrama que deixa transparecer: Gordon Dean, Eugene Black, Comissão Mista de Desenvolvimento Econômico brasileiro-americana e outros «planos de cooperação» estabeleceram as bases de uma rede de exploração e espionagem no Brasil, que já está dando seus frutos.

Já se diz claramente que a viagem de Dean parece indicar que o Brasil «é considerado como importante fonte de urânio», e se nos lembrarmos que o mesmo Dean disse antes, referindo-se a uma fabulosa dotação orçamentária para a Comissão Nacional de Energia Atômica dos EE.UU. que a finalidade principal desta verba seria «a aquisição de todo urânio disponível no mundo ocidental» (Diário da Noite, S. Paulo, 8/1/1951), percebemos logo o jôgo imperialista e guerreiro de que estamos sendo vítimas.

Gordon Dean veio ao Brasil carregar nosso urânio para a

fabricação das bombas atômicas. Nós somos uma fonte de matérias primas, dizem eles cinicamente, e depois pretendem enganar-nos com balelas, como seja a montagem de um reator atômico piloto... Ace-nam com a possibilidade da construção de uma «cidade atômica» que, feitas as contas, não passa de um celeiro de minérios atômicos uma concentração de matérias primas para, assim, serem mais facilmente carregadas para os Estados Unidos.

E os famosos créditos que Mr. Black veio trazer-nos para que irão servir se não para possibilitar esta pilhagem de nossos minerais através de uma rede de transportes adequada? Basta que nos lembremos da última falação presidencial sobre a lei de reaparelhamento dos portos...

Ao lado disto, no front interno do saque, o cacarejamento de meia dúzia de entreguistas tipo Juracy Magalhães vem completar os preparativos para um novo festim aos Sabinos.

Esquecem-se apenas de que o povo brasileiro não vai entrar nesta dança e está cada dia mais alerta e mais consciente de seus verdadeiros interesses, que não serão jamais os mesmos dos fazedores de guerras e bombas atômicas.

para o sul, em direção dos mares de Aral e Caspio para fertilizar novas terras até agora estéreis.

A indústria de energia elétrica da URSS está em primeiro lugar no mundo. São utilizadas, na indústria soviética, turbinas a vapor de vários estágios de 100.000 kilowatts de potência, girando a 3.000 rotações por minuto com uma temperatura de 500°. Seu rendimento é de 17% superior ao de uma turbina de mesma potência com pressão média e superaquecimento. Está praticamente resolvido o problema da utilização do vapor a altas pressões e altas temperaturas levando o vapor até 170 atmosferas e 550°. Foram feitas experiências bem sucedidas com uma caldeira de ensaio a uma pressão de 300 atmosferas e uma temperatura de 600°. Dentro de 4 ou 5 anos, a automatização de todas as centrais térmicas da URSS deverá estar terminada.

Certas centrais elétricas são já dirigidas por telecomando dum centro distante 200 a 300 quilômetros. Estas centrais automáticas funcionam sem nenhum pessoal de serviço. O problema da transmissão da energia a distâncias muito grandes que atinjam 1.000 quilômetros, é resolvido atualmente na URSS empregando linhas de 400.000 volts. Centrais elétricas e centros in-

dustriais separados uns dos outros de várias centenas de quilômetros, se unem em uma rede única. O dono põe ordem em sua própria casa. Realiza um plano de eletrificação de todo o país. Do Baltico ao Pacífico e do Oceano Glacial Artico ao Mar Negro, cria uma energética aperfeiçoada sobre um território que corresponde à 1/6 do globo. Os enormes recursos em água da Siberia Oriental, da Ásia Central, das regiões do Volga, da península de Kola e de outras regiões, farão parte de um sistema energético único. Dentro em pouco, graças à rede única de alta voltagem, será suficiente para o controlador apertar um botão e enviar a qualquer região da imensa União Soviética a energia que ela necessitar. Nos 10 ou 15 próximos anos, a produção anual de energia elétrica deve elevar-se pelo menos a 250 bilhões de quilowatts-hora.

A importância da eletrificação como elemento primordial da base material e técnica do comunismo, é determinada pelo fato de a energia elétrica ter uma aplicação universal, em todos os processos de produção. Esta particularidade da energia elétrica torna racional a transformação de novas fontes de energia em energia elétrica. Não demorará muito e na URSS, além das centrais hidroelétricas ultrapotentes,

# A CRITICA DE ARTE CONTEMPORANEA

F. PEDREIRA

O que parece movimento no campo da arte não passa, muitas vezes, de agitação no mercado artístico dominado pelos especuladores.

Camille Mauclair (cit. por Plekanov, «L'art et la vie sociale») dizia já em 1906: A questão pecuniária está tão estreitamente ligada aos problemas da arte que a crítica artística se sente como que emparedada. Os melhores críticos não podem dizer o que pensam e os demais dizem apenas o que acham conveniente dizer... alegando que vivem do que escrevem.

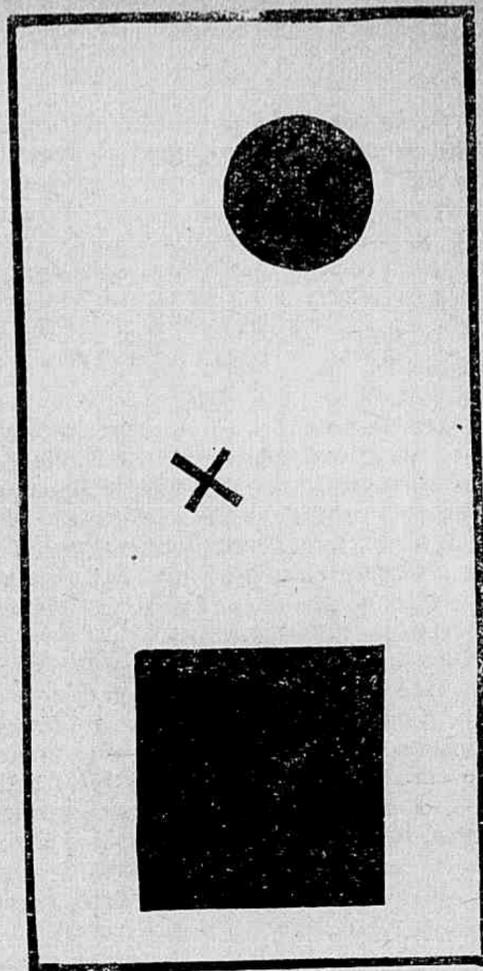
Recentemente, um dos mais conhecidos pintores de São Paulo lamentava-se porque, para redigir a apresentação dos seus quadros, a galeria expositora contratara os serviços de um crítico que levou muito longe o seu zelo de propagandista. E a Bienal, que tantos elogios mereceu dos profissionais da crítica, não fez senão destacar e premiar aqueles artistas para os quais se pretendia conquistar o mercado paulista. A maioria das obras expostas, as que mereceram prêmios e para as quais se fez convergir a atenção do público através de uma publicidade bem orientada, foram aquelas que não encontram boa saída nos mercados estrangeiros e que, portanto, as grandes galerias, os negociantes de arte, tinham interesse em vender no Brasil. E' o caso de um Chastel, p. ex., do qual, segundo se diz, uma das principais galerias européias possuía um considerável encalhe...

Assim, também entre nós, começa a suceder o que há cerca de meio sé-

culo é a regra nos países mais adiantados. O mecenato torna-se, para os homens de fortuna, um meio de escapar ao impôsto de renda e um bom negócio. O comércio de obras de arte se desenvolve e passa a servir de fácil meio de vida a todo um exército de aventureiros espertos, travestidos de críticos e conhecedores. Esta situação é particularmente favorável aos grandes industriais não somente do ponto de vista financeiro: dominando o mercado artístico através dos seus agentes que controlam as principais galerias, museus e publicações de arte, eles conseguem influenciar a produção artística com muito mais eficiência e discreção.

\*\*\*

Transformada a obra de arte em mercadoria, a crítica de arte passou a ser (com raras exceções) apenas um setor altamente especializado da propaganda comercial. Sua primeira preocupação tem sido assegurar ao produto da criação artística este tipo de «liberdade» necessário ao comércio. Para isso, procurou apoiar-se no pior idealismo subjetivo que libertaria a arte de compromissos incômodos com a vida e a sociedade. Mesmo um Francis Jourdain, escritor humano e sensível às coisas do nosso tempo, comunista militante, declarava logo após a última guerra que, grandes e magníficas que tivessem sido a luta e a vitória contra o nazismo, como pintor ele não acreditava que pudesse pintar outra coisa senão ele mesmo. E' o que diz com menor simplicidade Charles Estienne ao ensaiar uma



MALEVITCH

justificativa para a pintura abstrata: o homem de cultura européia tornou-se um homem separado que não pode reencontrar a realidade a não ser em si mesmo — a realidade do homem interior. Afirmções deste tipo encontram-se na base de tôdas as pseudo-teorias modernistas. Para o artista, para o indivíduo — dizem — não há outra realidade senão o próprio eu. Negam as-

funcionarão as centrais elétricas atômicas.

Na União Soviética, nas condições do sistema socialista de economia, caracterizado pela propriedade social dos meios de produção e onde a economia nacional se desenvolve segundo um plano não existe e não pode existir obstáculos para a utilização da energia atômica para fins pacíficos. A. Vichinski, ministro das Relações Exteriores da URSS, proclamou da tribuna da ONU em novembro de 1949: «Nós precisamos da energia atômica para a realização das grandes tarefas da edificação pacífica. Nós utilizamos a energia atômica para arrazar montanhas, desviar o curso dos rios, irrigar desertos. Nós utilizamos a energia atômica para levar a vida onde o homem até hoje só tem encontrado desolação.» A energia atômica é a energia do futuro. Toda a ciência soviética trabalha para a sua introdução nos processos de produção.

## PRÓXIMAS PERSPECTIVAS

Ali a experiência já adquirida permite ver claramente as perspectivas próximas do desenvolvimento econômico da URSS. Na indústria, os trabalhos penosos e monótonos serão feitos por máquinas. Haverá linhas de fábricas automáticas desde a mina até a usinagem dos produtos. A transformação da natureza permitirá ao homem soviético submeter à sua vontade os desertos de areia e de gelo. A aplicação generalizada da ciência mitchuriniana permi-

tir-lhe-á criar sempre melhores e novas espécies de plantas e animais. Na produção socialista pode-se «elevar a tal ponto a força de produção de cada indivíduo que ele poderá produzir o suficiente para o consumo de 2, 3, 4, 5, 6 homens. (K. Marx e F. Engels: «correspondência»). O homem soviético modificará o clima; mudará a direção das correntes atmosféricas e das correntes marinhas. Utilizará as marés do oceano e o calor do sol para criar energia à qual se ajuntarão tôdas as novas variantes da energia atômica. O átomo é inesgotável, dizia Lenine, já em 1908, iluminando os caminhos da ciência. «A natureza é infinita como a menor de suas partes (o elétron inclusive)... («Materialismo e empiriocriticismo»).

O capitalismo protesta em altos brados toda a vez que se fala em aproveitamento da energia atômica para fins pacíficos. Essa hostilidade vem do fato de que ela provoca a falência dos monopólios em uma série de ramos da indústria de combustíveis e de eletricidade. Nas condições do capitalismo, a utilização da energia atômica para fins pacíficos criaria novos milhões de desocupados, agravaria ainda mais as contradições antagonistas da sociedade capitalista.

«Barbaria civilizada!» dizia Lenine para o punhado de milionários que freiam o progresso humano. «Para qualquer lado que se olhar, a cada passo, encontramos problemas que a humanidade está perfeitamente segura de poder resolver imediatamente. O que a

impede é o capitalismo... A civilização, a liberdade e a riqueza, no regime capitalista fazem pensar num rico obeso que apodrece em pé e não deixa viver o que é novo. Mas o que é novo cresce e chega em cima a despeito de tudo.»

A sociedade nova, a sociedade comunista, edifica-se rapidamente na URSS. Nos 10 ou 15 anos próximos, no fim do programa enunciado por Stalin em seu discurso de 9 de fevereiro de 1946, a sociedade soviética terá feito nascer a abundância em proveito de todo o povo. Contra isso é que se rebela o punhado de milionários que se fez do sangue e dos ossos dos trabalhadores.

Enquanto Stalin, intervindo no XVIIº Congresso do Partido Bolchevique dizia: «Não terá valido a pena termos derrubado o capitalismo em outubro de 1917 e edificado o socialismo se não conseguirmos que entre nós os homens vivam em abundância,» o ministro americano da Agricultura Brannan declara: «Nosso consumo de carne, de laticínios e de ovos, diminuem enquanto os nossos excedentes aumentam.» Bela «lógica» do capitalismo que consiste em fazer estoques, destruir os «excedentes» em lugar de distribuir para os esfaimados, que consiste em se opôr pela violência aos designios da humanidade.

Mas a lógica da História é bem mais forte do que a lógica do capitalismo. Digam o que quizerem os profetas da burguesia, ela mostrará num futuro próximo como se define o mundo: No mundo capitalista, a crise e a fome! Na URSS, o comunismo, o pão gratuito!

sim, de início, toda possibilidade de um conhecimento objetivo, para colocar a arte fora dos limites da experiência social.

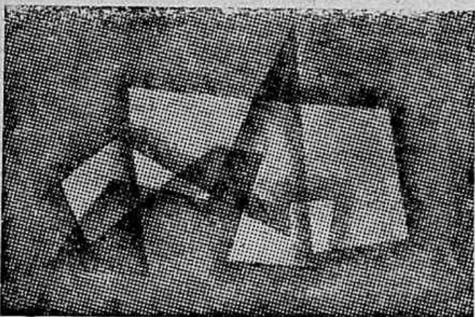
O primeiro característico da arte dita moderna é, portanto, o horror à realidade objetiva, a oposição violenta à ciência e à razão. Dai o seu caráter essencialmente retrógrado e fútil.

\*\*\*

Jean Cassou, um dos teóricos mais hábeis e autorizados do modernismo, inicia o seu livro «Situation de l'art moderne», repetindo a velha tese segundo a qual, embora muitas vezes a obra de arte cumpra um fim social, não é isto o que caracteriza o fenômeno artístico mas, ao contrário, este se manifesta apesar do objetivo útil que é imposto ao artista pela sociedade.

Já de outra feita o mesmo Cassou formulara este pensamento de forma mais clara. Falava então do lado anedótico e do lado permanente da obra de arte. Enquanto o primeiro, por dizer respeito às circunstâncias existentes na época de criação da obra de arte, tinha um caráter temporário e perecível — o segundo, o verdadeiro elemento artístico, é que conferia à obra de arte o seu valor eterno e imperecível.

Trata-se, como se vê, de um modo diferente e «original» de abordar o problema da forma e do conteúdo na criação artística, sendo a forma este ele-



Paul Klee

mento de valor eterno e imperecível.

Realmente, não apenas os produtos da criação artística, mas todos os produtos do trabalho humano, podem apresentar, ao lado de aspectos que permanecem integrados no tesouro da cultura, outros que o progresso põe de lado rapidamente, como errôneos e falsos. Seria mais prudente, porém, não falar de valores eternos e imperecíveis, isto é, absolutos. Os valores permanecem até que sejam superados pela marcha do conhecimento humano.

Se uma obra de arte da Renascença ainda nos comove, isto não se deve a nenhum misterioso elemento de criação artística que estaria acima do tempo e das sociedades. A descoberta da bússola, p. ex., ou a da imprensa, mantêm do mesmo modo o seu valor. E se os navios de hoje não se satisfazem com uma simples bússola, ou os jornais modernos com máquinas do tipo das que usou Guttenberg — há muito os pintores deixaram de contentar-se com a arte de Leonardo. O que se poderia dizer é que, em matéria de navegação e de imprensa, o progresso foi muito maior que no terreno das artes plásticas. Indubitavelmente, Jean Cassou, com as suas pseudo-teorias, contribuiu para que este atrazo não seja recuperado...

\*\*\*

## KENNAN - DIPLOMATA ESPIÃO

Não é por casualidade, como acentuou a Radio de Moscou, que o Departamento de Estado designa como diplomatas na URSS e nas Democracias Populares, pessoas suspeitas, que geralmente são espões veteranos.

É assim que atua a diplomacia imperialista. A recente nomeação de George Kennan para embaixador em Moscou, não passa de uma cínica provocação do governo americano.

Quais são as credenciais desse homem, que o governo dos Estados Unidos nomeou seu representante em Moscou?

O jornalista inglês Ralph Parker, que se encontrava em Moscou, no Dia da Vitória, nos relata o seguinte fato:

“Diante de uma janela fechada vi a alta silhueta de George F. Kennan, conselheiro da Embaixada dos Estados Unidos. Mantendo-se à distância para não ser visto de baixo, ele olhava silenciosamente a multidão. Na rua, o ruído amortecia e se fundia num rumor surdo. Notei na fisionomia de Kennan, que observava esta cena tão comumente, uma expressão estranha de descontentamento e irritação. Depois de haver lançado um último olhar sobre a multidão, ele se afastou da janela e disse colérico: “Eles se alegram... acreditam que a guerra esteja acabada. Ora, ela apenas começa”.

De regresso aos Estados Uni-

do, este homem distinguiu-se como principal assistente do General Marshall, cujo famoso “plano” era a etapa econômica, preparatória da dominação política através do Pacto do Atlântico. Após este seu trabalho de absorção das economias dos povos ocidentais, Kennan dedicou-se à distribuição de fundos da “Fundação Ford” para organizações anti-soviéticas. O objetivo desses fundos era fomentar a espionagem e sabotagem na União Soviética e Democracias Populares e custear a propaganda anticomunista.

A passagem desse refinado espião por nossa terra ainda está viva na memória do povo. Centenas de patriotas foram presos e espancados pela polícia, por terem protestado contra a permanência desse agente imperialista em nossa terra. Foi numa dessas manifestações populares que irromperam no país nessa época que o pavilhão americano foi queimado em praça pública (Praça Clóvis Bevilacqua) em sinal de protesto.

George F. Kennan em suas atitudes e declarações tem-se revelado um ardoroso defensor da inevitabilidade da guerra. Dentro das exigências da diplomacia americana, não podemos negar que foi coerente a escolha do Departamento de Estado.

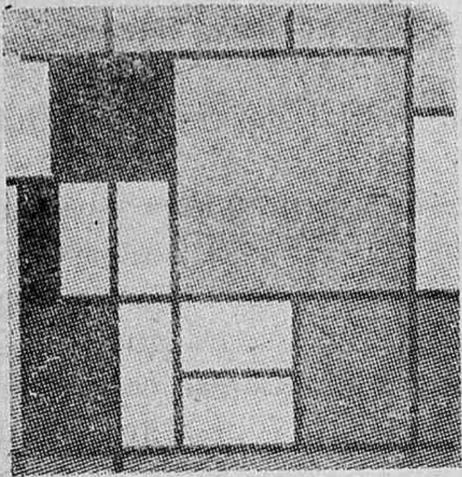
E' falso separar mecanicamente a forma do conteúdo na obra de arte. A forma não existe a não ser em função do conteúdo a que dá expressão. Se o conteúdo desaparece ou deixa de ter valor, a forma, por sua vez, torna-se sem sentido e sem valor. Dizer que as obras da Grécia antiga, p. ex., valem apenas pela forma, uma vez que o seu conteúdo desapareceu com as condições que lhe deram origem, é igualmente falso. Na verdade, as obras de arte da Grécia antiga perderam uma parcela do seu valor, não porque o seu conteúdo tenha desaparecido, mas porque o progresso pôs de lado, como errôneos e falsos, alguns aspectos deste conteúdo, acrescentando coisas novas.

Tomemos o exemplo da Venus de Milo. Seu conteúdo é a representação do ideal feminino da Grécia de um determinado período. Na medida em que este conteúdo já não corresponde à realidade dos nossos dias, a estátua grega perdeu uma parcela de sua significação. Embora continue inteiramente válida como documento de uma época e de um tipo de sociedade. Do ponto de vista da cultura, portanto, a Venus

de Milo importa pelo seu valor histórico: ela nos ensina a conhecer o ideal feminino da Grécia antiga, ideal que influenciou fortemente as sociedades posteriores e que, enriquecido e modificado pelo desenvolvimento social, veio constituir o ideal feminino do nosso tempo. Do ponto de vista particular da arte, a Venus de Milo importa também como elemento para o estudo de como os artistas gregos representavam as idéias e coisas do seu tempo.

O ideal feminino torna-se mais rico e elevado porque crescem as exigências sociais em relação à mulher. Aos artistas modernos cumpre representar este enriquecimento e esta elevação como o fizeram, em seu tempo, os mestres da Renascença e os grandes artistas de todas as épocas.

Falando da beleza das formas, que persistiria mesmo quando o conteúdo tivesse perecido, Jean Cassou combate a função social da arte que, a seu ver, é imposta pela sociedade em prejuízo do livre desenvolvimento da força criadora dos artistas. A arte passa a ser, deste modo, um «puro» jogo de formas,



Mondrian

acima do tempo e das classes sociais. O que não a impede de tornar-se um instrumento cosmopolita e desnacionalizante que prejudica a afirmação das culturas nacionais e desvia do rumo certo os artistas de talento verdadeiro.

Na base da crítica de arte contemporânea encontramos, portanto, a norma «estética» segundo a qual, para a obra de arte, a realidade exterior pode servir, quando muito, de simples pretexto ou motivo formal. A forma artística — dizem — é só o que importa; através de jogos e combinações de linhas e cores, aparentemente sem sentido, o artista moderno ne liberta das aparências enganadoras da realidade exterior, para nos dar uma visão mais profunda e verdadeira do mundo.

Em seu estudo sobre o romance, publicado na revista Para Todos, Ilia Ehrenbourg faz uma observação que reduz a pó todos estes sofismas. O formalismo moderno não é, como se pre-

tende, a preocupação extremada pela forma, mas a ausência de conteúdo. Na verdade, para os críticos modernistas, todas as formas são válidas desde que destituídas de conteúdo. Os debates em que se empenham, visam apenas esconder esta miserável carência de idéias. Aceitam, desde o figurativismo de um Bonard, até o suprematismo de Mahlevith (que pintou um retângulo negro sobre a tela branca) ou o neoplasticismo de Mondrian. A isto se reduzem as afirmações sobre a libertação das «aparências enganadoras da realidade exterior».

O declínio do conteúdo — dizia Plekanov — acarreta, primeiro, o fim da beleza e, em seguida, a fealdade da forma. Eis o que não puderam evitar os teóricos do modernismo.

\*\*\*

Firmada em tais princípios, a crítica de arte não poderia deixar de transformar-se num palavreado obscurantista e sem sentido, que esconde quasi sempre um charlatanismo refinado. Vejamos, p. ex., um trecho de Leon Degand, crítico tão profundo que considera o sr. Matarazzo Sobrinho um mero fabricante de latas:

Com efeito; se os demais pintores figurativos partem de uma impressão visual para dela tirar, em virtude de alguma idéia preconcebida de pintura, uma expressão pictórica, Paul Klee parece partir dessa expressão pictórica, imediatamente imaginada, para substituí-la por uma metáfora plástica que constitui, de algum modo, uma expressão pictórica ao segundo grau.

Paul Klee é, portanto, um exemplo para os novos pintores, diz Leon Degand. Seus quadros nos oferecem «uma expressão pictórica ao segundo grau», isto é, de algum modo, uma super-

pintura. Se os demais pintores figurativos pintam simplesmente o retrato de uma pessoa, Paul Klee pinta, de algum modo, o retrato do retrato de uma pessoa... Eis como faz crítica o crítico Leon Degand.

Os exemplos poderiam ser multiplicados. A terminologia hermética não tem outro objetivo senão esconder a falsidade primária das teses que só o misticismo sustém. Um misticismo pacientemente elaborado em torno do profundo «mistério» da criação artística que aos leigos não é dado entender. Tudo isso numa linguagem pseudo-científica que a psicanálise vulgarizou.

Encerrando estas notas, gostaríamos de citar um trecho bastante característico de um artigo de Mario Pedrosa, que muitos consideram como o nosso maior crítico. É o seguinte:

Suas percepções visionárias nos trazem uma nova dimensão lírica e espacial. Nas profundezas do ser os planos do racional e do irracional se confundem. Lá em baixo, o pensar por conceitos, por categorias abstratas, evapora-se ao calor das vivências formidáveis depositadas no fundo do inconsciente, onde se acumulam imagens primordiais. No tesouro petrificado das percepções primeiras o pensar não se desprende do sentir, a razão não se separa da emoção ou da intuição, as coisas não se distinguem das palavras nem os acontecimentos das idéias, e o mundo não se distancia do eu. Nesse plano, o homem é tudo simultaneamente: ser vivente, animal, criança, poeta, artista, místico, mágico até cientista.

Resta concluir que «no tesouro petrificado das percepções primeiras», bem como na crítica de arte contemporânea, reina... a confusão.

## EM PÉ DE GUERRA A INDÚSTRIA NACIONAL

«As vinte repúblicas da América Latina constituem, atualmente, o exército mais unido e dócil dos Estados Unidos da América na O.N.U.» (Da famosa entrevista de J. Stalin ao Pravda). De fato, é por demais flagrante a submissão de nosso governo. Getúlio consolida o que Dutra tinha iniciado, a transformação de nossa economia em favor dos interesses beligerantes dos americanos.

Vejamos, no entanto, o que dizem os fatos:

37% da receita nacional são absorvidos pelas pastas militares.

A «Confab», ou Cia. Nacional de Forjagem de Aço Brasileiro, localizada em Santo André, está produzindo atualmente mais de 300 granadas para canhões «Vickers 105», vendendo a unidade por 720 cruzeiros ao Ministério da Guerra, do qual recebeu uma encomenda no valor de dez milhões de cruzeiros.

A «Pirelli» está produzindo cabos condutores de eletricidade para o Ministério da Guerra e Aeronáutica.

Na Cia. Brasileira de Cartuchos os operários estão vivendo sob regime militar, fiscaliza-

dos e dirigidos por oficiais americanos e brasileiros. Essa empresa recebeu, ultimamente, máquinas ultramodernas que ainda não estão em funcionamento.

A Laminação Nacional de Metais recebeu para experiências de produções amostras de granadas de 105 mm., além de já estar terminando uma encomenda de cinco toneladas de cápsulas para armas Mauser. Anexa à Laminação funciona a «Fábrica de Armas Automáticas», dirigidas pelo Cel. Plínio Cardoso, também proprietário da I.N.A., Indust. Nacional de Armas. A INA obteve recentemente um crédito de 15 milhões de cruzeiros para fabricação de metralhadoras. A I.N.A. e a F.A.R.M.A. estão produzindo peças diferentes para as mesmas armas, como a submetralhadora Madsen e metralhadoras pesadas de tiro fixo. O primeiro pedido do Ministério da Guerra foi de 10.000 metralhadoras leves (tipo Madsen) e 5.000 pesadas. Essas empresas ainda se dedicam à fabricação de pentes para metralhadoras. A produção da F.A.R.M.A., em dois anos, atingiu 100 milhões de pentes.

A Metalurgica S. Francisco, dos irmãos Jafet, logo após o início da guerra da Coréia, realizou grandes entregas de ferro redondo à General Motors. A São José, uma outra usina dos irmãos Jafet, está em vésperas de montar um novo forno de aço para atender às solicitações do programa de guerra.

A General Motors se abastece ainda de chapas de aço provenientes de Volta Redonda, estando preparada para, em 48 horas, adaptar uma linha de montagem para sessenta tanques diários. A G.M., que é a maior fornecedora de viaturas para o Exército, mantém cursos de motomecanização para treinamento de soldados e oficiais do Exército na montagem e conserto de veículos de sua fabricação.

Isto é apenas um apanhado sobre a indústria localizada em São Paulo, mas o mesmo que acontece aqui, se processa em todo o território nacional.

Esta é a política de Getúlio, fiel às normas e diretivas do Departamento de Estado Americano.

# PARTIDARIOS D

Carlos Alberto Souza Barros

— A senhora quer assinar pela paz?

Fazendo essa pergunta, uma operária tecelã dirigiu-se numa manhã ensolarada de domingo, a uma lavadeira que passava pela rua sem calçamento de um esquecido bairro de São Paulo.

A lavadeira ajeitou melhor a trouxa em sua cabeça, e parou, olhando com estranheza para aquela jovem que avançava em sua direção, segurando alguns papéis e lápis.

— Como é que é isso? perguntou desconfiada.

— Nós estamos coletando assinaturas para pedir aos cinco grandes países, Estados Unidos, União Soviética, França, China e Inglaterra, que assinem um acordo de paz entre si, para que não venha uma nova guerra, respondeu prontamente a jovem.

— Isso não adianta menina, disse com ar descrente a lavadeira, enquanto colocava sua trouxa no chão, demonstrando estar disposta a discutir o assunto.

E prosseguiu:

— A Paz só Deus é que pode dar. Eu tenho rezado pela paz. Só a fé é que pode trazer para o mundo o sossego. Se a gente não tem fé e não pede a Deus a paz não virá. Eu tenho rezado muito e estou sossegada.

— A senhora acredita, retrucou-lhe a jovem, que aqueles vinte milhões de pessoas que morreram na guerra passada não acreditavam em Deus e que não rezavam pela paz? É preciso também lutar por ela. Cristo disse: Comerás o pão amassado com o suor de teu rosto. A paz também só se consegue com o trabalho de todas as pessoas do mundo.

A discussão não parou aí. Dois minutos depois, entretanto, a lavadeira escrevia seu nome, apertando a língua entre os dentes, e com muito vagar, nas linhas em branco do Apêlo do Conselho Mundial da Paz.

Mais uma semente para o arsenal da Paz!

A coletora contava mentalmente:

— Com essa são 17 que coletei esta manhã!

O sol forte continuou a iluminar sua face risonha, enquanto se dirigia a outros passantes: "O senhor quer assinar pela paz?"

Como essa moça, centenas de jovens, mulheres, operários e estudantes, lançam-se na Capital, no interior do Estado, no interior de todos os Estados do Brasil, em todos os países do mundo, na grande campanha por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

Essa frase "o senhor quer assinar pela Paz", traduzida pelos corações generosos de todos os países, é pronunciada diariamente em todas as línguas, e martela incessantemente as muralhas dos provocadores de guerra.

Foi essa pressão popular, a união das vontades das pessoas simples, de todas as crenças que fez com que a sra. J. J. Servan Schreiber escrevesse no jornal "Folha da Manhã" do dia 18 de dezembro, sobre a campanha contra a bomba atômica e o Apêlo de Stocolmo: "Ela foi tão bem sucedida que a energia atômica se relaciona hoje no espírito público na Europa, com a magia negra da Idade Média de tal maneira que, se os Estados Unidos empregassem hoje a bomba, correriam o risco de fazer explodir com ela a coligação atlântica."

Esse desespero é vitória do povo. É vitória dos milhares de pessoas que divulgaram os horrores do massacre de populações pacíficas, com essa arma infernal.

Recrimina a Sra. Servan a seguir os "representantes da elite da nação" (para ela os Schumans e De Gaulles), que se assustam com a vontade de paz dos povos e assustados chegam a crer "que as armas atômicas são

talvez, afinal de contas, malditas."

Foi necessário que os povos do mundo inteiro se levantassem e gritassem bem alto: "Essa é uma arma maldita", para que a chamada "elite" pudesse convencer-se que de fato é uma arma maldita aquela que arrasa cidades inteiras, que mata indistintamente crianças, velhos, mães e invalidos.

Vê-se logo que estão cegos pelos seus interesses, e os povos deverão abrir seus olhos a ponta de lápis e canetas, afundando-os em mares de assinaturas e protestos, para forçá-los a ver.

É por causa de artigos como esse da Sra. Servan, que a tecelã ri quando coleta assinaturas. É por isso que o sol brilha forte, no fim da manhã a encontra ainda nas ruas, longe da sombra confortadora de sua casa, a coletar assinaturas: "O senhor quer assinar pela Paz?"

E os banqueiros, os fabricantes de canhões, os governos que querem trocar jovens por dólares, nas sombrias reuniões de Wall Street ou do Catete, tremem de ódio e de medo.

E os jornais de Wall Street comentam para os homens de negócios: "O sentimento de que a guerra chega ao fim, enche de decepção todo o país. O governo não sabe o que fazer" (Wall Street Journal 16-3-51). "A realização do programa de defesa seria impossível se os combates cessassem, trata-se de pôr em função um plano de propaganda destinado a impulsionar o ardor mobilizador." (20-3-51). O U. S. News and World Report, dias após adverte: "A economia seria posta em perigo por uma redução do programa de defesa."

E os metalúrgicos paulistas em passeata bradam para o povo de São Paulo, contra a cobiça dos provocadores de guerra: "Não iremos para a Coréia!"

# A PAZ

Aquela tecelã que corria as ruas de um bairro de São Paulo, em companhia de mais 6 jovens, sentia em seu trabalho toda a solidariedade dos povos que lhe eram completamente desconhecidos mas que como ela amavam a paz.

Estavam ao seu lado os cristãos ingleses que se organizaram por iniciativa de um grupo de ministros da Igreja Anglicana em uma sociedade de nome "Os cristãos diante da crise", que comporta religiosos Anglicanos, Católicos, Quakers, Batistas, Espiritualistas, Unitários, Congregacionistas etc.

Eles realizaram um Congresso em 29 e 30 de setembro, e, entre as resoluções, pode-se ler: "Apelamos ao governo britânico para tomar a iniciativa de pôr fim ao massacre da Coréia e abrir negociações entre as Grandes Potências a fim de colocar os grandes recursos do mundo ao serviço de estabelecimento de um "standard" de vida humano para todos os povos."

Os líderes sindicais ingleses de Sheffield, em mais de uma centena, representando as indústrias metalúrgicas, apoiaram os trabalhos do Conselho Mundial da Paz, e lançaram um manifesto que acentua: "A abertura das negociações por um Pacto de Paz entre Inglaterra, Estados Unidos, França, União Soviética e Índia (sic), afastará o perigo de guerra e trará como resultado severas restrições ao programa de rearmamento em todos os países; permitirá assim colocar todos os recursos nacionais ao serviço da melhoria do nível de vida das populações."

Também os norte-americanos empenham-se na luta pela Paz. Assim é que o congresso anual da "Federação Metodista Americana de Ação Social", compreen-

Sob o título geral "Ante-visão da guerra que não queremos" a revista americana "Collier's" (mais de três milhões de exemplares) dedicou o seu número de 27 de outubro último a uma "reportagem" sobre o que seria a derrota da União Soviética numa III Guerra Mundial. A ilustração que publicamos foi estampada em página inteira no "Collier's". Representa a explosão de uma bomba atômica em Moscou

dendo 4.000 padres, votou, entre outras, a seguinte resolução: "Os cristãos homens e mulheres, têm uma responsabilidade intransferível na resistência a ser feita ao espírito de desencorajamento e ódio cego, de histeria e desespero. Devem procurar desenvolver a compreensão mútua graças à qual as diferenças com a Rússia poderão ser aplainadas. Reafirmamos nossa convicção de que a guerra entre a União Soviética e

os Estados Unidos não é inevitável."

Os trabalhadores, as maiores vítimas da guerra, também se mobilizam e 600 delegados ao 16.º Congresso anual do Sindicato de Eletricistas Americanos (United Electrical Radio and Machine Workers), representando 300.000 trabalhadores apelaram a todos os trabalhadores de sua profissão para que exigissem mais vigorosamente de que nunca, a paz na



The bomb strikes Moscow, in retaliation for heavy attacks on UN cities. Seconds later, Kremlin (within enclosure in foreground) was swept into oblivion. Red Square (surrounding square) was heaped with rubble. St. Basil's Church (tall tower at right) was gone.

PHOTO BY GUY LAWRENCE



A estupidez yanque que ditou o número especial do "Collier's" "prevendo" os principais eventos de uma III Guerra Mundial em que a Rússia seria derrotada, provocou protestos em vários países. O jornal francês "L'Observateur" diagnostica o número do "Collier's" como um sintoma da neurose belicista que domina a imprensa americana; e, em revanche publica uma "preview" da derrota dos americanos numa nova guerra. A ilustração que publicamos, representando a prisão do general Eisenhower por oficiais soviéticos, é do jornal francês.

Coréia, a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, o desarmamento geral, o controle e a interdição das armas de destruição em massa.

O Egito, combatendo pela sua libertação, também luta pela Paz. Em Portugal, sob o terror salazarista, apesar de todas as perseguições, coletou-se mais de 40 mil assinaturas.

O Líbano sublinha a vontade de paz de seu povo com mais de 130 mil assinaturas, contribuindo com seu esforço para a vitória dos povos. E, em Moscou, a organização dos Partidários da Paz já coletou quase 3 milhões de assinaturas.

Os protestos contra as medidas de guerra se fazem ouvir em todo o mundo. A conferência nacional da juventude judia nos Estados Unidos, representando 300 mil pessoas, distribuídas em 300 organizações, protestou a 7 de setembro contra o rearmamento alemão.

Do Japão ocupado, nos vem a notícia de que 34 missionários metodistas japoneses declararam publicamente: "A remilitarização do Japão pode conduzir à ressurreição do expansionismo japonês", e pediram a paz entre os grandes para a sobrevivência de todos.

O eco de todas essas vozes bailava nos ouvidos da jovem tecelã no fim da tarde, misturado à ciranda das crianças que brincavam ainda nas ruas.

Ela junta-se ao grupo de coletores que, entre risos alegres, contam as experiências do dia.

Um deles conta que foi recebido por um senhor italiano que participou da I Grande Guerra. Esse senhor convidou-o a entrar e reuniu em torno da mesa sua mulher e três filhas, dizendo-lhes a seguir:

— Vocês prestem bem atenção. Esse moço aí está coletando assinaturas para que não haja uma nova guerra.

Tomando um ar sério e emperdigando-se, prosseguiu:

— Eu participei da I Guerra Mundial. Vi todas as misérias que surgiram como consequência. Perdi nela os meus melhores amigos. Nada de bom conseguimos.

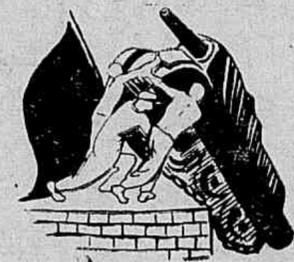
Narrou a seguir detalhes da miséria que se estendeu em toda a Itália e por fim a sua partida para o Brasil. Solenemente fez com que todos assinassem e, comovido, despediu-se do jovem desejando-lhe boa sorte.

Quando comentavam o acontecimento, lembraram que o Conselho Municipal de Roma aprovava um apelo ao governo italiano pela solução pacífica do conflito coreano e por um Pacto de Paz, fazendo eco ao jornal "La Cité", órgão dos sindicatos cristãos belgas que afirmou em artigo: "A Carta das Nações Unidas ela mesma entrega aos 5 Grandes, unidos aos princípios da unanimidade, a missão de salvaguardar a Paz."

O grupo alegre de jovens coletores aproximava-se da sede da Cruzada da Paz do bairro, onde iriam contar as assinaturas recolhidas e verificar quem havia ganhado o prêmio de emulação.

Da janela da Cruzada, ouvia-se a sanfona do Vital em ritmo de baião, e o vozerio dos coletores que já começavam a dançar.

Saindo de uma igreja próxima, vinha uma senhora de preto com



um véu, a cabeça em atitude de recolhimento.

A jovem tecelã aproximou-se, correndo quase e perguntou-lhe:

— A senhora quer assinar pela Paz?



---

Com a publicação deste desenho de Portinari, FUNDAMENTOS associa-se às comemorações do quinquagésimo-quarto aniversário de Luís Carlos Prestes, figura luminosa de intelectual e revolucionário que honra o Brasil. Que ele possa prosseguir, por muitos anos ainda, em seu combate ardente e incansável pela libertação de nossa pátria, são os nossos votos

---

# OS CAMINHOS DA ARQUITETURA MODERNA

J. VILANOVA ARTIGAS

Algumas formas da Arquitetura Moderna parecem absurdas e chocam dando a impressão de serem produto do acaso, da fantasia, unicamente da fantasia do arquiteto que as imaginou. Entretanto não é assim. Cada escola, cada tendência, está montada sobre um certo número de premissas, e as formas dos edifícios que criam os arquitetos filiados a cada uma delas, não são somente produto de sua fantasia, mas também uma consequência lógica dessas premissas.

Se as formas são absurdas, é porque as premissas são irracionais.

Franck Lloyd Wright, por exemplo, o famoso arquiteto americano de 80 anos de idade constrói prédios de aspecto característico — têm as cores dos materiais de que são feitos. A madeira, o tijolo, a pedra, aparecem sempre com as suas cores características, sua textura, suas próprias qualidades. As casas de Wright, abrem-se para os jardins, para a natureza a fim de realizarem um entrelaçamento entre o que está dentro e o que está fóra, um entrelaçamento com os arredores, com as árvores, as colinas, a paisagem, adaptando-se às condições da natureza. Da maneira de empregar os materiais e da maneira de aproveitar, a paisagem resultam formas que são a consequência lógica de uma posição teórica bem definida. Os materiais devem ter a sua cor, a sua textura própria, porque o seu funcionamento deve ser «orgânico» — diz Wright — as qualidades, a natureza dos materiais, são um dado do problema. Pintá-los, acrescentar-lhes qualidades que não são as suas próprias, empregá-los de maneira que constrejam seus valores característicos, é mentir e vilipendiar o material. A adaptação da forma, da casa, à natureza é chamada «integrar-se na natureza». Há, para Wright, uma forma para a casa, que assenta, ajusta-se aos arredores e «se integra» na paisagem. Resumindo, isto quer dizer, que a natureza, a realidade, tal como ela é, tal como Wright e seus discípulos a vêem, não deve ser mudada. É um dado do problema, um absoluto, ao qual as formas se devem adaptar, ao qual deve adaptar-se a vida humana, afinal.

Nas formulações teóricas de Wright, como se pode imaginar, Deus aparece freqüentemente, para uma ajuda ao Te e ao esquadro.

No lado oposto, está o famoso arquiteto francês Le Corbusier.

Os materiais que Le Corbusier aconselha e emprega são essencialmente a expressão da indústria moderna. A cor, a textura, a forma deles, devem ter o refinamento, o sentido esbelto de eficiência, de economia de supérfluos, que caracterizam as peças de máquinas — destinadas como são a cumprir missões específicas. A natureza deve participar da casa. O homem deve gozar a natureza, porém uma natureza organizada, controlada segundo uma ordem preestabelecida. Os próprios edi-

fícios são construídos sobre colunas para que por baixo deles possam atravessar vias de comunicação que afinal é o edifício que organiza, pois prevê. Os jardins, não são a paisagem tal como ela é; são a paisagem organizada, são os tetos-jardins. Le Corbusier, propõe uma ordem realizada com o instrumento da sociedade do presente: a técnica. Para ele a técnica é a nova ferramenta capaz de resolver todos os problemas do mundo moderno, desde os problemas mais mirabolantes da arquitetura, como plantar jardins no topo de edifícios ou construir auto-estradas em viaduto atravessando cidades inteiras, até os problemas sociais.

Enquanto a natureza de Wright nos evoca o campo, a paisagem aberta e condições existentes, Le Corbusier sugere a cidade com seus problemas de organização, de polícia, de domínio do caos a todo o custo.

Entre estes dois arquitetos que chegam as duas grandes correntes de pensamento da arte de construir no ocidente, há variantes. Uns se aproximam mais do «organicismo de Wright como Alvar Aalto e outros arquitetos nórdicos. Outros preferem a variante «maquinista» de Le Corbusier.

Mies van der Rohe, ilustre arquiteto alemão residente nos EE. UU. é conhecido de há muito como o purista mais absoluto da forma arquitetônica. Nêle a pesquisa da beleza pura vai a tal ponto que ao desenhar uma cadeira, por exemplo, não pode partir do princípio de que ela se destina a um ente humano. Isto significaria um compromisso. É à esquerda de Le Corbusier. Walter Gropius já acha que a forma é uma consequência imediata, **quase-mecânica** do destino do objeto. Uma cadeira, para usar o mesmo exemplo, terá a aparência que a comodidade ao sentar-se, os materiais empregados, mais a melhor maneira de trabalhá-los, determinarem. Dado um problema de arquitetura, se conseguirmos pôr em equação todos os termos, o resultado será necessariamente predeterminável. Segundo os princípios de Gropius, Arquitetura não é arte. Um prédio resultaria de uma operação numa régua de cálculo.

Há ainda um número enorme de outras tendências. Imagina-se uma premissa, por absurda que seja, e sobre ela monta-se o edifício de uma «Arquitetura». Os exemplos que foram citados são suficientes entretanto para ilustrar o objetivo deste artigo que é fundamentalmente o de mostrar, que a obra dos arquitetos exprime ideologicamente o pensamento da classe dominante — a burguesia. É ainda mais, que nas circunstâncias atuais da luta entre as duas classes — a burguesia e o proletariado — a Arquitetura Moderna tal como a conhecemos, é uma arma de opressão, arma da classe dominante; uma arma de opressores, contra oprimidos.

## UMA NOVA TEORIA PARA A ARQUITETURA MODERNA

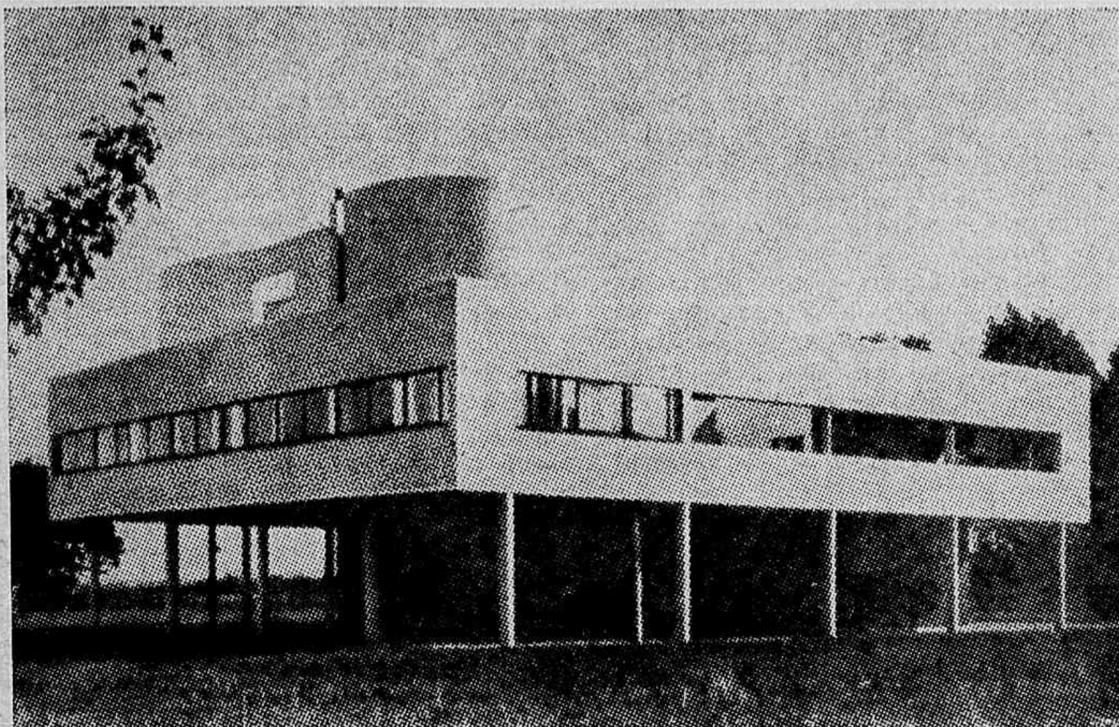
Sözinha, nenhuma das escolas descritas dão segurança à burguesia nos tempos que correm. Elas se contradizem, se destroem mutuamente. Eis porque nas páginas dos principais periódicos especializados nota-se ultimamente que esforço enorme está sendo feito para organizar, rever as teorias que têm orientado a arquitetura contemporânea e reunir um só corpo de doutrina as miríades de Escolas e Tendências que caracterizaram a estética do primeiro após guerra. As teses já gastas que fizeram a **Arquitetura Funcional** estão ligadas a promessas que não foram e não podiam ser cumpridas; de tal maneira, que o nome **Funcional** por si mesmo, é uma denúncia. Diz o arquiteto dinamarquês Kay Fisher (Domus — julho 1950):

«O estilo funcional morreu, as razões do funcionalismo não morrem.» As razões que determinaram o funcionalismo, Engels já chamara em 1845, «...a arte de dissimular o infortúnio da classe operária...» referindo-se aos planos da burguesia inglesa de construir casas para operários.

O tom geral com que as pesquisas são orientadas, é cauteloso. Já não se trata mais de arrasar com grandes frases ultra-revolucionárias as criações «acadêmicas» mas sim canalizar todos os caminhos do modernismo numa grande corrente, harmonizar sem muito barulho sem nem mesmo citar nomes, como faz um jornal escandinavo especializado — «Byggmästeren» (Architectural Review — Fev. 1949). Uma polêmica, «na atmosfera fria e pagã da Escandinávia» — diz o comentarista inglês Eric de Maré — trava-se entre duas figuras simbólicas, as figuras de dois deuses da mitologia grega Apolo e Dionísio que lideram as duas grandes correntes de opinião em torno das teses da arquitetura e do urbanismo chamados modernos.

Apolo representando o sol, o clareamento, a clareza, a «lei e a ordem.» A mente consciente, disciplina, sociedade, objetividade. Dionísio, o Deus do vinho representando a rebeldia, o romantismo e a licença. Misticismo individualismo e subjetividade. Apolo versus Dionísio, na polêmica, simbolizam o antagonismo entre o intelecto e a emoção, o clássico e o romântico, a cidade e o campo. Apolo encabeça a fila dos defensores das escolas filiadas a Le Corbusier enquanto Dionísio representa os seguidores da escola americana de Franck Lloyd Wright.

Não chega a conclusão nenhuma, está claro. Trata-se de um enigma indecifrável para todos eles. Como fator de unidade só persistem os apelos aflitos que com freqüência tingem as páginas da revista: «é urgente, um **modus vivendi**», «a guerra abalou tudo» e os dias de 1939 «são dias pré-históricos.» «É impossível retomar o caminho de antes da guerra!» Ela «deixou como



**“Vila Savoye”, perto de Paris, uma das mais famosas casas de Le Corbusier. Seus planos para construções populares nunca foram realizados**

resultado uma grande incerteza e muitas suspeitas.» «Não sabemos mais em que devemos acreditar.»

Um balanço do pensamento dos símbolos, esclarece o ponto de vista de cada escola.

Apolo acredita na sociedade tal como ela é. Pretende aperfeiçoá-la através da aplicação rigorosa dos princípios que a criaram, e aplicação até as últimas conseqüências. Quer o império da «lei e a ordem» que a técnica moderna com os recursos inesgotáveis de que dispõe, pode manter. Se a técnica inspira aviões de qualidades tão refinadas, também pode cumprir a promessa da arquitetura burguesa ao povo, mediante a construção de casas em série. Le Corbusier diz da técnica: — «E' uma nova ferramenta.» Instrumento para estabilizar a ordem social! «Infelizmente estes princípios se desmoralizaram com a caricatura nazista» queixa-se um dos participantes no debate.

Dionísio procura fazer crer que a sociedade atinge ao desenvolver-se, uma senilidade específica; e que necessariamente tem de voltar para trás, para as suas próprias origens e começar tudo de novo. Wright, o chefe da escola dos dionísios, é uma espécie de Bertrand Russell da Arquitetura: anárquico, anticientífico, irracional. Ironiza a grande cidade, não para culpar a classe dominante, mas para apontar a felicidade no campo, uma espécie de volta à Idade-Média.

Dionísio pensa que o retrocesso da sociedade salvará o capitalismo de sua queda irremediável — finge-se arrependido do domínio burguês que exerce e diz-se democrático em oposição ao fascismo de Apolo.

#### **APOLO E DIONÍSIO FAZEM URBANISMO**

Ninguém nega, ninguém pode esconder o caos que impera nas cidades que a burguesia dirige. Muito ao contrário, todos acompanham os protestos popu-

lares, inclusive os urbanistas e tratadistas que até disputam entre si argumentos para reforçar e dar cores vivas às misérias urbanas. Os livros de urbanismo em geral, são um passelo aos cortiços. Americanos, querem para si a desonra de possuírem em N. York um Harlem — o maior cortiço do mundo. Já autores ingleses ressaltaram num mazoquismo mais digno, à inglesa, as misérias de seu East End. Entre nós em São Paulo é a própria Prefeitura Municipal que exerce o cinismo burguês a falta de «autores qualificados.» Notas como esta, são freqüentes na imprensa diária:

**PROBLEMA DA MORADIA POPULAR** — A Divisão de Estatística e Documentação Social da Prefeitura Municipal de São Paulo, prosseguindo nas observações que vem fazendo sobre o problema da moradia popular, acaba de proceder a uma sindicância, relativamente ao modo de vida dos moradores do cortiço de madeira e zinco, levantando no parque Ibirapuera. Recolheram-se os seguintes dados: em 29 cômodos, de dimensões reduzidas, estão alojadas 27 famílias, com 145 pessoas, numa significativa média de 5 pessoas por cômodo. Metade dessa população é constituída de crianças. As condições higiênicas verificadas foram as piores possíveis, visto que as 27 famílias dispõem apenas de 5 instalações sanitárias.

(«Fôlha da Manhã», 26/X/51)

São objetivos, passam por não temerem a verdade, e por isso vão mais longe: o transporte coletivo também está em desordem e as fábricas estão mal localizadas em relação às residências; não há lugares para recreação; autores e autoridades do lado do povo na crítica à agonia de viver dentro do caos urbano. Por que? Para vigiar que os remédios propostos não venham a revelar a responsabilidade da classe dominante.

Os termos para isentar de culpa a

burguesia, para convencer que não adianta derrubá-la do poder, que tudo sempre foi o que é, são diversos. Siegfried Gideon o famoso crítico de Arquitetura que ainda há pouco nos visitou a convite da Bienal imperialista, recomendando um livro do urbanista José Luís Sert (Can our Cities survive?) diz:

o livro «mostra que nossas cidades se tornaram instrumentos gastos, mas que ao mesmo tempo elas são fenômenos eternos ligados a cada cultura... Civilização e cidade são palavras oriundas da mesma raiz.»

Em resumo quer dizer: a ordem social vigente nada tem que ver com desgraças ligadas à velhice do glôbo terrestre.

O remédio que unânimemente se recomenda para aliviar as situações, é a planificação. Disso também estamos acostumados em São Paulo. Os planos são a solução. Planos, projetos, levantamentos, dados estatísticos, «elementos para um grande diagnóstico pois a cidade é um organismo vivo.» Planos que iludam o povo e deixem a impressão que alguma coisa se está fazendo. O próprio Gideon, e no mesmo prefácio, nos diz:

«...não há outro caminho de saída do estado caótico de nossas cidades, fora do PLANEJAMENTO, e planejamento DE UM PONTO DE VISTA HUMANO (grifos de Gideon). Planejamento numa escala humana, em termos das mais elementares necessidades do homem, só pode ser feito sob uma condição: que o homem comum se capacite de como é reduzida e mesquinha a forma de vida que ele é obrigado a levar por causa do estado atual de nossas cidades.»

Palavras que constituem também o alerta de um líder burguês aos seus comandados arquitetos, urbanistas e sociólogos de arrabalde, no sentido de não esquecerem nunca que os «planos», não aspiram realizar muito mais do que convencer o público da inocência da burguesia. Que o proletariado se convença, que o cortiço, a ignorância, a fome, a «reduzida e mesquinha forma de vida que é obrigado a levar», têm a sua origem, não na exploração do homem pelo homem, na essência do regime capitalista, mas «no estado atual de nossas cidades», no caos urbano!

Esta lição de Gideon tem sido seguida à risca. Apolo e Dionísio encabeçando enxurradas de planos e mais planos de cidades do mundo ocidental, não a esquecem jamais. Apolo apresenta os seus «tenentes», os homens da «lei e a ordem» que já conhecemos, em trajes cartesianos, cheios de rigor científico. Arautos dos tempos modernos e portadores de uma solução «técnica» para os problemas sociais.

Dionísio urbanista, abraçado a Pan, Franck Lloyd Wright, Bertrand Russell e toda uma malta de safados, alardeia ideais democráticos e propõe a existência um mundo decalcado na Idade-Média. Os planos urbanísticos de Wright se resumem numa cidade monstro a que chama «BROADACRE CITY», espalhada na área de um país. Nela os vizinhos se olham de telescópio e se

visitam de autogiro, tão separados podem estar entre si, vivendo em parte do trabalho agrícola e em parte de um trabalho industrial realizado dentro da própria casa. A isso chama enfaticamente, «decentralização da indústria», volta ao campo, luta contra a megalópolis etc.

Planos e mais planos, que em resumo oferecem à humanidade, de um lado, o primarismo medieval, do outro lado, o fascismo.

## O RECRUTAMENTO DA ARQUITETURA

«O sétimo decênio do século XIX, iluminado pela Comuna de Paris, é o decênio em que se esgotaram as forças criadoras do Capitalismo. A burguesia percebeu a existência das forças que iriam sepultá-la. Desde aquele instante viu-se obrigada a abandonar suas posições de conhecimento pelas de autoconservação, ou posições que se destinavam a frear os fenômenos do progresso.

(W. Sokorski —  
Fundamentos n.º 21)

Nos primeiros tempos da revolução industrial, o trabalhador rural com sua indústria caseira, combinada com alguma horticultura, gozou de certa folga econômica. Diz Engels (Do socialismo utópico ao...):

«A indústria doméstico-rural dos primeiros tempos, combinada com a agricultura e a horticultura, era, pelo menos nos países onde a indústria estava se desenvolvendo, a base de uma situação tolerável e até confortável para os trabalhadores mas ao mesmo tempo a justificação de sua absoluta nulidade intelectual e política. O produto feito à mão e seu custo, determinavam o seu preço de mercado e devido à produção insignificante, comparada com a de hoje, o mercado crescia muito mais rapidamente que a produção. E por esta época o trabalhador rural gozava certa folga na vida.»

Por volta de 1760 começou a aplicação da primeira máquina de fiar — a famosa JENNY. Daí em diante os meios mecânicos de produção sucederam-se, cabendo à máquina a vapor consolidar a vitória do trabalho mecânico sobre o manual. Como consequência, baixaram os preços de produção e aumentou o proletariado. Os campos se despovoaram e as cidades cresceram assustadoramente. Em 30 anos, Birmingham e Sheffield, na Inglaterra (1800) de 70 a 40 mil habitantes, aumentaram para 200 e 110 mil, respectivamente. Criou-se uma classe operária desprovida de qualquer propriedade, de qualquer segurança econômica; completamente miserável, insegura e excitada politicamente. A partir de 1815, as crises de desemprego se sucederam de 5 em 5 anos e o trabalho era extenuante — 16 horas por dia e, às vezes, à noite. Um relatório oficial de 1833 na Inglaterra se refere ao trabalho de crianças de 6 a 10 anos durante 14 e 16 horas por dia, à custa de chicote, é claro.

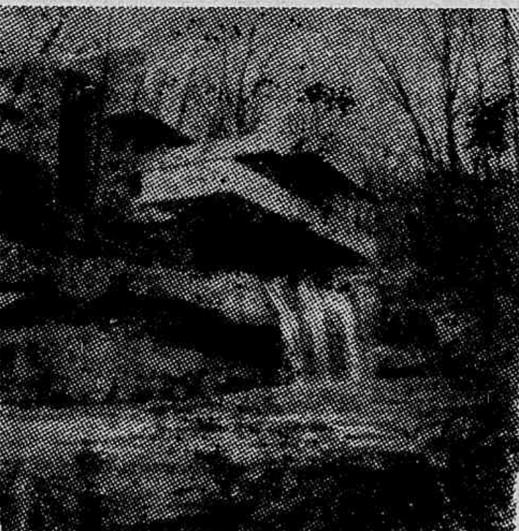
Tôda esta gente morava, nas condições mais miseráveis que se possa imaginar, em ruas sujas, cheias de detritos vegetais e animais, em cortiços negros, e amontoados em alguns casos à razão de 26 pessoas por cômodo. Dêsses cortiços dolorosos partiam os surtos epidêmicos que ameaçavam as confortáveis famílias burguesas. E foi sob a ameaça destes flagelos, como aponta Engels no prefácio à «Situação das Classes Trabalhadoras na Inglaterra» que o burguês britânico sentiu a necessidade urgente de sanear suas cidades. Sanear cidades e construir casas proletárias. Eis as primeiras medidas da arquitetura e do urbanismo modernos.

O proletariado foi aceitando agradecido as medidas «generosas» da burguesia, que eram respostas às suas reivindicações, porque ainda era atrasado politicamente. À medida que avançava, reconhecia o engodo obrigando a classe dominante a tomar posições cada vez mais arriscadas para ela. Nesse processo a arquitetura burguesa foi cada vez mais chamada a colaborar, a inventar soluções e paliativos, criar uma nova disciplina — o urbanismo — e por fim, quando a burguesia foi forçada a abandonar por completo suas «posições de conhecimento pelas de auto-conservação», dedicar-se inteiramente à demagogia e à mistificação.

## ALGUNS HERÓIS

Estas posições da burguesia, refletem na vida de algumas das mais notáveis figuras de teóricos da Arquitetura do século XIX. Entre os maiores, John Ruskin e William Morris na Inglaterra, Louis Sullivan nos E.E.UU.

Ruskin notara a degenerescência da arte de seu tempo (cêrca 1850). Tôda sua vida foi uma pesquisa de causas e propostas de remédios para melhorar o nível artístico. Acreditava que a culpa principal cabia à máquina, ao trabalho industrial, ao abandono do artesanato. Parecia-lhe que a definição do valor artístico estava na produção individual enquanto produção manual. Daí a lançar-se contra tôda a revolução



**Residencia Kaufman. Construída sobre uma cascata, numa demonstração de criar um efeito dramático com uma condição existente "natural". Arquiteto F. H. Wright**

industrial foi um passo que se consumou em invectivas contra «o materialismo da indústria», «a escravização às máquinas, pior do que as mais degradantes tiranias do mundo antigo.» Estas e outras atitudes foram tomadas como revolucionárias, como críticas à real escravidão existente, que era a da classe operária, verdadeira vítima da revolução industrial, o que levou a burguesia assustada a proibir alguns de seus livros, recusá-lo na imprensa, persegui-lo, até verificar aliviada que Ruskin era inofensivo. O que ele desejava afinal era a continuação do cântico ao esplendor do regime burguês, que mal começara; protestava contra a posição de defensiva assumida pela classe dominante, posição que não estava em condições de compreender. Em sua opinião, «a Arquitetura, mais do que qualquer outra arte» é a expressão da época e da civilização que a cria, e «a solução do problema dos cortiços e favelas, embora louvável e necessária quanto se queira achar, não são de molde a inspirar maiores esforços.» Em uma outra passagem de sua obra afirma com clareza que «a arquitetura é uma arte essencialmente política e é imprescindível ao arquiteto trabalhar com a convicção de que as NOSSAS INSTITUIÇÕES são realmente esplêndidas. Os burgueses britânicos provavelmente ficaram muito agradecidos mas não puderam atender aos apelos de Ruskin e ele acabou seus dias como professor da Universidade de Oxford, cercado de tôdas as regalias da fama, presenciando as edições incontáveis de suas obras, a fundação de «Sociedades Ruskinianas» e vários outros movimentos, em favor das artes, uma chordeira enorme, típica dos movimentos à margem da revolução proletária.

William Morris, discípulo e contemporâneo de Ruskin, espírito brilhante de arquiteto, literato e poeta, foi também um homem de ação. Para levar à prática as teorias do mestre não poupou esforços; organizou firmas comerciais, montou oficinas, e lançou-se à educação de operários no afã de conduzir a sociedade inteira à compreensão das teses de Ruskin sobre os verdadeiros valores da arte. Gastou quase a vida tôda mas acabou compreendendo a inutilidade da luta desenvolvida. Já era velho quando percebeu que quem abandonava as posições de progresso era a burguesia assustada ante a inexorabilidade da revolução proletária que já previa. Uma arte nova, progressista, só poderia nascer como expressão de uma sociedade nova que Morris pressentiu pois terminou seus dias ligado aos comunistas da época, em comícios de propaganda nos parques de Londres, cujas prisões frequentava com regularidade.

Louis Sullivan, em Chicago (1890) outro herói burguês incansável, esforçava-se para convencer os capitães de indústria americanos de que eles deviam prosseguir ligados ao povo, até o fim:

«A Arquitetura não é simplesmente uma arte, mais ou menos bem executada; é uma manifestação social. Se quisermos saber porque algumas coisas são o que são em nossa arquitetura, é necessário que olhemos para o povo; pois os edificios no seu conjunto são uma imagem do povo como

um todo, embora especificamente eles sejam a imagem individual daqueles aos quais, constituindo uma classe, o público delegou e proporcionou poderes para construir. Isto pôsto, o estudo crítico da Arquitetura nada mais é... na realidade, que o estudo das condições sociais que a produzem.»

(LOUIS SULLIVAN — Kindergarten Chats).

A verdadeira função do arquiteto é:

«...dar vida aos materiais de construção, animá-los de uma significação e um valor subjetivos, torná-los partes visíveis da estrutura social, infundir-lhes a verdadeira vida do povo, comunicá-lhes o que de melhor existe no povo, como o poeta que aprofundando o olhar abaixo da superfície da vida, vê o que de melhor existe no povo.»

(LOUIS SULLIVAN — Kindergarten Chats).

Mas os ouvidos dos barões da carne estavam atentos para outros rumos. Os operários dos frigoríficos reivindicavam condições mínimas de vida e toda a atenção para combatê-los. Quem ilumina o panorama de Chicago da época, coisa que Sullivan não compreendeu, é a luta pelo dia de 8 horas de trabalho, os sucessos de 4 de maio de 1886, os comícios e as provocações policiais de Haymarket Square e os quatro enforcados, os quatro heróis do proletariado americano e do mundo todo — Parsons, Fisher, Engel e Spies. As formas da arte de construir, eram uma linguagem que a burguesia já não podia permitir-se. Na verdade, o cetro do progresso passava para as mãos da classe operária e a voz que comandava, que traçava novos rumos para o mundo, gritava para o povo das barras do tribunal assassino:

«eu sei que o nosso ideal não se realizará neste ano nem no próximo, mas tenho a certeza de que se realizará algum dia no futuro...»

...e eu vos desprezo! Desprezo a vossa ordem, a vossa lei, vossa autoridade mantida pela força. Enforcai-me se quiserdes...» — (depoimento de um dos condenados).

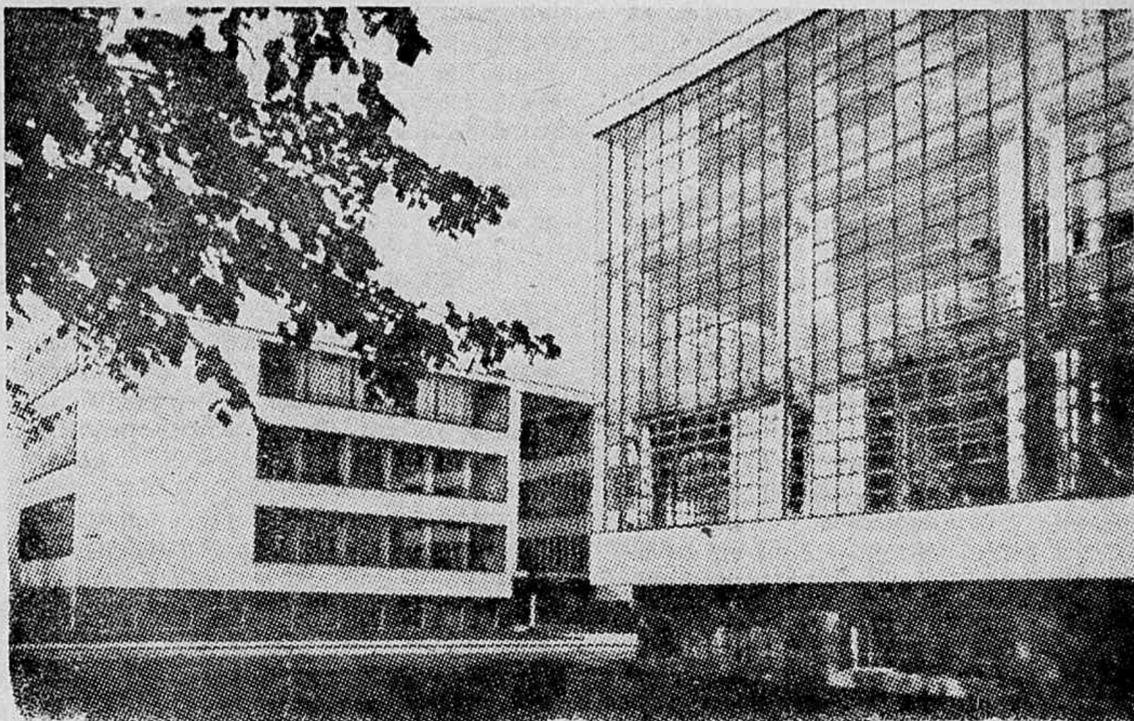
Sullivan perdeu a batalha, entregou-se ao álcool, envenenou-se.

Chicago dos tubarões da carne, de Phil Armour e Cyrus Mac Cormick, queria coisas mais práticas: planos de urbanismo, ruas largas atravessando os bairros operários, substituindo as ruelas dos cortiços; avenidas que impedissem as barricadas e onde a polícia pudesse se movimentar à vontade, onde o exército pudesse exibir em paradas o poderio militar da classe dominante.

Não é por acaso que um dos grandes nomes do urbanismo burguês é o General Haussmann de Napoleão III, inaugurador da técnica de abrir avenidas através de «pátios de milagres» e com tiros de canhão!

#### A CASA POPULAR

Da guerra imperialista de 1914-19, nasceu a primeira nação socialista. Tremem mais profundamente as bases da burguesia que se apressa a pôr em



A célebre "Bau Haus" — Escola de Artes Plásticas — construída por Walter Gropius

campo todos os seus recursos para consertar o dique que se esboroa.

Que são os movimentos artísticos do primeiro após-guerra, com o seu barulho escandaloso, se não um índice do afã com que a burguesia lançava na luta suas últimas reservas a fim de sobreviver mais alguns anos? Nêsse coro barulhento os arquitetos também entraram arrastando a casa popular que proclamaram «verdadeiro monumento do século XX.»

A casa popular foi reconsiderada, glosada, estudada por todos os arquitetos, sob todos os aspectos possíveis e imagináveis, em todos os países. Foi promovida a «pedra angular de uma civilização». Se era rara, faltava para muitos, a causa, os arquitetos se incumbiram de procurar em outros lugares, não na natureza do regime capitalista. Afirmaram que era possível construir em larga escala, em números astronômicos. Bastava produzir em série. O essencial era remover os obstáculos, os preconceitos estéticos que atrapalhavam. O essencial era criar uma casa que fôsse digna da nossa civilização maquinista, uma casa que fôsse uma «máquina de morar», à altura do «século da velocidade», do movimento, digna da «era da máquina» e das formas puras do avião etc... numa repetição consativa de argumentos que tinham por fim distrair a atenção para um novo essencial. Havia um perigo no ar do qual era preciso tomar consciência urgentemente. Diz Le Corbusier em um de seus livros da época (VERS UNE ARCHITECTURE — 1923):

«O maquinismo social, profundamente abalado, oscila entre um aperfeiçoamento, de importância histórica, e a catástrofe.

O instinto primordial de todo o ser humano é conseguir um abrigo. As várias classes trabalhadoras na sociedade de hoje não dispõem mais de habitações adaptadas às suas necessidades; nem o artesão nem o intelectual.

É uma questão de construção que está nas raízes do desequilíbrio social de hoje: arquitetura ou revolução.»

Nem trechos de profissão-de-fé deste tipo, impediram que o movimento fôsse chamado de bolchevista, arquitetura do bolchevismo, arquitetura comunista etc... tal era o ímpeto «revolucionário» dos líderes, ímpeto dirigido para embair as massas populares, para fazer crer que nas formulações de revolucionarismo estético vinham também as teses da revolução esperada.

Hoje eles mesmos confessam com o maior cinismo (K. Fisher — Domus V/1950).

«...embora o funcionalismo tenha sido apresentado como um movimento violentamente revolucionário, teria sido mais exato, dados os seus dogmas de partida, considerá-lo um movimento evolutivo e contínuo.»

Mas a burguesia apesar de tudo, não conseguiu equilibrar-se. Bateu violentamente a cabeça contra a crise de 1929 e precisou montar a farsa nazifascista e caminhar para uma segunda guerra. E os líderes dos movimentos artísticos «progressistas», «bolchevistas», onde estão? Le Corbusier, agora com a patronagem americana, continua na frente, no desempenho da espinhosa missão que se impôs desde os primeiros dias: convencer a burguesia de que ainda há o que fazer, que é possível postergar a data da derrocada. Não é original, é claro, nas propostas que faz, mas tem sua linguagem própria. O «MODULOR» (ver Fundamentos n.º 18) é um plano de vendas, que põe nas mãos do imperialismo americano a última esperança de salvação da burguesia apodrecida.

Alvar Aalto descreve os seus edifícios agora, com uma linguagem oportunista, poética, imparcial, procurando colocá-los num plano em que os problemas do povo não o atingem. Aalto é conhecido como socialista e é finlandês. (Quando a burguesia acha bom um finlandês, é ara atacar a União Soviética. Quantos exemplos a História destes últimos tempos guarda disso... Na arquitetura mesmo! O arquiteto Saarinen é um exemplo da mão forte que o imperialismo americano deu na propaganda do fascismo finlandês.)

Mies Van Der Rohe é o autor do

túmulo de Karl Liebknecht que Hitler destruiu. Publica o túmulo em todas as monografias, exhibe-o nas exposições. E' o seu cartaz, o seu passado. Conferiu-lhe o direito de ser chamado o arquiteto mais refinado do mundo, o maior purista. Não faz «concessões» — nem ao uso do prédio, nem ao destino do móvel. Ainda há pouco uma revista americana (Architectural Record) publicava uma de suas últimas e raríssimas casas, construção simples e pequena que demorou entretanto dois anos consecutivos em construção, num processo penoso de refinamento. Mies é o «Aristocrata da forma arquitetônica», título que ele aceita agora, em substituição ao outro, glorioso, de autor do túmulo de Liebknecht.

Todos estão contentes com as gavetas famosas nas quais a classe dominante os arquivou, e vivem conformados na mais completa esterilidade, cumprindo a missão de desnortear uma enorme juventude de artistas embevecidos com suas atitudes. E são mesmo estereis, porque afinal quem faz a arquitetura burguesa, os grandes edifícios, as ruas, as barragens, as cidades, são os grandes magnatas que empregam gente mais simples e mais eficiente para o rabisco das formas das obras donde arrancam milhões para as bolsas insaciáveis.

#### «PLANEJAMENTO PARA A PAZ»

Durante a guerra contra o nazismo houve na retaguarda um trabalho insano de preparação dos povos para os dias do após-guerra. Os ideólogos da arquitetura e do urbanismo lançaram-se na preparação de uma caudal de promessas brilhantes que traziam o título genérico de «Planejamento para a Paz». A enxurrada de planos à espera da volta do soldado para serem iniciados imediatamente queria convencer os povos de que um período de paz e felicidade os esperava. Projetos de cidades novas e de cidades reconstruídas. Londres sózinha, tinha três planos diferentes.

O tempo passou e só uma coisa mudou. Continuam a aflorar planos na superfície do charco burguês, cada vez mais coloridos e mais vazios — porém hoje o imperialismo não fala em paz; faz propaganda de guerra!

Enquanto os bairros onde moramos, não dispõem às vezes dos mais elementares serviços públicos, as revistas francesas de urbanismo e arquitetura mostram exemplos de escolas brasileiras, feitas pelos nossos arquitetos modernos, esquecendo muito a propósito de dizer que o Brasil é um país de 70% de analfabetos, que a escola de cuja fotografia se utilizam é por isso um instrumento para iludir nos outros países as pessoas honestas, é a arquitetura a serviço da mentira.

Nas mãos do imperialismo, planejamento para a paz foi transformado em planejamento para a dominação ianque, para a preparação de uma nova guerra. O imperialismo tem se encarregado do planejamento das cidades sul-americanas. Os arquitetos ianques Wiener e Sert de parceria com Le Corbusier projetaram para Bogotá, e não faz muito tivemos em São Paulo uma resposta grosseira, do tipo rockfelleriano, par um pedido de plano de Melhoramentos da Prefeitura Municipal. O

que muita gente não sabe ainda entretanto é que o povo de Bogotá fiel às suas tradições de luta, depredou a exposição do plano de Le Corbusier & imperialistas, dando uma demonstração segura de que já não há tinta por mais agradável nem quantidade ou qualidade de papel pintado que possa iludir até o fim.

#### NO CAMPO DA PAZ

Nas democracias populares e na China, o entusiasmo do povo pela construção de seus países, é enorme. Logo no primeiro ano de governo popular a China bastou-se a si mesma e ainda ajudou a matar a fome da Índia.

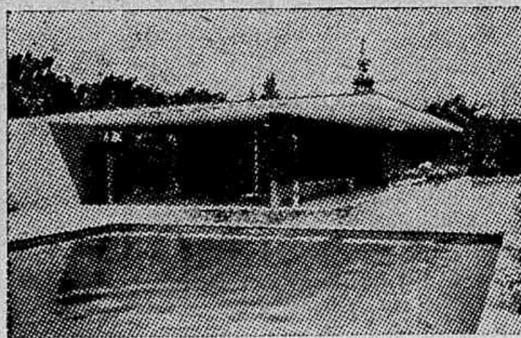
Varsóvia que desapareceu do mapa, arrasada pelas hordas nazistas, hoje é cidade outra vez, levantada pelo próprio povo com um metropolitano em construção para não falar em mais nada.

Em vinte anos na União Soviética, construíram-se 350 novas cidades. Moscou inaugurou um metropolitano luxuosíssimo comparado com o qual, o metropolitano de Nova York, no dizer de Frank Lloyd Wright que visitou a URSS em 1937, não passa de um tubo de esgoto.

Na URSS não há falta de casas. O aluguel, custa 10% do ordenado do trabalhador, de maneira que ele sempre estará alojado, não em função do aluguel que pode pagar, mas do número de cômodos de que sua família necessita. Não há cortiços, nem a promiscuidade dolorosa que conhecemos nos bairros operários do ocidente.

Este contraste com a miséria humana nos países de regime capitalista é muito grande. E' perigoso para a classe dominante. Lançam-se por isso os seus ideólogos ao ataque à União Soviética e em nome de uma «revolução estética», em nome de uma «arte moderna» cuja missão fundamental tem sido, como vimos, combater a classe operária e conservá-la na miséria a fim de que não diminuam os lucros dos patrões, em nome desta grande mistificação acusam o «academismo» dos edifícios comunistas porque alguns deles o povo constrói com colunas, com balaustres, com cornijas. Na verdade querem atacar o socialismo e a revolução proletária. Querem é defender a burguesia e toda a podridão concomitante.

E' natural que ao levantar a casa proletária o construtor soviético recuse o uso de uma forma de expressão que foi inventada e usada através da história, contra o povo, contra a classe



Mies Van der Rohe, arquiteto, autor do famoso pavilhão da Alemanha, da Exposição Internacional de Barcelona (1929)

operária. Também é natural que procure começar usando aquelas formas que são mais ligadas à épocas progressistas, formas de uma arquitetura que não era toda ela inventada em função do combate à classe operária. Além disso, a burguesia sempre viveu confortavelmente dentro de casas com colunas e cornijas. As cadeiras estofadas as quais a classe dominante tem sentido, são cômodas e macias. O povo tem direito a experimentá-las e sobre elas repousar enquanto cria as formas das cadeiras do futuro.

Trata-se de criar um mundo novo, realizar o comunismo. Missão enorme que será cumprida, mesmo contra a vontade dos «críticos de arte» da burguesia. Povos inteiros, na URSS, nas democracias populares, na China, tomam as artes nas mãos para distribuírem a felicidade aos homens. Haverá acontecimento mais grandioso?

#### A ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

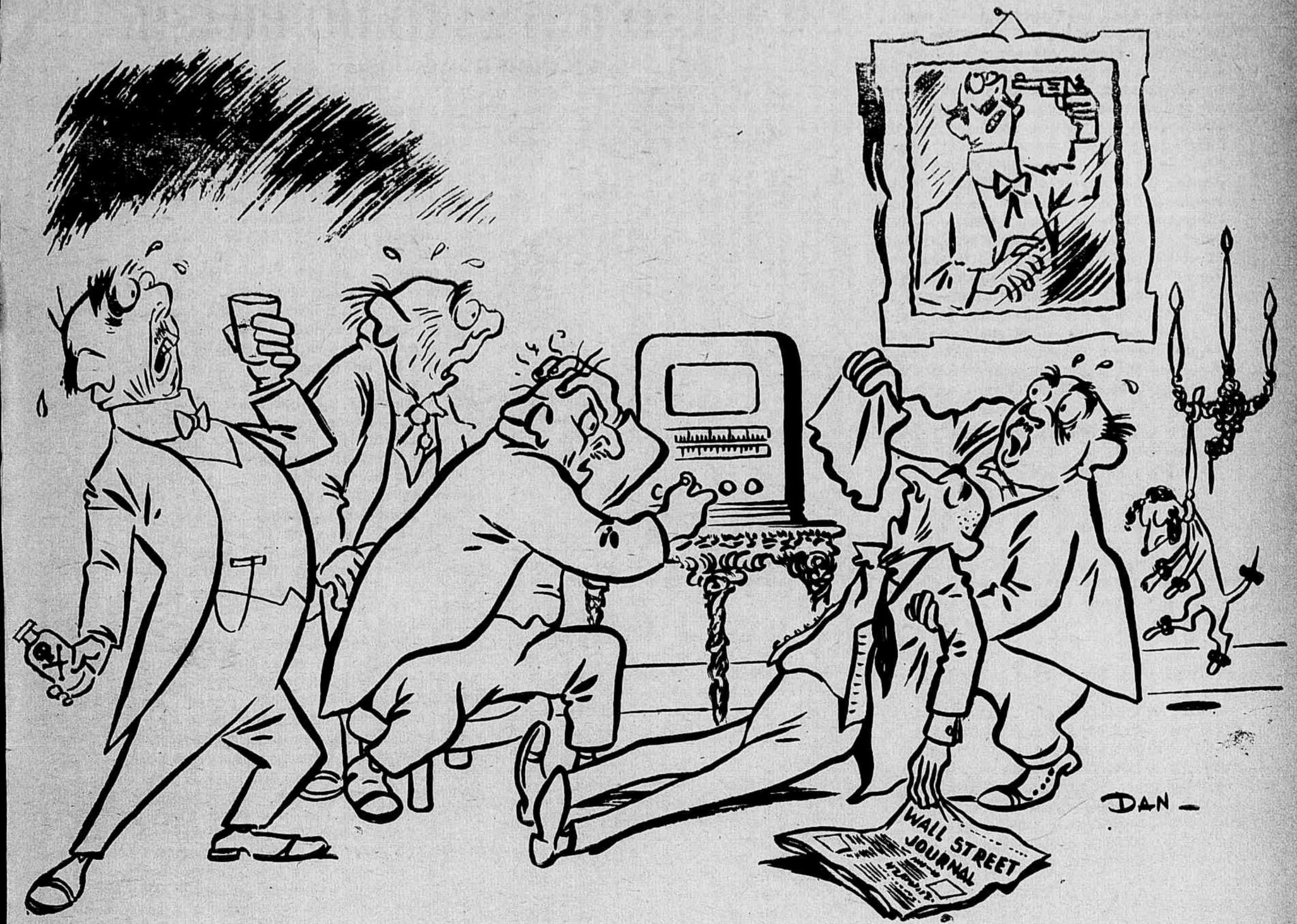
As primeiras tentativas da Arquitetura Moderna no Brasil, são, uma consequência do movimento chamado «semana de arte moderna de 1922» — importado da Europa daquela época e embalado com cores brasileiras. Aqui também o quadro foi o mesmo! Mal chegado o movimento tingiu-se de cores fortemente revolucionárias e foi convenientemente combatido pela velha guarda intelectual. O «Estado de São Paulo» abriu suas páginas de jornal conservador para quem quisesse atacar a arte moderna; hoje o mesmo jornal é um dos pilares da 1.ª Bienal de São Paulo, exposição de artes plásticas do tipo «moderno» inteiramente a serviço do imperialismo ianque.

Os líderes do movimento de 22 foram vaiados, suportaram alguns ovos podres, mas cumpriram o seu designio de vanguardeiros da nova fase. As invectivas de Mário de Andrade e outros, contra o «burguês mensal», os seus «Ódio ao burguês», fizeram proselitismo e arregimentaram; criaram uma auréola «revolucionária» que aumentava ou diminuía conforme convinha à classe dominante. De tal forma que, quando Getúlio montou o Estado Novo encontrou já preparado um número substancial de «intelectuais de esquerda» jovens e audaciosos para guarnecer o seu governo ajudando-o a contornar, com manobras demagógicas, as posições a que ia sendo forçado pelo povo. Nisto não há novidade pois Getúlio mesmo o disse ainda há pouco no discurso na Universidade do Brasil.

Foi quando a Arquitetura Moderna Brasileira teve o seu maior desenvolvimento — durante o Estado Novo, à sombra dos Institutos e a serviço da demagogia desenfreada.

Depois foi a guerra.

Da participação do Brasil na guerra contra o nazismo, aproveitou-se o imperialismo americano para aprofundar suas raízes em nossa pátria. Missões culturais de toda a sorte aqui vieram para encobrir as primeiras manobras de rapinagem. Descobriram a Arquitetura Moderna Brasileira que passou a ser a habilidade que punha culturalmente o Brasil em igualdade de condições, «ombro a ombro», com os mais cultos povos do mundo, os ianques inclusive! Uma igualdade — digamos de passagem — semelhante



—Notícias de paz na Coréia!

àquela dada aos negociantes brasileiros que também passaram a poder, se quisessem, fundar Companhias de Aviação dentro dos EE.UU. . .

Enquanto isso eramos pilhados. Há pouco tivemos uma amostra dêste tipo de manobra que ainda hoje é empregada com relativo sucesso. De dentro do Museu de Arte (propriedade do jornalista Chateaubriand) o magnata Nelson Rockefeller deitou entrevista chamando o Brasil — «país dos arquitetos». No dia seguinte assinava, em nome da IBEC — empresa imperialista que dirige pessoalmente, um contrato com a Prefeitura para organizar um plano urbanístico para São Paulo.

Hoje a Arquitetura Moderna Brasileira, progride no sentido de servir de cartaz de propaganda para tudo quanto é malandragem comercialista do tipo vendas em condomínio e Hotéis Em Praias Desertas, ao mesmo tempo que concorre, para reforçar a penetração do imperialismo, dando-lhe cobertura para entrar despercebido pelas portas

dos movimentos culturais do tipo Bie-nal de São Paulo ou União Cultural Brasil EE.UU. . .

O imperialismo é a guerra; prestigiá-lo ainda que inconscientemente, sempre resulta numa medida prática a favor da guerra. Para dentro de todos os movimentos da burguesia caduca, são freqüentemente atraídas pessoas honestas, legítimos partidários da paz. Estão iludidos! Que não reste dúvida!

Os jovens em geral e os estudantes de Arquitetura em particular, sugestionados pela propaganda enorme feita aqui e no estrangeiro, têm a tendência de aceitar sem um juízo crítico as formas da arquitetura moderna tais como se apresentam, e as teses reformistas e demagógicas que trazem em seu bojo. Desorientam-se e deixam-se organizar pela reação numa direção oposta àquela que segue nosso povo — a libertação do imperialismo ianque.

Surge afinal a questão: onde ficamos? ou que fazer? Esperar por uma nova sociedade e continuar fazendo o que fazemos, ou abandonar os misteres

de arquitetos, já que eles se orientam numa direção hostil ao povo, e lançarnos na luta revolucionária completamente?

Nenhum dos dois, unicamente.

E' claro que precisamos lutar pelo futuro de nosso povo, pelo progresso e pela nova sociedade dando a esta missão o melhor dos esforços pois é à medida em que, pela participação na luta ao lado do povo, compreendermos seus anseios, fizermos parte dêle, que iremos criando espírito crítico para afastar o bom do inútil na Arquitetura, que atingiremos a «espontaneidade nova» que criará como interpretação direta dos verdadeiros anseios populares.

Mas é claro também, que enquanto a ligação entre os arquitetos e as massas populares não se estabelecer, não se organizar, enquanto a obra dos arquitetos não tiver a suma glória de ser discutida nas fábricas e nas fazendas, não haverá ARQUITETURA POPULAR.

Até lá... uma atitude crítica em face da realidade.

# UM FALSO RETRATO DO BRASIL

FERNANDO H. CARDOSO

O sr. Limeira Tejo publicou um livro, *Retrato Sincero do Brasil*, no qual, como ele próprio confessa, queria fazer uma análise objetiva da formação social e econômica do Brasil, dado que as pessoas de sua geração sentem-se compelidas a dar um balanço real de nossa história e não podem mais guiar-se por líricas impressões sobre nossa gente, como aquelas de Paulo Prado que nos tinha em conta de um povo triste, produto de amálgama de três raças tristes. Entretanto, o sr. Limeira Tejo não conseguiu realizar seu intento, apenas nos deixando uma montoeira de impressões também românticas, só que, em vez de melancólicas, trágicas. E seu fracasso deveu-se, principalmente, como procuraremos demonstrar, à falta de apóio em métodos científicos de apreensão e interpretação da realidade.

Está claro que um sociólogo, título que atribuem ao autor no verso do livro, não poderia pensar em fazer uma análise da sociedade brasileira sem examinar sua estruturação. Pois bem, Limeira Tejo sabe que nossa sociedade está dividida em classes, tanto assim que recrimina os teóricos da política de o terem desconhecido (cf. pág. 236), mas, parece que não leva em conta este fato. Senão vejamos: tratando da crise que o país atravessou durante e depois da guerra de 39 descarrega uma formidável catilinária sobre os governantes que não compreenderam as causas reais deste fenômeno (excesso de especulação, dinheiro a rôdo em papel moeda e pouca produção), e o faz com o brilho de um jornalista acre, mas, quando propõe soluções cae em utopias, como é o caso de uma pretendida compressão de despesas do povo e principalmente da ostentação dos ricos (cf. pág. 39).

O Estado, bem o sabemos, não é uma instituição que tenha uma essência garantida metafisicamente, tendo por função o bem estar social, o que então justificaria esta atitude de Limeira Tejo criticando os desvios da «missão governamental». E se tivesse recordado ainda que o Estado é apenas um aparelho de dominação e que numa sociedade estratificada em classes (como a nossa) esta instituição passa a ser dirigida pela classe dominante, isto é, numa sociedade capitalista são os próprios homens de negócios que exercem o poder (direta ou indiretamente), não chegaria a raciocínios do tipo a que chegou, válidos apenas para Estados ideais e sociedades ideais. Como pensar-se em que os próprios interessados na especulação se voltem contra si em medidas concretas de moralização, o que significaria um verdadeiro suicídio econômico?

Limeira Tejo se apercebeu deste erro mais adiante, e quase chegou a ver um antagonismo grave na organização do país quando afirmou: «o pior de tudo, porém, é a revelação da existência de profundo antagonismo entre as neces-

Nota 1: racional, aqui, significa apenas a coordenação regular e determinada dos acontecimentos. E racionalização é, empregado também neste sentido.

sidades do povo e as do Estado» (pag. 45). Entretanto, dado que sentiu este

fato empiricamente sem ter examinado suas consequências gerais, não foi à raiz do problema.

A formação de uma burocracia corresponde às necessidades de racionalização das ações humanas no campo da administração, necessidades estas que surgem juntamente com um tipo de dominação chamada pelos sociólogos de racional-legal (1), que se verifica numa certa fase de desenvolvimento das sociedades capitalistas. Contudo, a nossa sociedade, como diz Limeira Tejo, «continua sendo no fundo, um complexo colonial de base escravagista» (p.63), o que caracterizado cientificamente quer dizer, sofremos uma transição entre uma estrutura patriarcalista, com um tipo específico de dominação, a uma estrutura capitalista, com outro tipo de dominação. Pois bem, a burocracia nacional formou-se neste quadro de transição e sua estruturação ressent-se ainda do espírito da dominação patrimonialista, de relação direta de dependência de homem a homem, sem o espírito da racionalização das ações humanas, que deveriam ter em vista apenas o funcionamento do aparelho burocrático, à base de certas normas legalmente estabelecidas.

A burocracia brasileira foi, naquela fase de transição que culminou com a revolução de trinta, a possibilidade da manutenção de um status social condigno para os filhos dos fazendeiros arruinados que, perderam uma posição social «viva», tiveram que encaixar-se em outra, custasse o que custasse.

Foi esta burocracia capenga, eivada de filhotismo patriarcalista, ela própria perpetuação nos cargos de direção de uma camada social já arruinada e decadente, que «sufocou a força da nossa expansão» com «um ambiente administrativo ideal para a imposição dos interesses de grupo» (pag. 68), e traiu os interesses nacionais, como quer Limeira Tejo. Se ainda aqui, tivesse o autor de *Retrato Sincero do Brasil*, olhando para as condições sociais de que foi fruto esta burocracia não teria estranhado seu procedimento. E, como homem que pretende fazer análise científica, tinha que ter examinado esta faceta da questão e deveria saber ainda que **interesse nacional** é um conceito vago quando se sabe que o Estado e o povo têm interesses opostos.

Da mesma forma, o nosso processo de industrialização, com todas as leis que amparam o industrial, são a satisfação não das necessidades coletivas, mas das necessidades dos industriais. O que Limeira Tejo nos conta a este respeito é certo e na verdade criou-se «a confusão dos interesses privados com as necessidades de progresso do país» (pag. 88) e «o resultado foi que se gerou um terrível antagonismo entre as aspirações de conforto da massa e os cálculos de recuperação dos produtores de manufaturas» (pag. 88). Mas a explicação disto tudo só se pode encontrar na própria estrutura econômica e social do país, análise a que não chegou o autor.

Quando passamos aos fatos econômicos vemos ressaltar ainda mais a

falta de uma preparação científica. Se nos reportarmos apenas às análises feitas da nossa economia a partir de 1914 teremos de sublinhar um erro que, por si só, mostra a fragilidade dos métodos empregados. O Brasil é tomado, quando o autor trata, no que chamou «A transposição industrial» (pags. 217 e sgts.) da nossa economia, como um todo à parte do mundo, o que é uma nova robinsoncruzonada. Esqueceu-se de que é impossível estudar uma economia capitalista de nossos dias considerando-a um círculo fechado sobre si mesmo, dentro de um determinado espaço nacional, porque, na fase do imperialismo financeiro em que nos achamos não há fronteiras políticas detendo a expansão dos capitais e não existem economias autônomas, mas sim uma vasta economia mundial dirigida, por grupos financeiros internacionais.

E mesmo na análise desenvolvida dentro deste espírito há contradições. Está fora de dúvida que o processo de mação de capitais é que o capital estrangeiro esteve presente a este processo. Ora bem, Limeira Tejo examinando o papel deste capital investido no Brasil mostra, à página 222, que redundou para nós em pura perda e que «o momento era do capital financeiro e não do capital diretamente produtivo». Mas o capital produtivo nunca nos procurou «porque nunca cuidamos de criar as condições capazes de atraí-lo» (pags. 222/3)! Afinal, o momento é que era do capital financeiro ou nós que não soubemos atrair o capital produtivo?

Aliás de nada vale resolver este problema. Capital produtivo sempre tivemos entre nós, só que o lucro desta produção volta aos cofres de onde saiu o capital, bem distante de nossa terra, e este lucro é exatamente conseguido pelo que Limeira Tejo chama, imprópria-mente, da «marginalização» de largos setores de nosso povo, isto é, pela exploração da mais valia dos trabalhadores e do bolso do consumidor nacional. E não é que não tenha consciência deste fato pois diz que, sendo permitida a exportação dos lucros e dividendos, corria para o estrangeiro «o fruto do trabalho nacional» (pag. 237), sangria esta só comparável «à produzida pela cobrança de reparações de guerra» (pag. 238). Em que pese tudo isto diz à página 252: «o estremado nacionalismo em face do capital estrangeiro é outra forma de estrangulamento econômico».

Então o que se quer: o capital estrangeiro que será necessariamente uma forma de exploração de nossos recursos humanos ou materiais, como o próprio autor disse antes? Ou se pensará na ingenuidade (ou má fé) que só os que desconhecem o mecanismo da economia capitalista moderna e o mecanismo de domínio político dos grupos capitalistas nacionais ligados aos interesses da finança internacional, são capazes de aceitar: que venha o capital e que o prendamos no país?

Não é possível que se fique a lamentar a falta de espírito de «pioneer», que fez dos E.E.UU. uma potência livre, «porque, ajudados por seu desen-

volvimento colonial, atravessaram os batentes da nova era correndo na frente da chuva» (pag. 119), quando sabemos que nós, bem antes de chegarmos aos umbrais da nova era já sentíamos a umidade de uma garôa que os ventos traziam da tempestade que a Inglaterra despejava sobre Portugal, para falar nesta linguagem frouxa.

Outra tese cara a Limeira Tejo é a da elevação do padrão de vida da população brasileira (que ele sem mais nem menos divide em 30 milhões de marginais que constituem o povo, 9 milhões que constituem a classe média e uns 6 milhões que formam a «nata da sociedade», isto sem sequer falar nos critérios para esta estimativa! (cf. pag. 64) para que ela passe de sub-consumidora a consumidora, resolvendo-se com isto o grande problema da expansão de nossa produção: produziremos para um mercado interno apreciável.

Acontece, porém, que o problema já dissemos, é preciso que se formem capitais para que haja indústria e produção. Ora, o capital só se forma pela exploração da força de trabalho da maioria da população em benefício de uns pouco e à custa do empobrecimento geral. O exemplo do que aconteceu nos EE.UU. é significativo e Limeira Tejo mesmo nos diz que lá o estado ajudou a oprimir uma vasta sub-humanidade «para que os «tycoons» formassem os capitais» (cf. pag. 284). E não titubeia em querer oprimir o povo brasileiro desde que provemos pela expansão de nossos recursos econômicos que não o fizemos por cinismo, mas por necessidade da criação de uma estranha «existência piloto» (cf. pag. 285) e por fim o proletariado acabaria como o hoje bem pago e poderoso operariado americano.

Ainda aqui faltou um exame dos problemas nacionais tendo em mente as condições mundiais e as peculiaridades de nossa formação. Nós não somos os EE.UU. e não encontraríamos diante de nós as mesmas condições que possibilitaram a criação do parque industrial norte-americano. Não adianta repetir que na fase de expansão do capitalismo financeiro internacional a indústria dos países sub-desenvolvidos é mais ou menos dominada pelos grupos ligados à alta finança e que se for do interesse destes grupos produzir-se-ão apenas produtos exportáveis, enquanto permanecer esta ordem de coisas.

Quando deixamos os fatos sociais e econômicos e olhamos as análises feitas no campo da psicologia social, o que é de pasmar para quem tão acerbamente critica Paulo Prado, ficamos verdadeiramente aterrados ante tanta sandice. Assim, depois de dizer que na época da independência não formávamos uma unidade (o que pode ser certo) pois vivíamos em diversos mundos regionais que «só tinham em comum a língua, o estilo de vida, e o sistema econômico» (pag. 132), ficando o leitor a dar tratos à inteligência para saber o que nos faltava para sermos um todo, critica a «atitude mental coletiva» que Caio Prado descobrira na gente do novo país, que seria para Limeira Tejo apenas o fruto da remodelação do português em contacto com a natureza tropical, estando vivas por baixo desta capa de diferenças «as necessidades primárias da alma portuguesa» e os mais crús ideais do povo ibérico estavam realizados, dado que o português

«tinha a branca para casar, a negra para trabalhar, a mulata para fornicar e o tempo para gozar a vida» (pag. 134). Foi esta satisfação que o diferenciou, juntamente com as modificações ambientais, isto é, apenas aspectos exteriores modificaram-se, mas o «carater luzitano» «afirmou-se mais ainda na nova terra» e «ainda hoje seus critérios valorativos se impõem às nossas relações» (pag. 135).

Que dizer-se disto tudo? Será que o sr. Limeira Tejo não conhece, ao menos, os próprios psicólogos sociais americanos e não sabe que falar-se em «carater luzitano» é erro crasso, que um carater nacional jamais é um fenómeno permanente e que ele muda com as transformações ocorridas nas condições gerais da vida social, a menos que se acredite numa «natureza humana» transcendente, preponderante e eterna? Que os critérios valorativos não são já não é tão simples assim porque, como mais fruto desta espécie de necessidade ontológica dos povos, mas são formados e transformados nos diversos tipos de inter-relações sociais, condicionados não biologicamente por impulsos de satisfação sexual, como seria no caso deste estranho «carater luzitano», mas sim socialmente?

E o mesmo engano volta a repetir-se quando se fala, mais adiante, do povo brasileiro, já que somos «cordeais e maravilhosamente indisciplinados» (pag. 282), o que, juntamente com as assertivas anteriores, faz de Limeira Tejo um teorizador da permanência dos traços psicológicos de um povo... Para quem chegou a isto não é de estranhar que chegue também a um exagêro no julgar o papel dos instintos na vida dos povos, como faz por exemplo, quando falando sobre o espraiamento da civilização brasileira pelo litoral diz: «estirando-nos à beira mar fizemo-lo, pois, instintivamente» (pag. 271) e uma herança instintiva pesa-nos até hoje, dado que muitos dos nossos atos atuais são o reflexo de um largo e primitivo comportamento geográfico (cf. pag. 270/1).

Só que, temendo ter ido longe demais com sua teoria dos instintos, dá uma explicação estonteante do seu conceito de instinto, que não independe de circunstâncias, «sendo como é» uma decisão em face de determinadas situações» (pag. 271). Se, entretanto formos examinar esta decisão teremos de ver que, ou ela independe de nosso domínio e não é uma decisão, ou então, em caso contrário deixa de ser instinto.

Aliás, as definições não são o forte de Limeira Tejo, como bem mostra o exame que faz do conceito de civilização, que «não é um processo instintivo» «mas uma série de inter-relacionados equacionamentos» (pag. 275), definição esta em que a primeira parte é inútil e só passaria o contrário na cabeça de quem não tem um conceito claro de instinto, e a segunda parte é demagógica porque nada significa. Tentando clarificar a definição o autor ajunta, invertendo a ordem de importância, que civilização é «o estágio mais adiantado de uma trama de não só interesses e circunstâncias, como especialmente de sentimentos» (pag. 276) e com tudo isto só pode concluir o que concluiu: os problemas que hoje enfrentamos são de ordem geográfica...

E para resolver estes problemas de natureza geográfica o sr. Limeira Tejo escolhe, como não poderia deixar de ser para quem acredita tanto na im-

portância dos impulsos primários, melos irracionais, isto é, contrários ao pré estabelecimento de um plano, tanto assim que critica a seleção que fizemos do elemento imigrante (sem dúvida ferrada por outros motivos) porque trouxemos para cá «gente laboriosa, pacífica e de boa textura moral», quando o país precisava da «dinâmica inescrupulosidade dos aventureiros» (pag. 152), naturalmente que o autor está aqui saudosos dos bandidos do Far West americano.

Talvez que este arraigado amor a uma vida impulsiva tenha sido a causa de Limeira Tejo se apegar tão fortemente aos valores de uma sociedade capitalista, de si tão pouco racional. O apêgo a estes valores transparece em todo o livro, desde o momento em que critica a nossa «aristocracia rural ociosa» que transmitiu sua mentalidade ao imigrante e com isto matou o espírito de empresa e impediu nas cidades a formação de «uma enérgica mentalidade capitalista» (pag. 108/9), com todas as vantagens de uma sociedade que presa o «self made man». E' admissível que tivesse sido vantajoso para nós a formação naquêles tempos de uma mentalidade capitalista, mas atribuir-se à ociosidade de uma classe a culpa de um fracasso deste tipo é raciocinar de modo simplista, e é mais provável que esta ociosidade, se verdadeira, é que fosse oriunda das condições de nossa vida econômica, cuja explicação só se encontrará no campo internacional.

É preciso ressaltar também que o ensaísta tenta dar às vezes a impressão de que está mostrando que o capitalismo têm criado enormes dificuldades ao povo brasileiro, entretanto, no fundo, faz uma defesa destes sistema que, se entre nós tem produzido a miséria da população, foi, segundo ele, apenas porque não dispõe ainda de sólidas bases. O remédio então seria cria-las. Daí lutar por uma melsoria do padrão de vida do povo, que seria a garantia de consumo para a produção nacional, como se pode deduzir do que escreve à página 257: «ainda hoje é geralmente vil o rendimento do esforço da grande massa do país e que, portanto, ela tinha e tem a retribuição que merece» mas é preciso que melhoremos esta retribuição porque se trata de «estimular um organismo econômico de desenvolvimento retardado».

Além do que, um regime capitalista desenvolvido (nós já mostramos que não será com estas panacéias de Limeira Tejo, que se irá resolver a crise econômica brasileira) oferece perspectivas razoáveis de ascensão social. Tanto assim que a ditadura estadonovista faz mau em procurar harmonizar o capital e o trabalho porque «inventou um conflito que historicamente ainda não tivera lugar» e com esta harmonização «o povo cedeu pelo prato de lentilha de uma segurança que ainda não necessitava» (pag. 261) as possibilidades de melhoria de sua existência.

O leitor desavisado poderá concordar com isto, mas se olhar mais adiante (cf. pag. 280), verá que a ascensão e a melhoria de existência são individuais, o que é um lôgro: apenas, por um mecanismo normal das sociedades capitalistas em certa fase, alguns poucos ingressarão nas camadas dominantes, desde que alcancem êxitos econômicos, mas a massa permanece como sempre esteve. E assim mesmo Limeira Tejo temendo ter despertado ambições perigosas afirma à página 278 que a hora

atual impõe «uma maior elasticidade de nossa sociedade e não «uma divisão da nação em classes», uma divisão da nação em campos, o que seria catastrófico para o desenvolvimento econômico...

Esqueceu-se somente de ver se isto é possível numa sociedade em que como ele mesmo dissera anteriormente (cf. pag. 88) há um antagonismo entre as aspirações da massa e os interesses dos produtores. Diga-se ainda que encarou a melhoria das condições sociais e econômicas do povo em termos que, somos forçados a admitir, são demagógicos: felicidade popular (pag. 220), melhoria de existência popular (230), compreensão dos nossos problemas em termos de bem comum (236), teoria de felicidade nacional (pag. 241), para só citar exemplos da última parte do livro.

Quanto a dizer-se que não havia um conflito entre capital e trabalho e que as leis trabalhistas o criaram, é um contra senso. Estas leis é que, como não poderia deixar de ser, são o reflexo de uma situação tensa, inda mais quando se sabe qual o papel do Estado em nossa sociedade.

Todos estes erros de perspectiva que vimos apontando até aqui vão repetir-se nas análises históricas desenvolvidas, onde se tornarão mais palpáveis ainda, e muitas vezes uma simples correção no relato histórico faz cair por terra toda argumentação de Limeira Tejo.

De início podemos dizer que em certas páginas do livro o leitor tem a impressão de que a história de nosso país processou-se por acaso ou pela simples vontade (ou ausência de) dos governantes. Assim é que, se analisarmos os movimentos nativistas «veremos que em nenhuma ocasião eles chegaram a representar a manifestação de uma consciência geral, ou a imposição de interesses que a ordem colonial contrariasse» (pag. 127/8), foram pois fruto do capricho de uns poucos. O autor negligenciou apenas que estes mesmos poucos só poderiam ter estes «impetus» se as condições sociais o exigissem, se a ordem colonial contrariasse algum interesse.

A abdicação fica sendo (e só com ela vem a nossa emancipação) uma vitória dada a nós «de mão beijada» já que D. Pedro sentiu-se «atraído pela aventura de reaver para a filha o direito à coroa de Portugal» (pag. 132). E «o primeiro império brasileiro foi um recurso português — foi uma tentativa de iludir, com o arranjo de uma monarquia dual, a ameaça de perda completa» (pag. 131). Sobre as condições sociais e econômicas nacionais e universais e que influíram decisivamente nestes acontecimentos, nem uma palavra sequer.

O relato vai nesta marcha até que impellido talvez pelos fogos de artifícios verbais, o autor chega a afirmações falsas sobre aspectos importantes de nossa formação. E' obrigado, em outras páginas, a desdizer-se. E' o que se dá quando, à página 106, afirma: «na aurora da República (...) não havia tempestades se formando nos céus do Brasil, nem a tropelia de novos interesses sociais andava forçando as portas ainda fechadas da história» e à página 182 assegura: «a instituição do novo regime

foi obra quase exclusiva das forças paulistas de produção» que queriam impor seus interesses e estes «eram os interesses da expansão capitalista num mundo cheio de vivências feudais»...

Outro ponto que nos parece contestável é o de dizer-se que a escravidão fosse o único sistema de trabalho que se conheceu aqui até à abolição (cf. pag. 145) e derivar-se daí uma série de males. E' preciso não esquecer que a escravidão estava diretamente ligada ao tráfico e desde que se deu a extinção deste tráfico entramos a necessitar de braços novos para a lavoura. Isto foi pela década de 1850-1860, como provam as cifras de entrada de escravos no país: 1850 — 23.000; 1851 — 3.000; e poucos; 1852 — pouco mais de 700, e depois disto só os desembarques de S. Mateus e Serinhaem, tão duramente reprimidos.

Para atender à lavoura, principalmente do café, não foi suficiente o tráfico interno (do norte para o sul) e se fez necessário o estabelecimento de fortes correntes migratórias já nas últimas décadas antes da abolição. Caio Prado diz que a partir de 1850 «veremos coexistir nas lavouras de café trabalhadores escravos e europeus livres» (História Econômica do Brasil, 2.ª ed., pag. 185). Além do que, para a indústria (e de 1880 a 1890 há um surto industrial) era mais econômico o emprêgo do trabalhador livre assalariado que do escravo, já bastante custoso. Além do que o próprio Limeira Tejo afirma que de São Paulo para baixo meteu-se a «cunha do trabalhador livre na cidadela escravagista» (pag. 177) para a formação de uma nova sociedade econômica.

A formação desta nova sociedade econômica é também um ponto contraditório nas páginas de Retrato Sincero do Brasil. O problema de formação de capitais e do delineamento em bases capitalistas de nossa economia não se resolve satisfatoriamente. Tome-mos uma afirmação da página 142, por exemplo: «um século inteiro levou esta formação de capitais e só muito depois da proclamação da República — pode-se dizer que só pela época da primeira guerra mundial — é que começaram a definir-se as linhas de uma estrutura capitalista», corroborada por outra da página 154 segundo a qual, o Brasil quando da abertura dos portos (1808) era um país impreparado econômica e mentalmente e «continou sendo por todo o século dezanove, se mtrabalho livre, sem mercado interno, sem capitais, sem transportes — sem clima para o espírito de iniciativa».

Pois bem, em outras passagens mais adiante vemos o autor negar estas afirmações e para não ficar muito feio fala num **entretanto** (pag. 177) durante o qual se lançam as bases de uma nova sociedade econômica. Diz ser verdade também que as plantações de café avançam «tendo se realizado já sobre bases capitalistas (pag. 178), o que forçou a melhoria do sistema de comunicação. E não foi só em São Paulo este desenvolvimento, dado que «em 1875 (...) uma exposição realizada em Porto Alegre nos dá notícia de uma já notável atividade manufatureira na região» (pag. 199) e, na aurora do século vinte houve um impulso tal que uma outra exposição realizada em 1901 «é já uma parada de realizações fabris»

(pag. 200). Podemos, é certo, dizer que já no século dezanove havia uma economia de base capitalista atuando no Brasil, basta considerarmos a exploração de nossa agricultura tendo em mente a produção em grande escala, sua colocação no mercado internacional, e o financiamento em bases capitalistas desta produção.

Aliás a formação de capitais tomou um grande impulso com a libertação do capital empatado no tráfico de escravos, que se traduziu logo em um incremento das atividades econômicas no decênio 1850-1860, nas quais se vê algumas típicas de uma sociedade capitalista. Por esta época fundaram-se 62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transporte urbano, duas de gás e oito estradas de ferro, e já se notam crises econômicas e financeiras características de estruturas capitalistas.

Quando da proclamação da república nosso intercambio comercial «cifrava-se em cerca de 500.00 contos, o que colocava o país entre os grandes participantes do comércio internacional» (Caio Prado Júnior, op. cit., pag. 206); o progresso econômico na segunda metade do século dezanove foi notável, tendo-se passado de:

Exportação 900 534; Importação 1 016 686 em contos entre 1851-1860 a Exportação 2411 006; Importação 2 102 297 em contos entre 1880-1890, com uma rede de estradas de ferro de 9000 Km construídos e com 50000 Km regulares percorridos pela navegação fluvial. (nota 2).

Como se vê, havia já no século dezanove, e continuou pelo vigésimo século acrescido pelo investimento cada vez mais forte do capital estrangeiro uma economia de bases capitalistas no Brasil, tendo havido até um surto industrial, se bem que logo frustrado e não ainda, o que se poderia chamar de um **processo de industrialização**.

Estes exemplos que escolhemos servem para mostrar a fragilidade da análise do snr. Limeira Tejo quanto a alguns aspectos importantes de nossa história. A par destes erros continua, a total ignorância do Brasil como parte de um sistema econômico mundial e o desinteresse por sua estrutura social.

Parece-nos que isto é suficiente para invalidar as elaborações contidas neste Retrato Sincero do Brasil. Há em todo livro abundância de interpretações sem fundamento em pesquisas sérias e sem o mínimo apóio em métodos científicos, impressões apenas. Se ajuntarmos a isto a impropriedade constante dos conceitos empregados, e basta citar como exemplo um emprêgo esquisito que Limeira Tejo faz de **império**, afirmando que «somos um império. Temos, pois, a obrigação de **organizar imperialmente nossa existência**» (pag. 281), sem explicar o que com isto queira dizer e repetindo esta mesma idéia constantemente (cf. pags. 232, 243, 246 e 284) temos um panorama do que seja este novo retrato do Brasil que, ainda que possa ser sincero, é forçosamente falso.

Nota 2: estes dados, como os demais aqui citados, encontram-se em Caio Prado Júnior, **História Econômica do Brasil**.

## CINEMA

# OS QUATRO MELHORES FILMES DO ANO

Em nossa opinião, os melhores filmes do ano são quatro: "O preço de uma vida" (Edward Dmytryk, "Luzes da cidade" (Charles Chaplin, "Sem novidades no front" (Lewis Milestone) e "À margem da vida" (John Cromwell). Em "O preço de uma vida", Dmytryk fez sua obra-prima, narrando o drama de um casal pobre, ele pedreiro, ela camponesa, afogados impietosamente pela miséria do regime capitalista. "Luzes da cidade", do grande Chaplin, não necessita comentário. "Sem novidades no front" realizado em 1931 por Milestone, é um dos grandes clássicos do cinema, uma obra-prima cem por cento antiguerreira, e que vem emocionando milhões e milhões de espectadores desde a sua realização. "À margem da vida", com Eleanor Parker e Hoppe Emerson nos principais papéis, é uma análise fria e corajosa do



A preparação de uma tomada de "Crepúsculo dos deuses", em que aparece Gloria Swanson

regime penitenciário feminino nos Estados Unidos. Além do grande mérito de conter uma história vigorosa, tem a seu favor duas belíssimas interpretações: a de Hope Emerson, que conquistou o "Oscar" de coadjuvância, e a de Eleanor Parker, que no dizer da crítica mais abalizada e honesta, merecia o prêmio como melhor intérprete feminina de 51, no que foi obstada dado o contundente argumento que o filme trazia.

Destas quatro películas, apenas uma, "À margem da vida", lançada em obscuridade absoluta, não se destacou como sucesso de bilheteria. "Sem novidades no front" e "Luzes da cidade", o foram absolutos. Mas, inexplicavelmente, apesar de terem ultrapassado em muito a meia de dobra de filmes das casas de exibição, não conseguiram segunda semana, o que aliás ocorre com todos os filmes de bom conteúdo, lançados pelos distribuidores ianques apenas para completar a cota mínima de cada mercado.

Em seguida podemos citar "Sem piedade" (Alberto Lattuada), "O invencível"

(Mark Robson), "Os malditos" (René Clément). O primeiro, além de seus grandes méritos como portador de uma história honesta e forte, sobre as terríveis consequências da guerra na Itália, dentro do gênero néo-realista, traz para o cinema um elemento novo: a denúncia da perseguição ao soldado negro, dentro das próprias fileiras do exército americano. O negro é o excelente ator John Kitzmiller e a heroína Carla del Poggio. "O invencível", de Mark Robson, embora um tanto decalcado em "Punhos de Campeão", de Robert Wise, vasculha o imundo ambiente de boxe dos Estados Unidos, onde o lutador é um marionete lucrativo nas mãos dos ricos "book-makers". "Os malditos", do diretor de "Batalha dos trilhos", é um filme antinazista de grande classe, quase todo ele passado dentro de um submarino, trazendo forte contribuição à caracterização da decadência moral e sexual dos oficiais de Hitler. Ainda dentro desta classificação, não poderíamos deixar de citar "Fugitivo de Sta. Marta", de Joseph Losey, talvez o primeiro filme americano a denunciar as perseguições contra as minorias mexicanas dos Estados Unidos. No caso, a ação passa-se em Sta. Marta, uma cidadezinha encravada na Califórnia, entre os plantadores de tomate. Este filme é uma daquelas produções classe "b", baratas, em que os diretores, pela própria classificação do padrão do filme, conseguem furar a cortina-de-ferro de todas as censuras, inclusive aquela que talvez seja a pior: a censura dos gananciosos produtores que fiscalizam a um tempo só a realização de vários filmes.

Dentre os filmes franceses temos a acentuar ainda "Vítimas do destino", de Julien Duvivier, que pretendeu fazer uma análise das casas de correções para moças na França.

Duvivier evidentemente realizou uma obra bem aquém da de John Cromwell em "À margem da vida", mas que tem grande valor, quer pela história, quer pela interpretação de um grupo de "vedet-



Carla del Poggio em "Sem Piedade"



Cena de Sem novidades no front, de Milestone

tes" estreantes (entre as quais Nicole Courcel), quer pela feliz concepção cinematográfica. Cristian Jacque, também diretor da velha guarda, compareceu em nossas telas com uma obra apreciável. Trata-se de "Anjo pecador", infame tradução de "Mademoiselle Fifi", baseada neste conto de Maupassant, que lhe deu o título original e em "Boule de suif" (Bola de sebo), uma sátira bem arremessada contra a burguesia francesa, que não titubeia em escancarar suas portas ao invasor, enquanto o zé-povinho dá seu sangue em defesa da pátria. Tivemos ainda procedente da França, como produção franco-italiana "Três dias de amor", história original fraca, interpretada por Isa Miranda e Jean Gabin, mas que foi salva pelo sentido que lhe deu Clément na direção. M. Carné assinou o ponto duas vezes na tela paulista: com uma obra velha: "Hotel do norte" e com uma recente: "Paixão abrasadora" (Marie du port), ambas muito bem concebidas e realizadas, mas ambas cínicas e mórbidas. Ao morrer do ano, outro filmar, dirigido pelo cosmopolita Max me francês fez sucesso: "Conflitos de Ophus. Um filme que só tem montagem e interpretação. No mais, é uma história abjeta, uma ronda indiscreta e imoral por bordéis e alcovas de concubinas e adúlteras.

Dos filmes de língua castelhana, apenas um se destaca e se destaca mal, diga-se de passagem. É "Rio escondido", da dupla Fernandes-Figueroa, que não passa de pura demagogia oficial, mostrando que o governo mexicano é bonzinho e que combate as misérias do latifúndio com professoras "boas"... Além disso a gente vê o sr. Figueroa cada vez mais embriagado com aquela "caña" celestial que devem ser as nuvens do México.

Sentimo-nos obrigados a citar mais alguma coisa interessante que apareceu por aí. Temos, por exemplo, "Pânico nas ruas", uma boa película dentro do gênero semi-documentário, que agradou ao público. Direção do egípcio Elia Kazan com Richard Widmark no principal papel. Mark Robson, depois de "Fronteiras perdidas" e "Almas em revolta", dois semi-abacaxis, um dizendo que preconceito de cor não há nos Estados Unidos e outro que os padres americanos são canções para solucionar problemas sociais, nos deu "Só resta a lembrança", filme antiguerreiro e anti-racista, em que Arthur Kennedy tem uma excelente interpretação.

Com algumas restrições, podemos apresentar "Nascida ontem", do veterano George Cukor, como a melhor comédia satírica do ano, focalizando os "big business men" ianques. Estrelam o filme Broderick Crawford, William Holden e

Judy Holliday, que, numa grande interpretação, abischoitou o "Oscar" de 51.

\* \* \*

Não poderíamos, evidentemente, deixar de falar em "Malvada" e "Crepúsculo dos deuses". O primeiro, puro teatro filmado com Manckiewicz na direção, recebeu nada menos do que 17 prêmios, o que afinal de contas nada significa, levando-se em conta as injuções político-comerciais que presidem à distribuição de lauréis na América do Norte. Um filme demagógico, desonesto, em que aquele aquele diretor leva duas e meia horas para convencer o público de que gente talentosa neste mundo tem é que dar golpes baixos para progredir.

"Crepúsculo dos deuses", uma obra pomposíssima, magnificamente realizada por Billy Wilder, com grandes interpretações de Glória Swanson, Eric von Stroheim e William Holden, focaliza o saudosismo do cine mudo, com algumas críticas bem endereçadas à produção cinematográfica de Hollywood.

\* \* \*

O cinema nacional marcou um passo à frente no caminho de sua consolidação industrial e artística no ano de 1951. O cinema carioca conseguiu ainda manter-se na liderança da produção, apesar de ter triplicado o número de filmes paulistas. Tivemos também em 51, filmes provenientes de outros Estados como Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Em consequência desse acréscimo na produção, houve uma sensível melhora no nível técnico. Entretanto, o nível artístico suplantou em pouco a média dos anos anteriores. O aproveitamento de histó-

rias brasileiras, que reflitam nossa gente e nossos costumes, ficou novamente à margem. Tanto assim que nos sentimos embaraçados para a classificação do melhor filme do ano. Diante da pornografia da produção carioca, da banalidade de "Suzana e o Presidente", do formalismo de "Angela" e "Presença de Anita", do reacionarismo de "Terra sempre terra" preferimos optar pelo "Comprador de

Fazendas", embora, neste filme, não tenha sido aproveitada com toda pujança a graça cabocla de Monteiro Lobato. De todos os filmes apresentados, é o que melhor reflete o espírito de nosso povo. Conduzido com certa versatilidade e com um apreciável acabamento técnico, foi o preferido do público e indubitavelmente merece as honras de o melhor filme nacional.



Sam Wanamaker (em primeiro plano) em "O preço de uma vida"

## NOTAS E NOTÍCIAS

### O EGITO AMPLIA O CAMPO DE PAZ

Embora somente noticiando aquilo que mais convém ou então o que seria ridículo esconder, os jornais de cada dia trazem para as suas páginas a luta vigorosa de libertação nacional em curso no Egito. O campo da paz se amplia. 70 anos de duras lutas atingem agora o seu ponto mais alto. E apesar das traições, não se pode duvidar um só instante de que o Egito inflingirá outra dura derrota ao imperialismo inglês — ora em estado adiantado de crepúsculo.

Com uma população de 16 milhões de criaturas, possui o Egito 13 milhões de "fellash" miseráveis, com média de três doenças cada um. A agricultura se amarra aos interesses das fábricas inglesas, em regime de iníqua exploração. Mas, nestes tempos, é impossível conter as massas populares, impedir que o novo nasça e que o velho morra. É o que ocorre no Egito.

O imperialismo é a guerra, a opressão dos povos coloniais que se transformam em fontes de matérias-primas, bases militares e carne para canhão. Lutar, pois, pela libertação nacional, é lutar pela paz, é golpear o imperialismo nos seus designios agressivos, é esclarecer o povo

de que a guerra não o interessa e sim o destrói.

Neste processo de esclarecimento e luta, o povo, ao fogo de sua própria experiência política, aprenderá a ver quem está do seu lado e quais são os seus inimigos. Verá que os mesmos que o exploram são os donos dos jornais e publicações que pregam a guerra, a cruzada contra o comunismo

O que ocorre hoje, no Egito, é em essência o que ocorre em todos os países coloniais, onde o povo toma em suas mãos a causa da paz, a causa da independência e do progresso nacional, lutando contra a guerra que os serviços do imperialismo desejam impôr-lhe. Classe consequentemente nacional, cabe ao proletariado um papel decisivo nesta luta. É o proletariado o herdeiro legítimo das melhores tradições políticas de seu povo, a classe que não faz negócios com a guerra, que sofre todas as consequências da política armamentista e que, afinal de contas, vai servir de carne para canhão, enquanto a burguesia, na euforia dos lucros, fala nos sagrados princípios desta idiotice total que é "a civilização cristã e ocidental", esplendidamente simbolizada em Adhemar, Chateaubriand, fome, miséria, analfabetismo, etc.

Concluída a II Guerra Mundial, a derrota do fascismo abriu um novo ciclo na história da humanidade. O capital realizou um processo brutal de concen-



O povo do Cairo protesta nas ruas contra a exploração das empresas estrangeiras

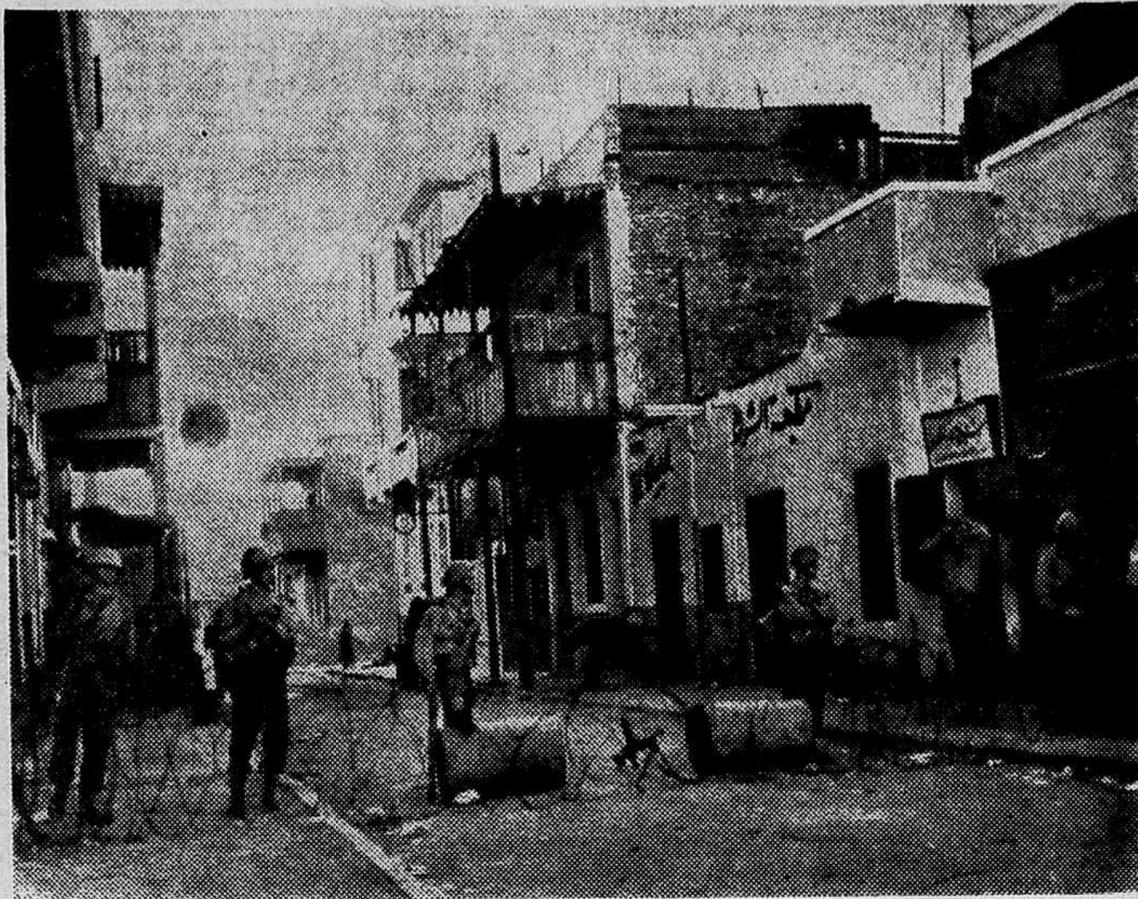
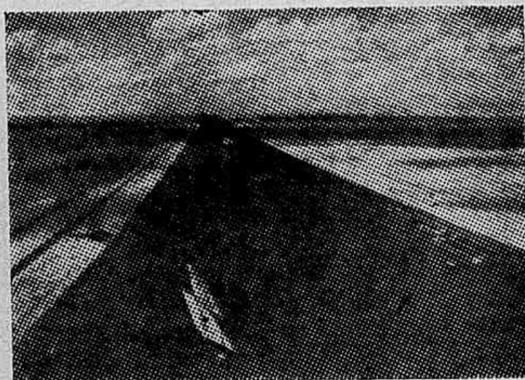
tração, aguçaram-se as suas contradições e com elas o seu desespero se acentuou, enquanto o campo da paz foi progressivamente se ampliando, até se tornar in-

vencível. Perspectiva de crise, de um lado; enorme progresso de outro lado. A paz sufoca o imperialismo, rouba-lhe os negócios, gera-lhe o desemprego, cria-lhe inimigos por todos os lados. A guerra, não. Esta lhe permite a chantagem, o massacre. Por isso odeia a paz, a paz que hoje realiza autêntico cerco do imperialismo, detendo-lhe a mão assassina.

Mas, é dramática a situação do imperialismo. Como vai ele explicar para o povo egípcio, para os seus milhões de "fellahs", que o inimigo é a União Soviética? A União Soviética que nenhum interesse tem em seu país e que, fraternalmente, apoia e encoraja, com sua política anti-imperialista e em favor do desenvolvimento nacional de cada povo, a sua luta?

Mais do que nunca, o povo, com o seu proletariado à frente, precisa se organizar, sem esquecer jamais de que a luta pela paz é a sua luta, o bom combate contra os seus implacáveis inimigos.

Para só ficar com três exemplos, Coreia, Irã e Egito são símbolos do mundo e do homem novo que nascem.



A zona do Canal de Suez é o centro das lutas dos egípcios contra os ocupantes ingleses. 40.000 operários deixaram o trabalho, enquanto os guerrilheiros enfrentam as tropas britânicas, procurando expulsá-las

### UM SAMBA SUBVERSIVO.

Negando na prática tudo o que havia prometido em sua campanha eleitoral o demagogo Vargas, o homem da carne a quatro cruzeiros, e da exploração estatal do nosso petróleo, assume atitudes as mais antipáticas e contrárias aos interesses de nosso povo.

Exprimindo o desengano das camadas populares no desprestigiado governo Vargas, apareceu um samba que proibido pelo Serviço de Censura às Diversões Públicas, vem sendo procurado com ansiedade. O samba chama-se «Ele disse» e é seguinte a sua letra que transcrevemos para aqueles que ainda não a conhecem:

Ele disse:

— Vou dar carne a quatro pratas!

Ele disse:

— Vou dar casas mais baratas!

Ele disse:

— Se ganhar na eleição.

Mas depois de tanto tempo lá em

[cima,

Não tem carne, não tem leite e não

[ha pão.

O leite já sumiu.

E a manteiga desertou.

Feijão?

Quem viu?

Transporte, piorou!

E o barraco do proleta, lá no morro,

## LIVROS E REVISTAS

FLAMA — Redação Av. São João, 560 — 1.º — Sala 12 — Araraquara. — Acaba de ser lançado o primeiro número dessa revista, editada em Araraquara. Dirigida pelo poeta Clovis Moura, colaborador de FUNDAMENTOS, esse mensário ilustrado se propõe a "ser o veículo progressista e honesto da vida social, artística, esportiva e cultural do Município" que "editado em Araraquara, possa circular e ser útil em todo o Brasil". No intuito de estimular o desenvolvimento dos novos escritores, instituiu a revista um concurso de contos, oferecendo prêmios para os dois primeiros colocados.

\* \* \*

ÉDIPO — Chegou-nos à mão o n.º 17 desse mensário de cultura espírita. Destacamos a matéria redatorial onde é

tratado o problema da guerra e consequentemente a aspiração maior dos povos que é a paz. Saliencia o artigo a necessidade da luta cada vez mais consequente para salvaguarda das vidas dos jovens, os primeiros sacrificados nas hecatombes guerreiras, e conclama a todos espíritas, ou não, a lutarem no sentido de se formar uma mentalidade de paz, "segundo as lições e o exemplo daquele que foi manso e pacífico: Jesus Cristo". Isto apesar de uma "preparação psicológica para a guerra que de tal maneira empolga os homens públicos que hoje, falar em paz, lutar pela paz, é um risco". Estamos certos de que os povos saberão vencer esses riscos e não consentirão que se suprima o direito de lutarem pelas suas aspirações.

### O LIVRO NA HUNGRIA

É grande o progresso do livro húngaro nos últimos sete anos. Em 1938 se publicaram 3.126 obras com uma tiragem de sete milhões e meio de exemplares. Em 1950 apareceram 6.404 livros com um total de 63.000.000 de exemplares, sendo que na Jornada do Livro, em 1949, foram vendidos somente em Budapeste 30.700 exemplares. Não se trata apenas de cifras, mas também da elevação de nível dos livros, o que é fácil de vê-se quando notamos a preferência por Shakespeare, Dickens, Balzac, Theodoro Dreiser — que teve, por motivo do 80.º aniversário de seu nascimento, a publicação de suas obras completas, enquanto que nos Estados Unidos de Truman, Howard Fast está preso, e Jorge Amado sofre no Brasil quatro processos por delito de opinião.

Um prefeito arrevezado derrubou.

Ele disse:

— Não tolero exploração!

Ele disse:

— Não aceito exploração!

Ele disse:

— Na comida nem na roupa!

Mas fingindo que não tinha dito

[nada,

Fez ursada:

Pôs Cabello em minha sopa!

Ele disse:

— Vou dar carne a quatro pratas!

[etc.

# MANIFESTO DE CONVOCAÇÃO DA CONFERENCIA CONTINENTAL AMERICANA DE PAZ

A ameaça de uma terceira guerra mundial impõe aos nossos povos, na America, assim como a todos os demais povos do mundo, o dever de defender a paz. Embora tenham sido empreendidas negociações para resolver pacificamente o conflito coreano, as hostilidades não terminaram, e o perigo da extensão do conflito continua ainda. Por outro lado, a constituição de formações militares na Alemanha e no Japão, a fabricação de armas cada vez mais mortíferas, a multiplicação de bases aéreas e navais, assim como o aparecimento de conflitos susceptíveis de agravação no Oriente Proximo, aumentam assustadoramente a tensão internacional.

As consequências de uma tal situação já se fazem sentir duramente para nossos povos.

Mães americanas choram seus filhos mortos na Coréia, e apesar da oposição manifestada pelos povos, continua-se a pedir o envio de novas tropas. Os compromissos economicos e militares atentam contra a independencia de nossas patrias. Os acordos assinados pelos diversos governos na Conferencia de Chanceleres em Washington exigem enormes sacrificios das nações americanas. Pesa sobre os ombros de nossos povos a tremenda carga dos armamentos. Escolas e hospitais são substituídos por quartéis. Arrebatam das mãos dos jovens o pão e o livro para dar-lhes fuzis e metralhadoras. As riquezas naturais de nossos países são empregadas na fabricação de armas de destruição em massa. Restringem-se cada vez mais os direitos do povo e as liberdades individuais. Conseguiu-se chegar, enfim, a um clima de temor e insegurança que se torna insuportável.

No entanto, os povos podem modificar esse estado de coisas, unindo todas as suas forças para salvar a paz.

Foi a sua vontade de paz manifestada com um crescente vigor, que impôs o inicio das negociações para um armistício da Coréia, obtendo-se assim a primeira vitória do espirito de negociações sobre o metodo da força.

É preciso que os povos redobrem de esforços a fim de que se consolide essa vitória e se chegue à regulamentação pacifica de todas as pendencias que originam a atual tensão internacional.

A historia nos mostra que a politica tendente a regular as pendencias internacionais por meio de um sistema de força conduz sempre à guerra. É possível a regulamentação pacifica para resolver os problemas existentes entre dois sistemas sociais diferentes. O momento presente exige uma tal regulamentação a fim de salvaguardar a paz e assegurar o bem-estar e o progresso da humanidade. É por esta razão que a vontade de paz dos povos se exprime na idéia de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potencias: Estados Unidos, União Soviética, a Republica Popular da China, a França e a Grã-Bretanha. Este Pacto de Paz, aberto a todos os Estados, pode ser o caminho para o desarmamento geral e para pôr fim à guerra frai. Para as nações americanas, a regulamentação pacifica dos problemas internacionais representa a garantia da soberania nacional e a possibili-

dade de um amplo e livre intercambio economico e cultural com os países do mundo inteiro.

A fim de que os povos americanos possam tornar efetiva a sua vontade de paz, convocamos uma Conferencia Continental Americana pela Paz, a reunir-se na ultima semana de Março de 1952, no Rio de Janeiro.

Esta Conferencia deverá procurar os meios proprios aos povos do continente para contribuir a pôr fim às guerras em curso e obter a garantia de uma regulamentação pacifica dos problemas internacionais, de modo a salvaguardar a independencia nacional de nossas patrias, desenvolver o bem-estar de nossos povos e preservar nossas tradições culturais.

Convidamos a participar dessa Conferencia a todos quantos desejam sinceramente a paz, quaisquer que sejam suas divergencias de opinião politica, suas crenças religiosas ou seus pontos de vista sobre as causas da crise atual: operarios e camponeses, mães e jovens, intelectuais e sacerdotes, sabios e tecnicos, militares e estudantes, industriais e comerciantes, artistas e escritores, todos os homens e mulheres de boa vontade de todos os países do continente americano.

Lançamos esta convocação na certeza de que os povos das Americas farão dessa Conferencia um acontecimento historico para a paz do mundo.

1.º de novembro de 1951



## A COMISSÃO DE INICIATIVA:

GABRIELA MISTRAL, premio Nobel de Literatura, Chile; BENJAMIN CEVALLOS ARIZAGA, presidente da Corte Suprema de Justiça, Equador; SALVADOR ALLENDE, vice-presidente do Senado, Chile; ROBERTO ALVARADO FUENTES, presidente do Congresso Nacional, Guatemala; JOSEPH FLETCHER, professor do Seminário Teológico de Cambridge, Estados Unidos; JOSÉ GALVEZ, escritor, ex-Vice-presidente da Republica, Peru; Padre ENRIQUE PEREZ ARBELAEZ, sacerdote catolico, naturalista, Colombia; CANDIDO PORTINARI, pintor, Brasil; LEONIDAS BARLETTA, diretor do Teatro do Povo de Buenos Aires, Argentina; ALBERTO NAVARRO, alcaide da Capital, Panamá; PAUL ROBESON, artista, Estados Unidos; MANUEL BENJAMIN CARRION, escritor, presidente da Casa da Cultura, Equador; JOÃO PEREIRA SAMPAIO, desembargador da Corte de Apelação do Rio Grande do Sul, Brasil; BALDOMERO SANIN CANO, filosofo, Colombia; AFONSO CASO, antropologo, México; OSCAR NIEMEIER, arquiteto, Brasil; CARLOS GARCIA VELEZ, general da independencia, Cuba; JAMES G. ENDICOTT, eclesiastico, Canadá; JOSÉ ASSUNCION FLORES, compositor, Paraguai; ENRIQUE GONZALEZ MARTINEZ, escritor, México; CARDOZA Y ARAGON, escritor e diplomata, Guatemala; JOAQUIM GARCIA MONGE, escritor, Costa Rica; JESUALDO, educador, Uruguai; ELIAS ENTRALGO, historiador, Cuba; MARIA ROSA ALIVER, escritora, Argentina.

## SIGNATARIOS DO BRASIL:

JOAO PEREIRA SAMPAIO, desembargador da Corte de Apelação do Rio Grande do Sul; ARCADIO LEAL, juiz de direito de Porto Alegre; OCTAVIO DA SILVEIRA, catedratico da Universidade do Paraná; ANDRÉ NUNES JUNIOR, Presidente da Camara da Cidade de São Paulo; CAMPOS VERGAL, deputado federal; MANUEL MATEUS VENTURA, Professor da Escola de Agronomia do Ceará; GRACILIANO RAMOS, romancista, Presidente da Associação Brasileira de Escritores; PLINIO COELHO, deputado federal; JOSÉ ANTONIO ARANHA, Presidente da Camara da cidade de Porto Alegre; ABEL CHERMONT, advogado, ex-senador; EDISON CARNEIRO, etnologo; CESAR AVILA, Catedratico da Universidade do Rio Grande do Sul; CLOVIS GRACIANO, pintor; BRANCA FIALHO, educadora.